

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**GUILHERME BARP**

**OS CONTOS ESQUECIDOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RESGATE E  
EDIÇÃO ATUALIZADA**

**PORTO ALEGRE**

**2023**

**GUILHERME BARP**

**OS CONTOS ESQUECIDOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RESGATE E  
EDIÇÃO ATUALIZADA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras - Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Cinara Antunes Ferreira

**PORTO ALEGRE**

**2023**

### CIP - Catalogação na Publicação

Barp, Guilherme  
Os contos esquecidos de Júlia Lopes de Almeida:  
resgate e edição atualizada / Guilherme Barp. -- 2023.  
181 f.  
Orientadora: Cinara Antunes Ferreira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Júlia Lopes de Almeida. 2. Escritoras  
brasileiras. 3. Contos. 4. Resgate. 5. Edição  
atualizada. I. Ferreira, Cinara Antunes, orient. II.  
Título.

**GUILHERME BARP**

**OS CONTOS ESQUECIDOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: RESGATE E  
EDIÇÃO ATUALIZADA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras - Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 2 de maio de 2023.

Resultado: Aprovado com indicação unânime de voto de louvor.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira – Orientadora  
Instituto de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Jéssica Fraga da Costa  
Instituto de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Regina Zilberman  
Instituto de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani  
Área do Conhecimento de Humanidades  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

À minha avó, *in memoriam*.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó, mãe e irmã, por todo o auxílio.

À professora Cinara, por acreditar no meu potencial e nas minhas ideias e por supervisionar, sempre de forma acolhedora, o meu progresso durante os anos de Mestrado.

À professora Cecil, mestra e mentora, por me indicar a escritora que é o foco desta Dissertação, além de sempre me ajudar quando necessitei.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Literatura e Gênero da Universidade de Caxias do Sul, por todos os ensinamentos.

A todos os amigos que estiveram presentes nos últimos anos da minha trajetória acadêmica, pelo suporte emocional.

*“A leitura de nossas escritoras do passado revela grande parte da história que a história oficial não contou. Sem sombra de dúvida, foram precursoras da inquietação e dos questionamentos presentes em boa parte da literatura de autoria feminina contemporânea. Hoje, no clamor por justiça social, ecoam as vozes femininas que ousaram enfrentar o autoritarismo institucionalizado de ontem.”*

**Helena Parente Cunha**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é produzir uma edição atualizada de contos de Júlia Lopes de Almeida restritos até então à imprensa, a fim de contribuir para o acesso a esse material, a sua preservação e a sua conseqüente (re)consideração nos Estudos Literários e no horizonte de investigações sobre a poética da autora. Para tanto, foi necessário, inicialmente, examinar as possibilidades do resgate da produção literária de escritoras para fundamentar esta pesquisa. Posteriormente, recuperaram-se os contos de Júlia Lopes de Almeida publicados apenas em periódicos brasileiros e portugueses do fim do século XIX, que estão disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil, a Hemeroteca Nacional Digital. Então, estabeleceram-se os critérios e procedimentos para a viabilização da edição atualizada das narrativas recuperadas. Metodologicamente, este estudo se baseia em revisão bibliográfica, a partir de aportes teóricos dos Estudos de Gênero e da Crítica Textual, e documental, no que diz respeito às fontes primárias da imprensa. As etapas da pesquisa culminam na edição atualizada de contos de Júlia Lopes de Almeida anteriormente editados apenas em periódicos.

**Palavras-chave:** Júlia Lopes de Almeida. Escritoras brasileiras. Contos. Resgate. Edição atualizada.



## ABSTRACT

The goal of this dissertation is to produce an updated edition of Júlia Lopes de Almeida's short stories that were only published in newspapers and magazines. This was done in order to contribute to the access to this material, its preservation and, consequently, its (re)consideration in the Literary Studies and in investigations regarding Almeida's work. Initially, it was necessary to examine how to execute the recovery of forgotten women writers' literature. Then, the short stories were recovered from periodicals available at Hemeroteca Nacional Digital, the national library's digital archive. Subsequently, the criteria and procedures for the production of the updated edition were set. Methodologically, this study is based on bibliographic and documental research. Gender Studies and Textual Criticism theoretical contributions are consulted, as well as primary sources from the press. This study's stages culminate in a final product, the updated edition of Júlia Lopes de Almeida's short stories that were limited to newspapers and magazines' pages so far.

**Keywords:** Júlia Lopes de Almeida. Brazilian women writers. Short stories. Recovery. Updated edition.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Listas de contos encontradas no espólio de Júlia Lopes de Almeida .....	62
Figura 2 – Intervenções textuais no conto “Illuminuras - As lagrimas”, a partir da comparação de testemunhos de 1885 e 1889 .....	69
Figura 3 – Passagem danificada no conto “Duas almas” .....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Reedições de livros de escritoras brasileiras do século XIX realizadas pela Editora Mulheres .....	35
Quadro 2 – Contos e crônicas de Júlia Lopes de Almeida inseridos em <i>Contos infantis, Traços e iluminuras, Livro das noivas e Ânsia eterna</i> .....	43
Quadro 3 – Testemunhos selecionados para a composição da edição atualizada .....	70
Quadro 4 – Modificações no uso de pontuação na edição atualizada .....	80

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A TAREFA DE RESGATAR ESCRITORAS DO PASSADO .....</b>	<b>23</b>
2.1 PRIMEIRA FASE: INICIAÇÃO .....	26
2.2 SEGUNDA FASE: ESTRUTURAÇÃO .....	30
2.3 TERCEIRA FASE: CONSOLIDAÇÃO E RUMOS FUTUROS .....	37
<b>3 RESGATANDO CONTOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA RESTRITOS À IMPRENSA .....</b>	<b>42</b>
<b>4 CRITÉRIOS PARA UMA EDIÇÃO ATUALIZADA DOS CONTOS RECUPERADOS .....</b>	<b>65</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>177</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A emergência dos Estudos Culturais, a partir da década de 1950, como perspectiva teórica, propôs explorar artefatos culturais e práticas significantes em seus contextos de produção e recepção na sociedade. Um dos focos da abordagem foi não mais analisar, exclusivamente, esses elementos em relação à cultura erudita, termo que, com frequência, era tomado como significado único e restrito para “cultura”.

A conjuntura após a Segunda Guerra Mundial, conforme Cevalco (2009, p. 321), apresentou uma alteração no cenário intelectual da Inglaterra, que buscava “uma visão mais democrática e inclusiva de cultura e uma forma mais integrada de ver as formas culturais como articulações de processos reais”, dando força a esse movimento. Nesse sentido, obras inglesas de crítica da metade do século XX, como *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, e *Culture and society* (1958), de Raymond Williams, abordam noções de cultura associadas às práticas do dia a dia da época em que viviam,<sup>1</sup> não necessariamente uma “alta cultura”, apresentando foco em aspectos como classe e consumo de massa de bens culturais. É possível observar que essa área, desde a sua formação, esteve preocupada com grupos identitários marginalizados, assim como os artefatos de seus cotidianos. Trazendo essa modalidade de investigação para a contemporaneidade, pode ser notado que, ainda,

o trabalho nos estudos culturais se harmoniza particularmente com o caráter problemático da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas. Particularmente importante, portanto, é o estudo das culturas e identidades culturais instáveis que se colocam para grupos – minorias étnicas, imigrantes e mulheres, que podem ter problemas em identificar-se com a cultura mais ampla na qual se encontram – uma cultura que é ela própria uma construção ideológica que sofre mudanças. (CULLER, 1999, p. 52).

Esse estudo da situação da esfera de grupos dissidentes, com seus (entre)lugares na cultura hegemônica e suas produções, encontraria espaço, também, na literatura, tomando-a como objeto de pesquisa. Ao adentrarem o âmbito literário, os Estudos Culturais propuseram o estudo de tal arte a partir de uma outra concepção, que buscava desconstruir a ideia da existência de um conjunto de obras de valor universal e transcendental.

Em consonância com isso, nas décadas seguintes, observou-se o surgimento de uma efervescência de novos pressupostos teóricos, em relação à investigação das obras literárias, que se opunham às metodologias anteriores, provocando “[...] mudanças de paradigmas nas

---

<sup>1</sup> Um exemplo francês é, também, *Mythologies*, de Roland Barthes, publicado em 1957.

diversas disciplinas que deles se ocupam, obrigando não só à revisão de conceitos considerados definidos, mas também a atuações marcadamente interdisciplinares.” (CARVALHAL, 2003, p. 15). Alterando o foco de um conjunto de obras que seriam representantes da “alta cultura” ocidental, a Teoria da Literatura, a Crítica Literária e a Literatura Comparada abriram espaço para as produções culturais de minorias sociais, como as mulheres, e buscaram entendê-las em seus contextos de produção e recepção.

Embora a crítica feminista tenha sido uma abordagem que se situou, inicialmente, no território selvagem, de acordo com Showalter (1994), por não possuir uma base teórica consistente, foi considerada por Culler (1999) como responsável por mudanças substanciais nos Estudos Literários. O pluralismo do movimento permitiu que se buscassem diversos objetivos, levados a cabo a partir de diferentes perspectivas, sendo que um desses primeiros foi o de apontar problemas na representação das personagens femininas criadas por homens. Contudo, a partir de 1970, manifestava-se uma nova tendência, algo que Heilbrun e Stimpson (1989) notaram, e, num diálogo, separaram as modalidades de pesquisa em duas ramificações, “X” e “Y”. “Y”, a inicial, foi comparada ao Antigo Testamento, “[...] buscando pelos pecados e erros do passado [...]” (HEILBRUN; STIMPSON, 1989, p. 64, tradução nossa).<sup>2</sup> Seria nomeada, posteriormente, *feminist critique* ou *criticism*, por Showalter (1994). A segunda, “X”, o Novo Testamento da crítica feminista, não estava mais focada na análise da mulher como objeto na literatura de autoria masculina, como a primeira. Chamada de *gynocritics* por Showalter (1994), tinha interesse pela produção literária feminina, sendo o

[...] estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos das mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres. (SHOWALTER, 1994, p. 29).

Entretanto, para que esses objetivos pudessem ser alcançados, a ginocrítica se voltou, primeiramente, a uma tarefa específica: o resgate de escritoras de outrora. Muzart (2000) define essa abordagem como o ato de recuperação da produção literária de mulheres do passado, que a historiografia oficial havia marginalizado, esquecidas no decorrer do tempo.<sup>3</sup> É esse o caso deste trabalho, que focaliza uma parte ignorada da poética de uma das mais célebres prosadoras brasileiras do século XIX: Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida ou, simplesmente, Júlia Lopes de Almeida.

<sup>2</sup> Do original: “[...] looking for the sins and errors of the past [...]” (HEILBRUN; STIMPSON, 1989, p. 64).

<sup>3</sup> Mais detalhes sobre essa abordagem teórica serão oferecidos no próximo capítulo desta dissertação.

A autora nasceu em 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro, tendo um pai médico e uma mãe adepta à música, sendo Júlia,<sup>4</sup> segundo Luca (1999), a sexta de sete irmãos. Em 1869, a família se mudou para Campinas, devido ao emprego do pai. Júlia, contudo, não recebeu educação formal, por causa da saúde frágil, sendo alfabetizada pela irmã mais velha. (ALMEIDA, 2015). Isso, entretanto, não a impediu de ingressar na literatura; após a formação autodidata, que contou com estudo de inglês e piano, em 8 de dezembro de 1881, aos 19 anos, ela concretiza a sua estreia nas Letras, ao escrever, para a *Gazeta de Campinas*, uma crônica teatral acerca da performance da atriz italiana Gemma Cuniberti, que se apresentava, nessa cidade paulista que nomeia o periódico, no Teatro São Carlos. (LUCA, 1999).

Júlia fazia da literatura uma profissão, algo incomum para as mulheres brasileiras de sua época. Como destaca Costruba (2017), sua carreira durou 53 anos, indo de 1881 a 1934, ano de sua morte, tornando-se uma figura marcante da *belle époque* carioca, com sua *toilette* azul ou *robe de tulle noire*, acompanhada de sua pena Mallat de nº 3, feita de aço pontiagudo.

Uma de suas primeiras projeções na imprensa do País — para além de Campinas e o estado de São Paulo, em que participava com suas criações na *Gazeta de Campinas*, no *Correio de Campinas*, no *Diário de Campinas* e no *Almanaque Literário de São Paulo*, durante a década de 1880 (COSTRUBA, 2017) — foi em *A Semana*, de Valentim Magalhães. Pouco após o primeiro número, datado 3 de janeiro de 1885,<sup>5</sup> o conto “Iluminuras - As lágrimas” seria publicado em 28 de fevereiro de 1885, concretizando a sua primeira produção no semanário. Seria também por meio desse periódico que Júlia teria contato com o futuro marido, Filinto de Almeida, que fazia parte dos colaboradores. Almeida (2015) informa que a união não agradava o Dr. Silveira Lopes, que pretendia passar um tempo na Europa com sua família e tinha ressalvas quanto a um genro jornalista que frequentasse a roda boêmia de Olavo Bilac, Paula Ney, Artur de Azevedo e Aluísio Azevedo. Apesar disso, o casal se consolidou após Valentim Magalhães pedir a mão de Júlia para o amigo, resultando num casamento em Lisboa, na Igreja São Domingos, em 28 de novembro de 1887. (ALMEIDA, 2015).

De volta ao Brasil, em 1888, com dois livros de contos já publicados — *Contos infantis*, juntamente a Adelina Lopes Vieira, em 1886, e *Traços e iluminuras*, em 1887 —, ela daria continuidade à sua profícua carreira literária, conciliando-a com a criação dos filhos, que

---

<sup>4</sup> Nesta introdução, a escritora será referida pelo primeiro nome, a fim de evitar confusões com Almeida (2015), que produziu um de seus textos biográficos e está aqui citada.

<sup>5</sup> Um índice com as colunas publicadas no primeiro ano d’*A Semana* pode ser encontrado no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo. Ele está disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6831>. Acesso em: 17 mai. 2022.



nasceriam nos anos seguintes. De fato, foi assim que Júlia resumiu o seu processo criativo, em entrevista a João do Rio (Paulo Barreto), em *O momento literário*:

Ha uma certa hora do dia em que as cousas ficam mais tranquillias. É a essa hora que escrevo, em geral depois do almoço. Digo ás meninas: – Fiquem a brincar com os bonecos que eu vou brincar com os meus. Fecho-me aqui, nesta sala, e escrevo. Mas não ha meio de esquecer a casa. Ora entra uma criada a fazer perguntas, ora é uma das crianças que chora. A’s vezes não posso absolutamente sentar-me cinco minutos, e é nestes dias que sinto uma imperiosa, uma irresistivel vontade de escrever... (RIO, s. d., p. 31).<sup>6</sup>

Dessa maneira, Júlia foi mãe e esposa ao mesmo tempo em que atuava como escritora, conferencista, ativista e filantropa,<sup>7</sup> talvez sendo esse o motivo pelo qual conseguiu suceder em todas essas áreas, transitando livremente pelo universo masculino, com a aprovação de seus contemporâneos — vários deles membros da Academia Brasileira de Letras —, enquanto se mantinha no feminino, sem ser considerada pedante ou *bas bleu*, nomeações depreciativas frequentes para as mulheres oitocentistas que tentavam adentrar o meio literário da época.

Em vida, recebeu duas homenagens de grande relevância. Salomoni (2005) destaca, em 1914, a ocorrência de um banquete oferecido em sua homenagem, do qual participou, pela *Société de Gens de Lettres*, no Hotel Mac-Mahon, em Paris, contando com as sobremesas “*Parfait* Júlia Lopes de Almeida” e “Café de São Paulo”.<sup>8</sup> Participaram do encontro autoridades francesas e figuras importantes do Brasil, como Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e Eritácio Pessoa. (REPORTAGENS... 1914). No ano seguinte, Almeida (2015) descreve a existência de outra celebração para a prosadora, no salão do *Jornal do Comércio*, em que foi presenteada com um álbum de poemas e autógrafos de seus ofertantes, estando presentes Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, João Luso, Ramiz Galvão, Lindolfo Xavier, Hermes Fontes, Osório Duque Estrada e Ernani Bilac.<sup>9</sup> Postumamente, consoante Fanini (2009a), em conformidade com a solicitação prévia de Filinto à ABL, instituiu-se, em 1952, o Prêmio Júlia Lopes de Almeida, a ser dado à melhor prosa feminina, contando com um prêmio em dinheiro de CR\$7.200,00 — o Prêmio Machado

<sup>6</sup> No decorrer deste trabalho, no caso de citações do fim do século XIX e início do XX, a grafia da época foi mantida.

<sup>7</sup> Em fotografias do século XX, como figura pública, a escritora aparecia, frequentemente, com a sua família. Achei alguns materiais interessantes acerca disso na revista *Fon Fon*. No anexo A desta dissertação, reproduzo uma imagem do casal “Julinto” com uma de suas filhas; no B, há uma reportagem com três retratos, tanto da autora como de suas filhas quando eram crianças.

<sup>8</sup> Em seu estudo, Salomoni (2005) conseguiu acesso ao convite da festa, a partir do espólio da escritora. No anexo C desta dissertação, incluo uma foto da refeição, que encontrei na *Fon Fon*.

<sup>9</sup> Pude localizar uma foto da *soirée* na revista *Fon Fon* e estou colocando-a no anexo D deste trabalho. Em seguida, no anexo E, acrescento uma imagem desse mesmo periódico, em que Júlia aparece realizando uma conferência, intitulada “Paris e as parisienses”, também no salão do *Jornal do Comércio*.

de Assis (conjunto de obra) oferecia CR\$12.000,00, por exemplo —; infelizmente, ele foi encerrado em 1964.

O sucesso e prestígio de Júlia foram aumentando, progressivamente, em consonância com a sua produção, que trafegava por gêneros diversos, como conto, crônica — incluindo-se, aqui, manifestações diversas, como a de moda e de jardinagem, para além da cotidiana —, romance, ensaio e teatro. De acordo com o levantamento realizado por Sharpe (2004), em 1889, publica *Memórias de Marta* e, na década de 1890, continua com *A família Medeiros* (1892), *A viúva Simões* (1897), *A casa verde* (1898-1899, na imprensa [livro em 1932]), todas narrativas longas, além do grande êxito da coletânea *Livro das noivas* (1896), reeditada várias vezes e, frequentemente, sugerida como um presente nas páginas dos periódicos.<sup>10</sup>

Nos primeiros anos de 1900, a escritora trouxe à tona: *A falência* (1901) e *A intrusa* (1908), romances; no conto, destacam-se *Ânsia eterna* (1903) e *Histórias da nossa terra* (1907), esta sendo literatura infantil e seu maior êxito editorial — 21 edições —, enquanto aquela foi uma coleção de trabalhos que já tinham aparecido na imprensa; na crônica, houve *Livro das donas e das donzelas* (1906), replicando o sucesso de *Livro das noivas*, e *Eles e elas* (1907-1909, em *O País* [livro em 1910]); fecharia, então, a década com *A herança* (1909), representada em 1908. (SHARPE, 2004).

Os anos 1910 começaram com a publicação dos romances *Cruel amor* (1911), *Correio da roça* (1913) e *A Silveirinha* (1914); ainda, um ensaio, intitulado “Cenas e paisagens do Espírito Santo”, foi lançado, acerca da viagem da autora feita a esse local em 1911; no âmbito da crônica, com Afonso Lopes de Almeida, *A árvore* saiu em 1916; *Era uma vez...*, narrativas curtas infantis, foi editado em 1917, mesmo ano em que saiu *Teatro*, contendo as peças “Quem não perdoa”, “Doidos de amor” e “Nos jardins de Saul.” (SHARPE, 2004).

Na década de 1920, sem levar em conta as novelas de *A isca* (1922), é possível notar um afastamento de Júlia da escrita criativa para a dedicação a ensaios e conferências. Assim, publicou: *Jornadas no meu país*, relatos de viagem, em 1920; “Brasil”, conferência pronunciada em Buenos Aires, em 1922; *Jardim florido*, crônicas de jardinagem, em 1922; “Oração à Santa Doroteia”, conferência, em 1923; “Maternidade”, ensaio pacifista, em 1925; e “Oração à bandeira”, oração, também em 1925. Sua produção é encerrada na década

---

<sup>10</sup> Em um dos números d’*A Notícia*, do Rio de Janeiro, publicado em 24 de dezembro de 1896, encontra-se um grande anúncio de publicidade da obra, em que se lê: “Presente de festas, nenhum mais proprio para senhoras e senhoritas do que o elegante *Livro das noivas*, de D. Julia Lopes de Almeida, com 40 bellissimas gravuras, grande formato, impresso na Europa, edição de luxo, – e que custa apenas 8\$ brochado e 10\$ em percaline de cores finas.” (PRESENTE... 1896, p. 3).

seguinte, no ano de sua morte, 1934, voltando à ficção longa com um último suspiro, *Pássaro tonto*. (SHARPE, 2004).

Embora tenha sido um nome proeminente em vida, de igual relevância ao dos homens fundadores da ABL, atestado pela quantidade e qualidade de sua produção prosaica, reconhecida por seus contemporâneos e alguns estudiosos posteriores, Júlia sofreu um grande apagamento no âmbito da literatura brasileira após o seu falecimento. Desse modo, desde o fim dos anos 1980, no Brasil, parte de suas criações ainda se encontram em processo de recuperação, após terem se perdido num esquecimento. Um exemplo disso é *O funil do diabo*, romance até então inédito, que recebeu uma edição pela Editora Mulheres em 2015, com organização de Zahidé Lupinacci Muzart. Esta dissertação surge em consonância com esses esforços, num anseio de “devolver” Júlia Lopes de Almeida e parte de sua arte — os contos veiculados somente em periódicos — à literatura brasileira. Sendo assim, o problema desta pesquisa assume a seguinte formulação: como se pode proporcionar o retorno de contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa aos leitores contemporâneos em uma nova edição?

Baseado em tal questão de pesquisa, o objetivo geral deste estudo é produzir uma edição de contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa, a fim de contribuir para o acesso a esse material, a sua preservação e a sua conseqüente (re)consideração nos Estudos Literários e no horizonte de investigações sobre a poética da autora.

Seguindo o objetivo geral, determinaram-se os seguintes objetivos específicos: a) Investigar aspectos teóricos acerca do resgate de escritoras oitocentistas, a partir da conexão entre Estudos de Gênero e literatura, para fundamentar esta pesquisa; b) Resgatar os contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa;<sup>11</sup> c) Determinar os procedimentos para a criação de uma edição atualizada do material recuperado, seguindo critérios da Crítica Textual e de outras reedições de livros de escritoras do século XIX; c) Viabilizar a produção de uma edição atualizada, voltada a um público-leitor geral, dos contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa.

A motivação para desenvolver este estudo surgiu, inicialmente, de um ímpeto político para suprir a ausência de Júlia e sua produção na memória cultural brasileira. (Re)examinar a literatura produzida por mulheres oitocentistas, trazendo-a à tona, é, por si só, um ato de

---

<sup>11</sup> O recorte temporal para a coleta de textos foi definido a partir do critério do ineditismo até, especificamente, a terceira obra de contos da escritora. Então, os contos considerados não deveriam ter sido inseridos nos três primeiros livros desse gênero, a saber, *Contos infantis* (1886), *Traços e iluminuras* (1887), *Ânsia eterna* (1903). Também, houve um cuidado para não se recolherem os escritos que apareceriam, posteriormente, em *Livro das noivas* (1896), devido à proximidade formal e, às vezes, estilística entre o conto e a crônica. Ademais, como a ferramenta de busca da Hemeroteca permite a consulta por décadas, isso foi aproveitado.

justiça. Segundo Muzart (2000, p. 19), “o nosso propósito é exatamente este: o de mostrar que elas existiram, que se rebelaram contra o papel ‘natural’ que lhes foi sempre assinalado – o do confinamento à vida doméstica, e desejaram ter suas vozes ouvidas.” É o caso de uma denúncia, de evidenciar um problema de memória e perpetuação de apenas um lado da História, em que as mulheres não estão presentes. Quando as letradas do século XIX são (re)consideradas nas histórias da literatura e antologias de autores, contribui-se para uma mudança sociopolítica no cenário intelectual de um país. Nas palavras de Muzart (1997, p. 84), “o resgate de nossas primeiras escritoras deverá mudar a historiografia oficial que só levou em conta o corpus de textos canônicos e, mais importante, deverá mudar nossa própria história.” Portanto, com este trabalho, busca-se auxiliar no reconhecimento da autora e de seu impacto na literatura brasileira.

Além disso, há uma vontade de fazer com que os seus textos — assim como os de autoras do século XIX, que são essencialmente esquecidas — estejam cada vez mais presentes no horizonte de leitura dos brasileiros. Ao trazer uma parte pouco conhecida e divulgada de sua produção, torna-se possível oportunizar aos leitores contemporâneos a possibilidade de contato com uma outra visão da conjuntura brasileira oitocentista, não pela ótica masculina — de prosadores canônicos, como Machado de Assis, Raul Pompeia ou Coelho Neto —, mas pela perspectiva cultural de uma mulher, algo que foi frequentemente desconsiderado no decorrer da História, devido ao machismo presente no pensamento epistemológico, como assevera Schmidt (1995, p. 187), ao afirmar que “a experiência feminina sempre foi vista como menos importante no espaço da cultura e da literatura e, de modo geral, foi excluída do discurso do conhecimento [...]”. Assim, verifica-se que resgatar contos de Júlia Lopes de Almeida publicados apenas na imprensa é algo que apresenta benefício, também, em nível recepção.

A relevância deste trabalho parte, primeiramente, do ineditismo do material, tornando-o original. Apesar de a prosa da autora ser, atualmente, objeto de estudo de algumas investigações — em contraste com o apagamento que sofreu durante o século XX, antes de a tendência arqueológica de escritoras se manifestar nas pesquisas em literatura —, a maioria dos estudiosos explora os seus romances, crônicas ou, no caso dos contos, restringem-se ao seu segundo livro desse gênero, *Ânsia eterna*, de 1903.

A omissão de estudos voltados ao seu material ainda não publicado em livro pode ser observada, inicialmente, em consulta aos trabalhos finais de Pós-Graduação presentes na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da CAPES: Salomoni (2005), ao investigar a prosa de Júlia, tem como *corpus* de análise os romances *Memórias de Marta*, *A*

*família Medeiros e Cruel amor*; e Fanini (2009b), embora não tenha como foco a literatura, mas a relação da autora com a ABL, aborda, em síntese biográfica, alguns detalhes sobre sua produção periódica, como a narrativa curta “In extremis” — posteriormente presente em *Ânsia eterna* —, mas não traz informações sobre outros contos restritos à imprensa.

Os frutos da década de 2010 também repetem esse fenômeno: Rodella (2010) menciona a existência de *Traços e iluminuras* e *Contos infantis*, além de focalizar a sua análise em *A Silveirinha*; Paula Júnior (2011) estuda a manifestação do insólito ficcional em *Ânsia eterna*; Costruba (2011) tem como objeto de sua dissertação as crônicas presentes nos manuais de ciência doméstica da escritora, isto é, em *Livro das noivas* e *Livro das donas e das donzelas*; Figueiredo (2014) propõe uma nova edição crítica dos contos de *Ânsia eterna*, a partir das edições de 1903 e 1938; Guimarães (2015) estuda *A viúva Simões* e *A falência*; Lobato (2016) perscruta a presença de Júlia em jornais do Pará, encontrando conteúdos que, em parte, integrariam, posteriormente, *Ânsia eterna*; Santos (2016) propõe uma tradução d’*A viúva Simões* para o espanhol; Brandolt (2017) explora a representação do divórcio em livros de escritoras oitocentistas, como *Eles e elas*, de Júlia Lopes de Almeida; Castro (2019) destaca o papel da moda nos romances *Memórias de Marta*, *A viúva Simões*, *A falência* e *Pássaro tonto*, além das crônicas de obras como *Livro das noivas* e *Eles e elas*; e Santos (2020) analisa a representação feminina em *A intrusa*. Há duas exceções, contudo: uma é feita por Silva (2015) que, em sua tese, cita a existência de alguns contos restritos à imprensa — que serão, aliás, objetos desta dissertação —, porém, volta-se com mais ênfase aos folhetins e às crônicas inéditas, publicados em *O Paiz*; já a outra é empreendida por Luca (1999), ao biografar a autora, em que aborda com detalhes a sua produção literária, citando brevemente os contos publicados em *A Mensageira*. Ao fazer isso, considera dois restritos à imprensa, embora os descreva como de menor significado caso comparados a outros que, posteriormente, foram inseridos em *Ânsia eterna*. De qualquer forma, nas duas últimas décadas, a partir desse levantamento, é possível perceber que, em vez de abordarem seus contos veiculados apenas em periódicos, a maioria dos trabalhos de conclusão são direcionados aos trabalhos já editados em livros de Júlia Lopes de Almeida.

Ademais, em antologias voltadas ao conto — quando Júlia é lembrada, visto que, em algumas obras, como *O conto da mulher brasileira* (VAN STEEN, 2007), há a frequente preferência por prosadoras contemporâneas —, nota-se uma propensão em trazer os que estão inseridos em *Ânsia eterna*, não havendo interesse nos veiculados apenas na imprensa. Por exemplo, Riedel (1958) escolhe “As rosas”, e Penteadó (1962) seleciona “A caolha”.

Além do caráter inovativo desta dissertação, destaca-se que ela tem como foco uma das mais importantes escritoras brasileiras do fim do século XIX e início do XX, que voltou a despertar o interesse do público-leitor a partir dos anos 2010, culminando em seu crescente aparecimento como leitura obrigatória em vestibulares de ingresso para o Ensino Superior e em reedições de seus livros. Por exemplo, em 2019, foi publicada uma nova edição de *A falência*, pela Editora da UNICAMP, passando, de 2020 em diante, a ser uma leitura obrigatória no vestibular dessa Instituição. (UNICAMP... 2018). Isso se repetiu no vestibular da UFSC, que adotou *Ânsia eterna* para 2021, e da UFRGS, que também indicou *A falência* para o exame de 2023. (COPERVE... 2020; UFRGS... 2022). As reedições, dessa maneira, tornaram-se mais comuns no mercado editorial; por exemplo, *A falência* foi republicada por Via Leitura (2018), Martin Claret (2018), Ed. da Unicamp (2019), Principis (2019) e Penguin & Companhia das Letras (2019), enquanto *Ânsia eterna*, por Vermelho Marinho (2019) e Ed. do Senado Federal (2019). Assim, esta dissertação pode auxiliar na extensão da sua produção literária de uma autora que continua tendo pertinência acadêmica e demanda comercial na contemporaneidade.

Este estudo é baseado, metodologicamente, em revisão bibliográfica, no que diz respeito a aportes teóricos dos Estudos de Gênero — mais especificamente, do resgate de escritoras oitocentistas — e da Crítica Textual, e em revisão documental, investigando-se os periódicos do fim do século XIX e início do século XX, em busca de narrativas curtas ficcionais inéditas de Júlia Lopes de Almeida.

O primeiro capítulo traça um esboço cronológico do resgate de escritoras nos Estudos Literários, a fim de oferecer base teórica à pesquisa e situar em qual tendência de abordagem ela se pautará. O segundo capítulo propõe a recuperação dos contos de Júlia que só foram veiculados na imprensa, contando com informações das fontes de que foram retirados. O terceiro capítulo é focado no estabelecimento de critérios para a produção de uma edição dos contos recuperados. Por fim, a pesquisa culmina propriamente em uma edição atualizada dos contos anteriormente restritos à imprensa.

## 2 A TAREFA DE RESGATAR ESCRITORAS DO PASSADO

Cronologicamente, a popularização do resgate de escritoras esquecidas de séculos anteriores, como um movimento homogêneo, remonta à década de 1970 e a países falantes de língua inglesa. Na década de 1980, Showalter (1985) reconheceu que estavam sendo realizados esforços para descobrir a existência de uma literatura feminina própria, cuja trajetória possuiria coerência histórica e temática, separada da literatura canônica, frequentemente masculina. Essa modalidade de investigação, conseqüentemente,

[...] levou à recuperação e releitura massivas da literatura escrita por mulheres de todas as nações e períodos históricos. Como centenas de escritoras perdidas foram redescobertas, como cartas e diários eram trazidos à luz, como novas biografias literárias exploraram a relação entre o talento feminino individual e a tradição literária, as continuidades na escrita feminina se tornaram claras pela primeira vez. (SHOWALTER, 1985, p. 6, tradução nossa).<sup>12</sup>

Dessa forma, preocupar-se com uma possível *literature of their own*, na nomenclatura de Showalter, só foi viável a partir da recuperação de diversos livros, assim como suas reimpressões em novos volumes, um trabalho que estava sendo realizado há alguns anos, cujos frutos resultaram em obras de escritoras de outrora novamente disponíveis aos leitores e críticos. Exemplificando essa assertiva, Robinson (1985, p. 109, tradução nossa) apresenta que,

de Rebecca Harding Davis e Kate Chopin a Zora Neale Hurston e Mina Loy, passando por Meridel LeSueur e Rebecca West, reputações têm ressurgido ou sido refeitas, e um contracãnone feminino tem se manifestado, a partir de materiais que estavam largamente indisponíveis até uns doze anos.<sup>13</sup>

Ainda, revisitando esse período, Carr (2007) informa que essa tarefa foi levada a cabo por editoras específicas do Reino Unido e dos Estados Unidos, focadas em questões da mulher e de gênero, para que os livros de autoria feminina voltassem a circular, seguindo-se, posteriormente, pelo surgimento de estudos acadêmicos.

<sup>12</sup> Do original: “[...] led to a massive recovery and rereading of literature by women from all nations and historical periods. As hundreds of lost women writers were rediscovered, as letters and journals were brought to light, as new literary biographies explored the relationship between the individual female talent and the literary tradition, the continuities in women’s writing became clear for the first time.” (SHOWALTER, 1985, p. 6).

<sup>13</sup> Do original: “From Rebecca Harding Davis and Kate Chopin through Zora Neale Hurston and Mina Loy to Meridel LeSueur and Rebecca West, reputations have been reborn or remade and a female countercanon has come into being, out of components that were largely unavailable even a dozen years ago.” (ROBINSON, 1985, p. 109).

No ano de 1970, fundou-se a *Feminist Press*, em Nova York, que logo se voltou à tarefa de resgate da literatura de mulheres estadunidenses do século XIX. Assim, obras de autoras oitocentistas esquecidas receberam novas edições, numa coletânea intitulada *Reprint series*,<sup>14</sup> como: *Life in the iron mills and other stories*, de Rebecca Harding Davis, em 1972; *The yellow wallpaper*, de Charlotte Perkins Gilman, em 1973; *The revolt of mother and other stories*, de Mary Eleanor Wilkins Freeman, em 1974; e *The storm and other stories*, de Kate Chopin, também em 1974, com introdução de Per Seyersted.

Tal pesquisador norueguês, na verdade, teve um papel importante na história do resgate de escritoras estadunidenses, tendo em vista que seu estudo *Kate Chopin: a critical biography*, de 1969, foi pioneiro, trazendo atenção para tal escritora marginalizada. Seu objetivo foi “[...] dar uma nova representação à sua vida e carreira e, particularmente, tentar conceber uma inovadora abordagem aos mais significativos — e ainda largamente negligenciados — aspectos do seu realismo e das suas realizações artísticas.” (SEYERSTED, 1980, p. 10, tradução nossa).<sup>15</sup> A obra é iniciada com uma biografia descritiva, a partir de algumas fontes, de *Kate Chopin and her creole stories* (1932), por Daniel S. Rankin, a relatos de filhos da literata e diários, seguida por uma análise de sua produção literária.

Outros exemplos de investigações são apresentados por Robinson (1985), como os sobre Zora Neale Hurston, “In search of Zora Neale Hurston” (1975), de Alice Walker, e *Zora Neale Hurston* (1978), por Robert Hemenway.

Já em 1973, no Reino Unido, foi inaugurada a *Virago*. Assim como a predecessora norte-americana, rapidamente focou-se na escritura feminina de outras épocas, criando, em 1978, uma coleção chamada *Modern classics*. Preocupada, inicialmente, em reaver a literatura de escritoras britânicas do início do século XX, os objetivos do selo, de acordo com o *website* da marca, são “[...] celebrar escritoras, demonstrar a existência de um cânone da escrita de mulheres e redefinir a ideia frequentemente restrita de um ‘clássico’.” (ABOUT... 2022, s. p., tradução nossa).<sup>16</sup> O primeiro volume republicado foi *Frost in May* (1933), de Antonia White, em 1978. A seguir, vieram outros nomes relevantes para o contexto da literatura modernista, de guerras e entre-guerras, como: os volumes da sequência de romances *Pilgrimage* — o primeiro foi originalmente editado em 1915 e apareceu em nova edição em 1979 —, de

<sup>14</sup> Informação obtida no prefácio da edição comemorativa de *Life in the iron mills and other stories*, de Rebecca Harding Davis, por celebração do 15º aniversário da *Feminist Press*.

<sup>15</sup> Do original: “[...] to give a new portrayal to her life and career, and particularly to attempt a fresh approach to the most significant – and still largely neglected – aspects of her realism and her artistic achievement.” (SEYERSTED, 1980, p. 10).

<sup>16</sup> Do original: “[...] to celebrate women writers, to demonstrate the existence of a canon of women’s writing and to redefine the often narrow idea of a ‘classic’.” (ABOUT... 2022, s. p.).



Dorothy Richardson; *The return of a soldier* (1918), de Rebecca West, em 1980; *Mary Olivier* (1919), de May Sinclair, em 1980; *Invitation to the waltz* (1932), de Rosamond Lehmann, em 1981; e *The well of loneliness* (1928), de Radclyffe Hall, em 1982.

Estudos acadêmicos dessa época, centrados na área de resgate das escritoras do Reino Unido, como *A literature of their own* (1977), de Elaine Showalter, e *Mothers of the novel: 100 good women writers before Jane Austen* (1986), de Dale Spender, merecem destaque. Showalter explora o desenvolvimento da literatura de mulheres inglesas dos séculos XIX e XX como a expressão de uma subcultura com traços próprios, propondo uma sequência em três partes: a primeira, intitulada feminina, constitui uma imitação de tendências da tradição dominante e internalização de padrões de arte, indo de 1840, década do aparecimento do uso do pseudônimo masculino, aos anos 1880, marcando a morte de George Eliot; a segunda, feminista, é voltada ao protesto contra tais expressões e foca em reivindicações por direitos e valores, como a demanda por autonomia, indo de 1880 a 1920, marcando-se pela conquista do voto; a terceira, fêmea, é marcada pela autodescoberta, em busca da identidade feminina, de 1920 à contemporaneidade, mas destacando-se em 1960, em que se manifesta uma nova fase de autoconsciência. (SHOWALTER, 1977). Por sua vez, Spender decide investigar as obras de romancistas inglesas anteriores ao surgimento de Jane Austen e, portanto, também divide o seu trabalho em três seções: inicia com as primeiras manifestações de autoria feminina, frequentemente biografias e prosa epistolar, e vai até Eliza Haywood; então, reúne mais de 100 letradas e 500 romances, posteriores à Eliza Haywood, explorando o motivo de terem sido esquecidos; finalmente, analisa algumas delas em específico, como Ann Radcliffe, Mary Wollstonecraft e Fanny Burney. (SPENDER, 1986).

A tendência de resgate ainda continua profícua nos países falantes de língua inglesa, frequentemente se reinventando, a fim de permanecer conectada com o público interessado na temática. A *Virago Press*, por exemplo, ainda edita a sua coleção de clássicos modernos, além de, atualmente, contar com um *book club* virtual, disponível por meio da plataforma *Facebook*, na ferramenta de grupos. A cada mês, selecionam-se livros específicos para a leitura e, então, há discussões. Em 2022, abordaram-se as seguintes obras: em janeiro, *In this house of brede*, de Rumer Godden; em fevereiro, *In diamond square*, de Merce Rodoreda; e em março, *Heartburn*, de Nora Ephron. (JOIN... 2022). Quanto aos estudos, pode-se citar a fundação, em 2013, da *May Sinclair Society*, em homenagem à autora inglesa. Os participantes, em sua maioria, professores universitários, definem a iniciativa como “[...] um polo para estudiosos do Modernismo e leitores com interesse em Sinclair.” (MAY... 2022, s.

p., tradução nossa).<sup>17</sup> De acordo com o *website* da associação, eles estão produzindo, além de ensaios críticos, *Edinburgh critical editions of the works of May Sinclair*, e organizando simpósios voltados à sua vida e obra.

No Brasil, apesar de o interesse por resgatar escritoras do passado remontar ao século XIX e haver um número considerável de trabalhos sobre a temática nos últimos três séculos, pouco se examina como isso foi feito, quais são os tipos de trabalhos executados, ou os princípios que eles seguem. Dessa maneira, os seguintes subcapítulos são focados em traçar uma linha cronológica dessa tendência de pesquisa no Brasil, para, também, verificar qual metodologia de resgate esta dissertação seguirá, fundamentando-a.

Para atingir tal propósito, estipulam-se três diferentes fases, divididas nos três próximos subcapítulos: a primeira, iniciação, vai de 1862 a 1907 — datas das publicações de *Brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva, e *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*, de Andradina de Oliveira —, sendo marcada por alguns esforços iniciais e esparsos, tanto nacionalistas como feministas; a segunda, estruturação, de 1907 a 1999, é situada pelo livro supracitado de Oliveira até o aparecimento do primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, incluindo projetos importantes, como a criação do GT *A mulher na literatura* e a inauguração da editora Mulheres; a última, consolidação e rumos futuros, inicia com tal primeiro volume e, ainda em andamento, inclui algumas obras teóricas importantes já publicadas, considerando, também, as que envolvem a valorização da imprensa nacional oitocentista como objeto de pesquisa para a recuperação de autoras e suas criações.

## 2.1 PRIMEIRA FASE: INICIAÇÃO

Embora tenha se organizado, oficialmente, na década de 1980, o resgate de escritoras brasileiras começou... no próprio século XIX! Mesmo que de maneira menos avançada, comparada ao que se faria no século seguinte, coube a pessoas desse período o ofício de relembrar as letradas precedentes. Um dos primeiros a fazer isso foi Joaquim Norberto de Souza e Silva, que publicou *Brasileiras célebres*<sup>18</sup> em 1862, embora a temática já fosse estudada pelo autor pelo menos desde 1840, já que, conforme uma nota de rodapé localizada nessa obra, ele escreveu um texto intitulado “As poetisas brasileiras”, que apareceu no

---

<sup>17</sup> Do original: “[...] a hub for modernist scholars and readers with an interest in Sinclair.” (MAY... 2022, s. p.).

<sup>18</sup> Em seu prefácio, Garnier (2007) informa que algumas das biografias ali presentes apareceram, inicialmente, na *Revista Popular* (1859-1862), voltada às ciências e artes, publicada pela própria casa editorial desse livreiro, numa coluna homônima.

*Despertador*, nº 806, edição de 26 de outubro de tal ano — e que, infelizmente, não está disponível na Hemeroteca Nacional Digital —.

Em *Brasileiras célebres*, há estudos sobre mulheres consideradas, pelo autor, importantes para a história do Brasil. O foco adotado foi em conexões entre suas vivências e o que estava acontecendo no País em determinados momentos. A sua principal motivação era enfaticamente nacionalista, indo ao encontro da ideia romântica de construção da identidade nacional, pois a biografia, afinal, ao escrever sobre as vidas de seus cidadãos, também escrevia sobre a nação e o desenvolvimento de sua trajetória. Apesar disso, preocupado com que elas fossem lembradas, Silva (2007, p. 13-14) ainda manifesta um sentimento pró-feminista, mesmo que de maneira incipiente, ao escrever que

pede a justiça, dizia assim o exímio cônego Januário da Cunha Barbosa, quando me incitava a escrever estas rápidas biografias, pede a justiça que tiremos à luz ações gloriosas, que levem ao conhecimento do mundo as senhoras que as praticaram. Elas devem ocupar o mesmo distinto lugar que ocupavam os varões afamados por letras, armas e virtudes.

A maior parte do livro é voltada a figuras históricas, porém, o capítulo IV, “Gênio e glória” — cujo uso da palavra “gênio” é interessante, tendo em vista que, nesse período, a mulher era vista, frequentemente, apenas como musa, não como criadora —, versa acerca de quatro artistas, escritoras e filósofas que nasceram e viveram nos séculos XVII, XVIII e XIX: Rita Joana de Sousa, Ângela do Amaral Rangel, Delfina Benigna da Cunha e Grácia Hermelinda. No fim desse capítulo, ainda, cita brevemente Maria Josefa da Fontoura Pinto e Beatriz Francisca de Assis Brandão. Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira aparece no capítulo seguinte, “Poesia e amor”. A abordagem do autor para historicizar a vida dessas mulheres mistura história nacional, biografias individuais e interpretações de seus escritos. Delfina Benigna da Cunha, por exemplo, é apresentada em consonância com uma epidemia na província do Rio Grande do Sul, em 1792, que a cegou; contudo, essa deficiência é tomada como um catalisador para sua inspiração poética e, em seguida, são apresentados alguns versos de sua autoria que se conectam a essa hipótese.

Outras obras de resgate, posteriores ao livro *Brasileiras célebres*, são *Mulheres célebres* (1878), de Joaquim Manuel de Macedo, e *Galeria ilustre* (1897), de Josefina Álvares de Azevedo. Entretanto, elas não interessam tanto a esta pesquisa, na medida em que se voltam a figuras históricas, em sua maioria internacionais. Há poucas escritoras estudadas, como Mme. de Sévigné, por Macedo (1878), e George Sand, por Azevedo (1897), que não são brasileiras, mas francesas.

Nos Estados Unidos do século XIX, antologias de autoras, tanto contemporâneas à época de seus organizadores como de outrora, eram consideravelmente populares, principalmente no período da *antebellum literature*.<sup>19</sup> Elas traziam um breve esboço biográfico com comentários sobre as composições, expressivamente, de poesia, mesclando vida e obra, seguidos por alguns excertos e, às vezes, retratos. São exemplos disso: *The ladies' wreath* (1837), da famosa editora do *Godey's Lady's Book*, Sarah Josepha Hale; *Gems from American female poets* (1842) e *The female poets of America* (1848), de Rufus Wilmot Griswold; *The American female poets* (1848), de Caroline May; *The female poets of America* (1849), de Thomas Buchanan Read; e *Women of the south distinguished in literature* (1860), de Mary Forrest. No Brasil, o que mais se aproxima dessa modalidade de publicação é *Mulheres ilustres do Brasil*, por Inês Sabino, de 1899. O seu objetivo, como apontado em prefácio, é “[...] resuscitar [sic], no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo ellas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão civica presa aos fastos da historia.” (SABINO, 1899, p. ix). Ela também se considera a sucessora de Joaquim Norberto de Souza e Silva na tarefa de continuar o trabalho iniciado em *Brasileiras célebres*.

Embora se assemelhe na disposição do conteúdo, ao contrário das antologias estadunidenses, além de escritoras, estão também presentes figuras históricas nacionais, como Joana de Gusmão e Anita Garibaldi. As literatas, totalizando 18, a saber, são, conforme grafia da autora: Rita Joanna de Souza, Lourença Tavares de Hollanda, Angela do Amaral, Beatriz Brandão, Nizia Floresta, Anna Lossio Seiblitiz, Baroneza de Mamanguape, Délia (pseudônimo de Maria Benedicta de Borghman), Maria Ribeiro, Barbara da Silveira, Delfina Benigna da Cunha, Corina Coaracy, Gracia Ermelinda, Albertina Diniz, Revocata dos Passos, Amalia Figuerôa, Laura Carolina e Maria Helena da Camara Andrade Pinto.<sup>20</sup>

Após considerações biográficas, no caso das escritoras, Sabino (1899) frequentemente fazia crítica literária, com linguagem grandiloquente e metafórica, consoante com a crítica romântica. Por exemplo, em relação a Corina Coaracy, pondera:

A sua carreira de litterata era plana, sem artificios de linguagem, não semelhante a um caminho bordado de flores com apanhado de folhagem cortando um sitio pitoresco

<sup>19</sup> Refere-se à literatura estadunidense oitocentista anterior à Guerra Civil Americana, que ocorreu entre 1861 e 1865.

<sup>20</sup> É interessante a interlocução executada por Sabino entre mulheres passadistas e contemporâneas à época, possivelmente, com a intenção de contribuir com subsídios para uma trajetória da história das mulheres no País. Por exemplo, alguns verbetes de escritoras e figuras históricas de outrora apresentam dedicatórias às do fim do século XIX, como o de Rita Joana de Souza a Áurea Pires ou Anita Garibaldi a Julieta de Melo Monteiro e a Revocata Heloísa de Melo.

aqui e alli salpicados por deliciosos filetes d'agua onde a poezia fez antever um céu mais azul, um horizonte mais puro, n'um perfume desconhecido, exotico, entontecedor; ao contrario, elle seguia por uma estrada larga, ariente, sem tôjos nem sinuosidades, com a palavra firme e concisa, sem argucias nem silhuetas de imaginação doentia. (SABINO, 1899, p. 226).

A autora propôs escrever a antologia por estar preocupada com o esquecimento que as mulheres brasileiras poderiam sofrer após o falecimento. Isso é evidente no verbete de Délia, em que lamenta o descaso dos meios literário e jornalístico com sua morte e situação *post mortem*: “Depois o «Paiz» noticiou ligeiramente o traspasso de sua antiga collega; a Gazeta disse a respeito meia duzia de palavras, e só.” (SABINO, 1899, p. 190, grifo nosso).

Poucos anos depois de *Mulheres ilustres do Brasil*, surgiu, em 1907, *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*, v. 1, de Andradina de Oliveira, cujo título alude a uma coletânea de letradas sulinas que já tinham falecido, antecedendo a data de publicação. Seu trabalho é similar aos já mencionados do século XIX, motivo pelo qual está inserido nesta fase.<sup>21</sup> De acordo com Schmidt (2004), estão incluídas nessa obra: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, Rita Barém de Melo, Luciana de Abreu, Maria Benedita Bormann, Maria Josefa Barreto, Maria Helena da Câmara Andrade Pinto, Leocádia Grecco, Luísa Cavalcanti Filha e Alaíde Ulrich. É possível levantar a hipótese de que Oliveira estava estudando as vidas dessas mulheres há algum tempo, pois, no *Escrínio*, periódico em que atuava como editora, pode ser encontrada a coluna “Alaíde de Lara Ulrich”, artigo, nº 5, 15 mar. 1901, conforme levantamento realizado por Gautério (2015).

Andradina de Oliveira, como destaca Lima (2019, p. 68),

[...] demonstra que tem consciência de que seu trabalho não contempla, em números exatos, todos os nomes de mulheres que usaram a pena para compor suas ideias. Ainda sobre as dificuldades de se fazer um trabalho extenso como esse, ela chama as pessoas, que eventualmente se deem conta de lacunas na obra em questão, para que entrem em contato com ela e, em uma edição futura, o nome faltoso conste da obra revisada.

As reflexões de Lima (2019) resumizam a situação dos primeiros esforços de Joaquim Norberto de Souza e Silva, Inês Sabino e Andradina de Oliveira. Embora se voltassem a informações incompletas, às vezes incorretas, o que eles tinham em comum era um cuidado para que as escritoras brasileiras de outras épocas, tão importantes tanto para a cultura

---

<sup>21</sup> Como não tive contato direto com essa obra, ao contrário das outras supracitadas, restrinjo-me aos comentários de outras estudiosas.

nacional como das mulheres, não fossem esquecidas. Quando estudiosos de outras épocas procurassem saber mais sobre as autoras que os precederam, haveria tais compilados a que poderiam recorrer e se embasar para traçar uma linearidade da literatura feminina brasileira, algo que começou a ocorrer na fase seguinte.

## 2.2 SEGUNDA FASE: ESTRUTURAÇÃO

Em um levantamento realizado por Araújo (2008), encontram-se algumas obras que, como ecos individuais, preenchem a lacuna entre *A mulher rio-grandense* e trabalhos das décadas do fim do século, demarcando a existência de uma continuidade nos estudos de recuperação de vidas, feitos e criações de mulheres de outrora. Reproduzem-se as informações *ipsis litteris* de seu estudo: *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas* (1929), de Cândida de Brito; *Mulheres e livros* (1948), de Adalgisa Bittencourt; *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros* (1956-1958), de Alzira Freitas Tacques; *Mulheres célebres* (1963), de Rute Guimarães; *Mulheres admiráveis* (1965), de Henriqueta Galeano; *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (1969), em três volumes, de Adalgisa Bittencourt; e *Mulheres do Brasil* (1971), em quatro volumes, de Henriqueta Galeano. Tais títulos atuaram como presságios aos posteriores acontecimentos das décadas de 1970 e 1980.

Por volta da metade do século, Lúcia Miguel Pereira publicou o artigo revisionista “As mulheres na literatura brasileira” (1954) na revista *Anhembi*. Nele, realiza um esboço das personagens femininas em romances de autoria masculina, investiga o papel das mulheres na sociedade e as suas relações com as Letras e, de grande importância, tece críticas à pouca representatividade de escritoras anteriores ao século XX em histórias da literatura e dicionários bibliográficos de suas épocas. Um de seus argumentos centrais é o de que a contribuição feminina era pouca, no século XIX, devido à condição social feminina, isto é, reclusa ao ambiente doméstico. Embora fosse parca, ainda assim, era digna de nota, algo que não foi valorizado por dois grandes nomes que ela condena: Sílvio Romero e Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. Em relação ao primeiro, é enfática ao afirmar que,

nessa espécie de catedral barroca de nossa literatura onde, ao lado dos santos, se assim se pode dizer, das figuras de primeira plana, de valor incontestado, tiveram entrada carrancas e bonifrates, gente miuda, gente mais – ou menos – que secundária, só foram incluídas sete mulheres [...]. Por nenhuma dessas senhoras mostra o autor grande aprêço [...]. (MIGUEL PEREIRA, 1954, p. 18).

Ademais, levanta a hipótese de se considerar Romero misógino, tendo em vista que ele deixa de citar Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores, suas contemporâneas, além de omitir a existência da seiscentista Rita Joana de Souza. Por sua vez, a obra de Blake tem a falta de critério seletivo criticada. Mesmo considerando todas as pessoas que tivessem publicado algo — e até possuidores de inéditos —, conseguiu encontrar cinquenta e seis escritoras, número que, segundo Miguel Pereira (1954), é baixo para três séculos de existência da literatura brasileira. Esse ensaio, embora breve e raso, é relevante por seu caráter precursor.<sup>22</sup>

Além de empenhos acadêmicos e críticos, também houve esforços governamentais para relembrar o passado literário feminino do Brasil. O primeiro romance brasileiro — e também escrito por uma mulher —, *Aventuras de Diófanos* (1752), de Teresa Margarida da Silva e Orta, foi reeditado pela Imprensa Nacional ainda em 1945, devido à sua importância cronológica. Já em 1975, a partir da dedicação de Horácio de Almeida e Nascimento Morais Filho, reeditou-se, em edição fac-similar, o marginalizado romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, assinado apenas como “Uma maranhense”. Almeida (1975) revela que executou pesquisas em dicionários bibliográficos para descobrir quem seria a nordestina e encontrou *Úrsula* como pertencente ao verbete de Maria Firmina dos Reis no *Dicionário*, de Sacramento Blake. Assim, a edição saiu com patrocínio do então Governador do Estado do Maranhão, Nunes Freire, em comemoração ao sesquicentenário da autora, a partir de uma única edição do original. Outras iniciativas também foram realizadas na década seguinte. O Projeto Pró-Memória e Pró-Leitura do MEC, juntamente ao Instituto Nacional do Livro, reeditou, entre 1987 e 1989: *Voleta*, de Albertina Berta; *Correio da roça*, de Júlia Lopes de Almeida; *Celeste*, de Maria Benedita Bormann; *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; e *Gradações* de Carmen Dolores. Além disso, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, em 1991, publicou uma antologia de poetisas pernambucanas do “segundo oitocentismo”, intitulado *Em busca de Thargélia*. (SCHMIDT, 1995).

O que estruturou, de fato, o resgate de escritoras esquecidas do Brasil foi a criação do Grupo de Trabalho *A mulher na literatura*, no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Segundo Schmidt (2017a), a ANPOLL foi fundada no I Encontro Nacional, em Curitiba, em 1986, originando, juntamente, os GTs,

---

<sup>22</sup> Vale ressaltar que, embora Lúcia Miguel-Pereira tenha produzido tal ensaio precursor, a estudiosa, em sua *História da literatura brasileira*: prosa de ficção, não menciona muitas autoras, além de escrever um comentário relativamente depreciativo sobre a escrita de Júlia Lopes de Almeida, considerando seu estilo monótono, “de professora” e mais ou menos incharacterístico. Com base nessas ações, levanta-se o seguinte questionamento: o quão a favor das mulheres era Lúcia Miguel-Pereira?

como o supracitado. Esse anseio pela formação de uma agremiação voltada aos estudos sobre mulher, num momento inicial, e gênero, terminologia adotada posteriormente, começou ainda no Seminário Regional sobre a Mulher na Literatura, ocorrido em 1985, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A finalidade do evento foi realizar um levantamento acerca das pesquisas que estavam sendo realizadas sobre a temática no País. Schmidt (2017b, p. 105) recorda que

era uma primeira oportunidade para compartilhar não só o conhecimento gerado em anos distantes do país, mas também as ansiedades e descobertas decorrentes de uma escolha de objeto de estudo que, na época, a academia relutava a considerar como legítimo [...].

Tal evento se concretizou como um fórum que, no decorrer dos seus anos, apresentou destaque no compartilhamento dos frutos dessa linha de investigação em território nacional, incluindo o que se estava descobrindo sobre escritoras de outros períodos históricos. Foram realizadas, até 2019, 19 edições do Seminário, em que a modalidade — de encontro a seminário — e a abrangência — de regional para nacional e, em seguida, para internacional — foram ampliadas.

Nos boletins informativos do GT, podem ser encontrados dados sobre a execução de pesquisas voltadas ao resgate de autoras esquecidas, realizadas por estudiosas e estudiosos que faziam parte do grupo. No primeiro número, de 1988, encontra-se um projeto de Nelly Novaes Coelho, “Dicionário de escritoras brasileiras”, cujo objetivo era realizar a

organização de uma obra de referência o mais abrangente possível no registro bibliográfico das mulheres que, no Brasil, nas áreas da Poesia, Ficção e Teatro, desde o séc. XIX até o momento, têm contribuído para a continuidade enriquecimento da literatura nacional. (COELHO, 1988, s. p.).<sup>23</sup>

Outros trabalhos pioneiros inseridos nesse material informativo de 1988 também seguem a linha de recuperação, como “A produção poética em Pernambuco (1850-1920)”, de Luzilá Gonçalves Ferreira, e “Nísia Floresta Brasileira Augusta: estudo de vida e obra”, de Constância Lima Duarte. Essa modalidade de investigação foi importante para o GT desde o seu início, como afirma Schmidt (2017c), e continua sendo atualmente. Isso pode ser verificado a partir das vertentes de pesquisa priorizadas por membros do GT, que, segundo Duarte (1994), foram modificadas sucessivamente: iniciaram como Literatura e feminismo

<sup>23</sup> Em 2002, Nelly Novaes Coelho publicou o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*.



(enfoque sócio-histórico), Literatura e feminino (enfoque psicanalítico) e Literatura e mulher (enfoque estético-formal); em seguida, passaram para Teoria e crítica feminista: vertentes, A questão do cânone e *Gender* - Estudos de Gênero; e, hoje em dia, conforme o *website* do GT, encontram-se como Resgate e Contemporaneidades. (LINHAS... 2022). Portanto, constata-se que, no decorrer da sua história, sempre houve preocupação do grupo com a recuperação das escritoras de outros séculos.

No boletim de 1994, posteriormente, a seção “Participantes e suas pesquisas” indica um acréscimo importante aos trabalhos executados por Zahidé Muzart, Rita Schmidt e Eliane Vasconcellos:<sup>24</sup> tratou-se de um novo projeto em curso, intitulado “Da exclusão à re-visão: escritoras brasileiras do século XIX”. Vasconcellos (2003, p. 56) define essa iniciativa da seguinte maneira:

Estabelecemos que o primeiro passo a ser tomado seria o levantamento do nome das escritoras, sua obra e as referências bibliográficas sobre elas. Selecionados os nomes que iriam figurar na Antologia, partiu-se então para a estruturação do trabalho. Ficou decidido que se teria de incluir uma pequena biografia da escritora e, é claro, o resgate de sua obra. Desta, em seguida, seria feita uma seleção de textos, sempre os mais significativos, a serem submetidos a uma abordagem crítica sumária. Por último, seriam elaboradas duas bibliografias, uma da escritora e outra sobre ela, ambas com indicações de bibliotecas, acervos de colecionadores particulares e, até mesmo, guardados de família, onde as obras pudessem ser consultadas.

Essa pesquisa tomaria grandes proporções, sendo realizada no decorrer de 1990, com vistas à publicação de uma antologia. Antes de dissertar sobre os resultados da investigação, há alguns marcos que, ainda, precisam ser destacados.

Duas teses de doutorado do fim da década de 1980, focadas nessa temática, possuem importância para este estudo: *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*, de Norma Telles, finalizada em 1987 e publicada como livro em 2012; e *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*, por Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, de 1988. Elas trazem à tona abordagens tanto dos *women's studies* como da imprensa, articulando história, a vida e produção de autoras com o conteúdo de periódicos do recorte temporal em comum. Destacam-se as segundas partes dos trabalhos de ambas, em que se sobressaem, especificamente, comentários sobre escritoras oitocentistas. Telles (2012) investiga a imaginação e criatividade femininas finisseculares, com inspiração em *The madwoman in the attic* (1979), de Sandra Gilbert e Susan Gubar, além de questões de autoria e gênero no País

---

<sup>24</sup> Embora esse fosse o grupo inicial, Vasconcellos (2003) informa que, posteriormente, foram convocadas diversas outras pessoas de todo o território nacional para auxiliá-las.

durante esse período. Ela se volta a análises de duas obras específicas e uma poética em geral: *Nebulosas* (1872), de Narcisa Amália; *Délia* (1890), de Maria Benedita Bormann; e vários livros de Júlia Lopes de Almeida. Já Bernardes (1988), tendo o Segundo Reinado como horizonte temporal e, como espacial, o Rio de Janeiro, faz pesquisas preliminares sobre diversos tópicos: a quantidade de autoras existentes nesse período; os gêneros textuais que mais cultivaram, tanto na ficção como na não-ficção; os jornais que dirigiram; e suas opiniões sobre a condição feminina, em relação ao voto e à educação, por exemplo. Um ponto comum entre esses dois trabalhos é que, em seus finais, há levantamentos que reúnem dados biobibliográficos de algumas mulheres que atuaram nas Letras brasileiras durante o século XIX, constituindo protótipos antológicos, a partir de fontes primárias e secundárias.

Em 1991, foi publicado o número 23 da *Travessia*, revista acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, cujo título é “Mulheres - século XIX”, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart.<sup>25</sup> Os ensaios inseridos versam sobre a conexão entre as mulheres oitocentistas e a literatura criada por elas, tendo em vista que, no editorial “As esquecidas”, Muzart (1991, p. 11) afirma que “há a necessidade urgente de construir a história da mulher no Brasil.” Eles estão divididos em quatro seções, a partir de um critério que une gênero e geografia, juntamente a um ensaio individual sobre escrita masculina: “Mulheres do sul”; “Vozes do nordeste”; “Presenças fortes no coração do país”; e “O olhar masculino”. Assinam os estudos pesquisadoras como Hilda Agnes Hübner Flores, Regina Zilberman, Constância Lima Duarte, Luzilá Gonçalves Ferreira, Elódia Xavier, Sylvia Perlingeiro Paixão. As letradas contempladas são, por exemplo, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Nísia Floresta, Auta de Souza, Corina Coaracy, Júlia Lopes de Almeida, Júlia Cortines, Francisca Júlia da Silva.

Em 1995, houve uma criação importante no âmbito editorial, também vinculada à professora Zahidé Muzart: a Editora Mulheres. Com Elvira Sponholz e Susana Funck, a editora começou a funcionar em outubro de 1996, quando foi publicado o seu primeiro livro. (MUZART, 2004a). Em adição a obras sobre teoria e crítica literária feminista, tinham um interesse na reedição de criações das autoras dos séculos passados, assim como acontecera com a *Virago* e a *Feminist Press*. Ao selecionar essa linha editorial, Muzart (2004a) informa que passaram por diversos empecilhos, como a falta de dinheiro e de respeito, desentendimentos com gráficas, livrarias e distribuidores, além de dificuldades no âmbito da Crítica Textual, ao reeditar livros com linguagem desatualizada. Entretanto, a Mulheres fez a

---

<sup>25</sup> De acordo com Hellmann (2018), Muzart foi criadora da *Travessia*, em 1980, além de sua editora por 13 anos.

sua própria história na linha de resgate no Brasil, concebendo diversas reedições de livros de escritoras brasileiras do século XIX, como se pode observar no seguinte quadro:

**Quadro 1 – Reedições de livros de escritoras brasileiras do século XIX realizadas pela Editora Mulheres**

<b>Título da obra</b>	<b>Autora</b>	<b>Ano de reedição pela Mulheres</b>
<i>Mulheres ilustres do Brasil</i>	Inês Sabino	1996
<i>A Silveirinha: crônica de um verão</i>	Júlia Lopes de Almeida	1997
<i>Cintilações de uma alma brasileira</i>	Nísia Floresta	1997
<i>D. Narcisa de Villar</i>	Ana Luísa de Azevedo Castro	1997
<i>Sorrisos e prantos</i>	Rita Barém de Melo	1998
<i>Itinerário de uma viagem à Alemanha</i>	Nísia Floresta	1998
<i>Lésbia</i>	Maria Benedita Bormann (Délia)	1998
<i>Lutas do Coração</i>	Inês Sabino	1999
<i>A viúva Simões</i>	Júlia Lopes de Almeida	1999
<i>A luta</i>	Carmen Dolores	2001
<i>Uma voz ao sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio</i> <sup>26</sup>	Maria Clemência da Silveira Sampaio	2003
<i>A falência</i>	Júlia Lopes de Almeida	2003
<i>A rainha do Ignoto</i>	Emília Freitas	2003
<i>Úrsula</i>	Maria Firmina dos Reis	2004
<i>Divórcio?</i>	Andradina de Oliveira	2007
<i>Memórias de Marta</i>	Júlia Lopes de Almeida	2007

<sup>26</sup> Organização de Maria Eunice Moreira.

<i>Maria Ribeiro: teatro quase completo</i> <sup>27</sup>	Maria Ribeiro	2008
<i>A família Medeiros</i>	Júlia Lopes de Almeida	2009
<i>O perdão</i>	Andradina de Oliveira	2010
<i>Ânsia eterna</i>	Júlia Lopes de Almeida	2013
<i>Pássaro tonto</i>	Júlia Lopes de Almeida	2013
<i>Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo</i>	Juana Manso	2014
<i>Aurélia</i>	Maria Benedita Bormann (Délia)	2014
<i>Almas complexas</i>	Carmen Dolores	2014
<i>Correio da roça</i>	Júlia Lopes de Almeida	2014
<i>Cruel amor</i>	Júlia Lopes de Almeida	2015
<i>O funil do diabo</i>	Júlia Lopes de Almeida	2015
<i>Duas irmãs</i>	Maria Benedita Bormann (Délia)	Indisponível

Fonte: elaborado do autor, a partir de Ribeiro e Karam (2020). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronicas/article/view/34581>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Seguindo essa lista, constata-se que, durante três décadas, a Editora Mulheres, na figura de Zahidé Muzart, contribuiu para a (re)consideração de obras de escritoras brasileiras oitocentistas no horizonte dos leitores, visto que (re)publicou mais de 25 títulos de 13 autoras diferentes. Muito além de apenas mudar a perspectiva do público, nas palavras de Ribeiro e Karam (2020, p. 5), “o trabalho de edição e reedição levado a cabo por Muzart confrontava – e afrontava – a narrativa hegemônica da história literária brasileira [...]”. Com o falecimento de Muzart em 2015, segundo Hellmann (2018), a Mulheres passou para o domínio de herdeiros.

Sob o selo da Mulheres, também saiu o resultado da pesquisa “Da exclusão à re-visão: escritoras brasileiras do século XIX”. Em 1999, publicou-se o primeiro volume da antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*. Com mais de 900 páginas, versou sobre 52 poetisas e prosadoras nascidas até 1860 — sendo três do século XVIII —, de variadas partes do Brasil, contando com biografias, comentários críticos e excertos das produções originais. O País,

<sup>27</sup> Organização de Valéria Andrade.

finalmente, a partir dos esforços de diversos estudiosos e estudiosas, possuía uma obra similar às que já existiam em países anglófonos, como a *Norton anthology of literature by women* (1985), organizada por Sandra Gilbert e Susan Gubar. Isso foi um marco reconhecido por Muzart (2004b, p. 24), que afirma que

levantamentos como os que realizamos nestes volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX* foram há muito executados em países como os Estados Unidos, a Espanha, a França. Agora, no Brasil, podemos, também, afirmar que retomamos contato com um número expressivo de escritoras que, tendo outrora publicado suas obras, não haviam se tornado conhecidas do leitor contemporâneo. Era, portanto, uma questão de evidenciar nossa herança, nossas raízes [...].

Não há dúvidas de que o primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX* foi um ponto-chave para o percurso desse tipo de pesquisa no País, auxiliando na sua consolidação e pavimentando o caminho para estudos que seriam executados posteriormente, que constituem a terceira fase do movimento.

### 2.3 TERCEIRA FASE: CONSOLIDAÇÃO E RUMOS FUTUROS

Apesar do início do novo século, ainda colhiam-se os frutos do primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*. Muzart (2004b, p. 21) informa que,

desde aquele primeiro passo, observamos que se intensificou, sobremaneira, o interesse e a procura das mulheres contempladas pela nossa antologia. Pesquisas começaram a pipocar pelo Brasil todo e, como consequência, publicaram-se várias coletâneas, apresentaram-se dissertações, defenderam-se inúmeras teses que tiveram por assunto, por exemplo, a obra de Adelaide de Castro Alves Guimarães, a de Emília Freitas, a de Maria Benedita Bormann, Ana Ribeiro, Carmen Dolores, Joana Paula Manso de Noronha, Josefina Álvares de Azevedo, Júlia Maria da Costa, entre outras.

A obra de Muzart representaria a vanguarda para que o resgate de escritoras esquecidas se consolidasse no Brasil, garantindo atenção da mídia, obtendo destaque em periódicos como *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal da Tarde*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Zero Hora*, *A Notícia*, *Diário Catarinense*, *O Estado de Santa Catarina*, *Marie Claire*, *Época*. (MUZART, 2004b).

Seguiram essa publicação, já nos anos 2000, outras antologias de grande relevância. Um exemplo é *Tirando do baú*: antologia de poetas brasileiras do século XIX, de 2003, por Kátia da Costa Bezerra. Ao trazer à tona as vidas e criações de 125 poetas oitocentistas,

nascidas entre 1850 e 1890, ela se propôs a “[...] apontar caminhos para futuros pesquisadores preocupados em reconstruir o mundo cotidiano dessas mulheres, assim como mapear os espaços de negociação permitidos para essas várias mulheres nas suas diferentes esferas de atuação.” (BEZERRA, 2003a, p. 13). Os verbetes contêm dados de possíveis pseudônimos, uma minibiografia, obras publicadas, referências bibliográficas e, às vezes, excertos de alguma produção literária. Muzart (2004b) também destaca *Retratos à margem: antologia de escritoras do Alagoas e Bahia (1900-1950)*, por Izabel Brandão e Ívia Alves, de 2002.

Surgiram, também, mais trabalhos acadêmicos. Helena Parente Cunha ministrou uma disciplina, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre escritoras brasileiras do século XIX, baseada na antologia. Os trabalhos finais dos estudantes resultaram, posteriormente, na obra *Desafiando o cânone 2: ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX* (2001). A meta da organizadora era “[...] acompanhar a maneira como as escritoras enfrentaram a rigidez do cânone literário e comportamental” (CUNHA, 2001, p. 22), e, para isso, os ensaios focalizam um rol geograficamente variado de autoras, a saber: Nísia Floresta; Maria Firmina dos Reis; Amália dos Passos Figueiroa; Júlia da Costa; Narcisa Amália; Maria Benedita Bormann (Délia); Adelaide de Castro Alves Guimarães; Emília Freitas; Alexandrina da Silva Couto dos Santos; Francisca Clotilde; Edwiges de Sá Pereira; Amélia Rodrigues; Ignez de Almeida Pessoa; Anna Alexandrina Cavalcanti de Albuquerque; e Ernestina Uchoa.

Em 2004, publicar-se-ia o segundo volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*, pois, de acordo com Muzart (2004b), a grande repercussão do primeiro serviu de motivação. Seguindo o critério cronológico, o grupo de pesquisadoras e pesquisadores reuniu, em mais de mil páginas, as trajetórias biográficas e literárias de 53 escritoras, agora, nascidas entre 1861 e 1880. Hellmann (2018) destaca que o livro recebeu uma indicação para o 47º Prêmio Jabuti, o mais prestigioso da literatura brasileira. O terceiro — e último — volume viria em 2009. Estão presentes nele 56 autoras, a partir de, novamente, outras mais de mil páginas. Assim, no decorrer de 10 anos, Zahidé Muzart e seu grupo alteraram a noção de uma história hegemonicamente masculina da literatura brasileira. Como afirmam Schmidt e Ramos (2005, p. 219), a publicação das antologias remeteu a um processo que reuniu três períodos históricos, pois houve a

demonstração de um trabalho de equipe e de uma sinfonia ou sintonia de múltiplas vozes em um tempo datado: escritoras brasileiras do século XIX, pesquisadoras brasileiras do século XX, literatura brasileira para o século XXI, que possibilitam reavaliar nossa história cultural.

Uma recente — mas com raízes antigas — expressão na metodologia do resgate de escritoras tem sido a (re)valorização da imprensa oitocentista na investigação e análise do objeto de pesquisa, de maneira transdisciplinar. Desse modo, as pesquisas se voltam ao mesmo tempo ao estudo da literatura, da vida das autoras e dos periódicos feministas, examinando-os sistematicamente. Esse fenômeno, que já havia aparecido em *Mulheres de ontem?* (1988), pode ter seu ressurgimento atribuído, parcialmente, ao sucesso e à circulação do dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX* (2016), de Constância Lima Duarte, título que reuniu dados de 143 jornais e revistas editados e disseminados do nordeste ao sul do País, sempre voltados à mulher oitocentista.

Como exemplo dessa abordagem, destaca-se a coletânea de ensaios *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*, organizada por Cecil Jeanine Albert Zinani, de 2019. Encontra-se nela o estudo, em 11 capítulos, do conteúdo dos números d’*A Mensageira* (1897-1900) e, simultaneamente, a extensão das considerações biográficas e críticas de autoras como Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Andradina de Oliveira, e suas criações, a partir de suas colaborações registradas em tal periódico. Em prefácio, Ferreira (2019, p. 9) aponta que sua relevância está contida em se tratar “[...] de um material de suma importância para repensar o cânone e para repaginar a história da literatura e a história das mulheres, a partir de novos paradigmas.”

Trabalhos antológicos focados na ampliação e complementação de dados acerca da existência de autoras oitocentistas continuam sendo produzidos. *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses* (2020),<sup>28</sup> fruto de um projeto de pesquisa interinstitucional, de Maria Eunice Moreira, voltou-se a essa tarefa, com ênfase num grupo de 11 escritoras do Rio Grande do Sul, como Anália Vieira do Nascimento, Cândida Fortes Brandão e Tercília Nunes Lobo, unidas por terem seus textos publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de Portugal, entre 1873 e 1903. Essa investigação,

[...] ao mesmo tempo que visou à recuperação da história de vida desse conjunto de mulheres, conjunto esse singular na história da literatura sul-rio-grandense, comprometeu-se também de dar visibilidade à sociedade sobre a produção dessas escritoras, revelando, assim, seu compromisso com um discurso que, relegado pela historiografia oficial, é significativo para a construção da literatura rio-grandense e brasileira, e para entendimento das relações que se estabeleceram no final do século

---

<sup>28</sup> Destaca-se que a obra foi vencedora do Prêmio AGES (Associação Gaúcha de Escritores) 2021, na categoria especial.

XIX, entre os intelectuais do estado mais meridional do Brasil e a ex-metrópole portuguesa. (MOREIRA, 2020, p. 12).

Ademais, embora as reedições da Editora Mulheres tenham sido interrompidas após a morte de Zahidé Muzart, a biblioteca do Senado Federal, atualmente, tem assumido um compromisso em trazê-las ao público novamente. Em 2018, iniciou-se a Coleção Escritoras do Brasil com o intuito de “[...] valorizar o pensamento e a produção da mulher brasileira na construção da história do país.” (TROMBKA, 2018, p. 11). Esse trabalho tem resultado em novas edições de vários livros de escritoras oitocentistas, como, por exemplo: *A mulher moderna*, de Josefina Álvares de Azevedo, em 2018; *Opúsculo humanitário*, de Nísia Floresta, e *Ânsia eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, em 2019; *Mármore*, de Francisca Júlia da Silva, e *A judia Raquel*, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz, em 2020; *Cancros sociais*, de Maria Ribeiro, *Um drama na roça*, de Carmen Dolores, e *Dálias*, de Auta de Souza, em 2021; *Marphysa*, de Dunga Rodrigues (Maria Benedita Deschamps Rodrigues), e *A infanta Carlota Joaquina*, de Chrysanthème, em 2022.

A terceira e contemporânea fase tem se mostrado muito produtiva, embora ainda esteja em andamento. Apesar de ainda não estar finalizada, a partir da trajetória traçada neste capítulo, pode-se verificar uma expressão tríplice de abordagens em relação à linha de pesquisa “resgate”:

a) (Re)edição: partindo de um trabalho verdadeiramente arqueológico, de encontrar fontes, visitar bibliotecas e sebos, e/ou ter acesso a coleções de bibliófilos, os estudiosos vão em busca das edições *princeps* dos livros. Há, ainda, a possibilidade de encontrar grande parte das poéticas das autoras ainda publicada apenas na imprensa, a partir de acervos como o da Biblioteca Nacional, na Hemeroteca Nacional Digital. Quando recuperadas, as obras passam por um tratamento severo de edição e adequação a uma linguagem contemporânea, mais acessível aos leitores de hoje em dia, além da possível suplementação com notas explicativas, a fim de diminuir o distanciamento do significado de elementos linguísticos de outrora, inconvenientes no momento da leitura. Normalmente, são seguidos os preceitos da Crítica Textual;

b) Suplementação biobibliográfica: trata-se da complementação de dados acerca das vidas e obras das escritoras, frequentemente incompletos ou incorretos, buscando saná-los a partir de outras fontes, como documentos pessoais, periódicos e dicionários bibliográficos;

c) Estudos: refere-se à produção de ensaios analíticos, com base na teoria literária contemporânea e na literatura comparada, examinando a produção dessas mulheres que,



durante um extenso período de obscuridade, não recebeu a devida atenção da crítica literária. Portanto, agora, pode ser (re)lida e (re)examinada, já que há a produção de (re)edições fidedignas.

Esta dissertação está inserida na primeira tendência, a (re)edição. Desse modo, o próximo capítulo se volta a uma primeira tarefa para possibilitar essa criação, o resgate dos contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa.

### 3 RESGATANDO CONTOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA RESTRITOS À IMPRENSA

Tendo em vista que o objetivo geral desta dissertação é a produção de uma edição de contos de Júlia Lopes de Almeida que só foram, até então, publicados nas páginas de periódicos, o atual capítulo, para chegar a essa finalidade, focaliza numa primeira etapa: o resgate do material.

Ao recuperar a produção contística de Júlia Lopes de Almeida, é necessário levar em conta que ela iniciou a sua carreira literária com colaborações em jornais locais, e os seus textos logo atingiriam diversos estados do País, assim como do exterior, notadamente Portugal e França. Num número d'*O Republicano*, de Aracaju, publicado em 31 de outubro de 1890, é revelado que o preço para que as páginas fossem estampadas por uma de suas criações era de cinco mil réis, valor considerado uma *magra pelega* pelo editor, tendo em vista a alta qualidade da produção da “[...] Corinna brasileira, a quem, como a grega, calha o epitheto de *Musa lyrica* [...]” (FACTOS... 1890, p. 2). Dessa maneira, sua prosa, sempre requisitada, apareceu em veículos jornalísticos comuns, como *O País* — o qual manteve colunas semanais durante 22 anos (ALMEIDA, 2015) —, e, também, os da imprensa de mulheres, como *A Família* e *A Mensageira*.

Assim, dada a frequente presença de Júlia Lopes de Almeida na imprensa, os periódicos, como fontes primárias, contêm grande parte de sua escritura inédita e esquecida, sendo úteis materiais de pesquisa. Para tanto, este trabalho de recuperação focou na consulta de um acervo específico, o acervo virtual da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Nacional Digital, em busca de contos publicados entre 1885 e 1902, voltando-se a um momento inicial de sua carreira. Portanto, no resgate em questão, excluíram-se os seguintes textos já veiculados em coletâneas da prosadora durante esse intervalo:

**Quadro 2 – Contos e crônicas de Júlia Lopes de Almeida inseridos em *Contos infantis*, *Traços e iluminuras*, *Livro das noivas* e *Ânsia eterna*<sup>29</sup>**

<b>Obras e seus conteúdos<sup>30</sup></b>			
<i>Contos infantis</i> (1886 [1905]) <sup>31</sup>	<i>Traços e iluminuras</i> (1887)	<i>Livro das noivas</i> (1896 [1914])	<i>Ânsia eterna</i> (1903) <sup>32</sup>
“A leitura”	“Regina”	“O dia do casamento”	“Ancia eterna”
“O passarinho”	“As violetas”	“Saber ser pobre”	“O Caso de Ruth”
“A rosa”	“Prenda de amor”	“A roupa branca”	“A Rosa Branca”
“Historia de um vintem contada por elle mesmo”	“Tia Angelica”	“A poesia da vida”	“Os Porcos”
“O gago”	“Ainda bem”	“Os doentes”	“O Voto”
“O retrato da avó”	“A reabilitação”	“Os livros”	“E os cysnes?”
“Os morangos”	“Fascinação de luxo”	“Bellas artes”	“Sob as Estrellas”
“Biographia de uma aranha”	“O relojoeiro”	“Concessões para a felicidade”	“A Primeira bebedeira”
“O remendo”	“Entre malmequeres”	“Os bailes”	“A Casa dos Mortos”
“A costureira”	“O sineiro”	“As joias”	“As Historias do Conselheiro”
“A ingratição”	“Pierrette”	“Os pobres”	“A Caôlha”
“A esmola”	“O remorso da viscondessa”	“Falta de tempo”	“In Extremis”
“Os sapatinhos azues”	“A escrava”	“Carta a uma noiva”	“A Boa lua”

<sup>29</sup> Embora esses livros tenham sido publicados entre 1887 e 1903, para a elaboração do quadro, foram utilizadas as seguintes edições, visto que foram as únicas encontradas: *Contos infantis* (1905), sexta edição; *Traços e iluminuras* (1887), primeira edição; *Livro das noivas* (1914), terceira edição; e *Ânsia eterna* (1903), primeira edição.

<sup>30</sup> Manteve-se a grafia original dos títulos dos textos.

<sup>31</sup> No levantamento dessa obra, publicada em co-autoria com Adelina Lopes Vieira, consideraram-se apenas os textos em prosa, pois, segundo Stanislavski (2004), eles são os únicos escritos por Júlia Lopes de Almeida, enquanto o restante, em verso, é de Vieira ou, ainda, constitui traduções dos originais de Louis Ratisbonne, feitas por essa irmã mais velha.

<sup>32</sup> Segundo Figueiredo (2014), ainda, uma reedição da década de 1930 adicionou os contos “O lote 587”, “O coração tem razões” e “O redentor”.

“O palhaço”	“Memorias de um leque”	“A mesa”	“Esperando”
“As duas fadas”	“O tribunal”	“A cozinha”	“Incognita”
“D. Formiga”	“Confessor e penitente”	“Os animaes”	“A Alma das flores”
“As flores do pecegueiro”	“Miss Wilkens”	“As aves”	“Ondas de Ouro”
“Mimi, ou a cabrinha cinzenta”	“N’um serão de marinheiros”	“Os criados”	“O Ultimo raio de luz”
“O Faisca”	“Quadro Biblico”	“Notas de uma <i>menagère</i> ”	“A Morte da Velha”
“Boas-festas”	“A fallencia”	“Floricultura”	“Perfil de preta”
“A escola”	“O dinheiro”	“Horticultura”	“A Nevrose da Côr”
“O berço”	“Irmã Christina”	“Da sala á cozinha”	“As Tres Irmãs”
“O tamanco”	“La pobre chica”	“Uma carta”	“O Véo”
“Morta!”	“Acta est fabula”	“Ser mãe”	“Pela Patria”
“Protecção divina”		“Entre dois berços”	“O Dr. Bermudes”
“O calice de vinho”		“As crianças”	“A Valsa da Fome”
		“Educação”	“O Futuro Presidente”
		“Carinhosa hospitalidade”	“O Ultimo discurso”
		“Carta de uma sogra”	“No muro”
			“As rosas”

Fonte: elaborado pelo autor, a partir de Almeida (1903), Almeida (1914), Lopes (1887), e Vieira e Almeida (1905).

A Hemeroteca Nacional Digital possibilita a pesquisa por meio de palavras-chave em determinadas décadas. O limite de tempo estabelecido se inicia em 1885, ano em que suas composições começaram a aparecer em *A Semana*, do Rio de Janeiro, periódico em que a mais antiga inédita foi encontrada, e termina em 1902, pois *Ânsia eterna* foi publicada na semana de 13 de dezembro de 1902, conforme nota da *Gazeta de Notícias* (O

ACREDITADO... 1902, p. 3),<sup>33</sup> embora o ano conste como 1903 no interior da obra. Quanto à palavra-chave, utilizou-se “Julia Lopes”, sem acento e sem o restante do nome, para que a leitura eletrônica automática a localizasse conforme a grafia da época e, também, considerasse tanto os textos publicados sob o nome de solteira como de casada, tendo em vista que, logo após o seu casamento, ela passa a acrescentar o “de Almeida” no seu final.<sup>34</sup>

Alguns contos encontrados foram publicados mais de uma vez em diferentes periódicos. Para se referir a essas diferentes “versões”, utilizar-se-á o termo testemunho, proveniente da Crítica Textual, adotado por Spaggiari e Perugi (2004) para definir cópia(s) de um texto original perdido — que também é o caso das narrativas aqui recuperadas —.

Os primeiros seis contos foram localizados em *A Semana*, do Rio de Janeiro, uma revista dirigida, inicialmente, por Valentim Magalhães. De acordo com os *Anais da Biblioteca Nacional*, Magalhães foi o seu diretor de janeiro de 1885 a 1887; de 31 de outubro de 1887 a 4 de fevereiro de 1888, Belarmino Carneiro vira o proprietário, enquanto Borges Carneiro torna-se redator principal; de fevereiro a abril de 1888, passa para o domínio de Leopoldo Cabral. É interrompida nessa época, ressurgindo em 5 de agosto de 1893, tendo como redator gerente Max Fleuss e, como secretário de redação, H. de Magalhães. Foi encerrada em 29 de junho de 1895. (FUNDAÇÃO... 1965). De periodicidade semanal, tratava de assuntos diversos, voltando-se principalmente ao jornalismo cultural e ao entretenimento, por meio da literatura. Autores brasileiros famosos do fim do século XIX possuem textos veiculados nela, como Olavo Bilac, Araripe Júnior, Filinto de Almeida e Lúcio de Mendonça, além de contar com a participação feminina, com Adelina Lopes Vieira, Maria Clara da Cunha Santos e Francisca Júlia da Silva, por exemplo, além de Júlia Lopes de Almeida.<sup>35</sup>

Todos os seis contos foram publicados sob a gerência de Magalhães, que possuía uma boa relação com Almeida, sendo grande incentivador do seu trabalho, algo que pode ser constatado a partir de alguns dados biográficos: escrevia resenhas positivas acerca de suas criações, publicando-as, posteriormente, em periódicos (MAGALHÃES, 1887); citava sua marcante presença em conferências sobre a literatura brasileira, até mesmo as realizadas no

---

<sup>33</sup> Na notícia, lê-se: “O acreditado livreiro Garnier acaba de editar um novo livro de contos da illustre escriptora Julia Lopes de Almeida. O livro tem o título do primeiro conto – Ancia Eterna – seguindo-se uma série de narrativas interessantissimas, pela simplicidade do assumpto e pela excellencia do estylo [...]” (O ACREDITADO... 1902, p. 3). Ademais, num número conjunto de *A Notícia* (RJ), de 15 e 16 de dezembro de 1902, há, também, uma nota em que consta: “Acaba de sahir á luz e acha-se á venda o mimoso livro da illustre escriptora D. Julia Lopes de Almeida. [...]” (ANCIA... 1902, p. 4).

<sup>34</sup> Embora logo passasse a adotar tal nome em suas publicações, alguns editores, quando republicavam contos anteriores ao seu casamento, continuavam a apresentar a autoria como apenas “Julia Lopes”.

<sup>35</sup> Nesta recuperação, as informações sobre o primeiro periódico em que os contos apareceram estão incorporados ao corpo da dissertação; já os detalhes sobre os veículos que estamparam testemunhos posteriores, por sua vez, são apresentados em nota de rodapé.

exterior (CONFERENCIAS, 1895); e, posteriormente, passaria a defender a sua participação na Academia Brasileira de Letras. (MENDONÇA, 1907).

A primeira narrativa curta pôde ser encontrada no número 9, ano I, publicado em 28 de fevereiro de 1885, na página 4, sob o nome de solteira da autora, e é intitulada “Illuminuras - As lagrimas”. Todos os seis contos possuem a expressão “Illuminuras” antes do seu título, que foi aproveitada no título da obra *Traços e iluminuras*, de 1887. É possível levantar a hipótese de que Almeida estivesse interessada em criar um gênero específico, apenas seu, constituído por breves histórias, as “Illuminuras”, tendo em vista que, em contos posteriores também inseridos em *A Semana*, o termo inicial foi abandonado. Em contrapartida, Salomoni (2007) afirma que esse era um título específico para a sua coluna semanal. Ambas ideias são possíveis. Ademais, para uma prosadora estreante, as narrativas sucintas, que ocupavam pouco espaço na página dos periódicos, poderiam possibilitar uma maior aceitação, por parte dos editores e leitores, além de maior disseminação em outras folhas. Em geral, há pouco desenvolvimento do enredo, não há muitas personagens, ações e espaços, e os desfechos são simplórios.

“Illuminuras - As lagrimas” é composto por discurso direto e narrador onisciente, trazendo à tona a convivência de uma mãe e sua filha em meio à natureza. A jovem criança, pouco antes de morrer, segura uma pétala de rosa branca em que brilhava o orvalho. Ela conversa com sua mãe, enquanto a voz narrativa reflete: “Desde que venha do céu, a mais pequena cousa espelha o infinito!” (LOPES, 1885a, p. 4). É possível que haja uma analogia entre a filha e a pétala, ambas “pequenas cousas”, advindas do céu. De repente, a mãe começa a chorar, possivelmente, devido à carga emocional da situação. Por sua vez, a menina afirma não querer vê-la chorar, sendo questionada pela mãe o motivo de tanto fitar as suas lágrimas. A pequena, então, responde que era porque podia se ver nelas. A finalização é feita por meio de uma interrupção, apenas apresentando-se as considerações da voz narrativa: “Viriam [as lágrimas] também do céu? Vinham do coração.” (LOPES, 1885a, p. 4).

Além desse testemunho, outros, publicados posteriormente, também foram encontrados: na *Gazeta Paranaense*,<sup>36</sup> de Curitiba (PR), em 18 out. 1888, p. 1 (LOPES,

---

<sup>36</sup> A *Gazeta Paranaense*, de acordo com Pilotto (1976), foi iniciada em 1876 e circulou até o seu 13º ano; em 13 de julho de 1889, foi substituída por *A Tribuna*. De tiragem bissemanal, intitulava-se órgão do partido conservador, sendo propriedade de Benedito Carrão. Embora o conteúdo variasse de número para número, baseando-se nos em que se encontraram contos de Almeida, pode-se verificar que: o custo era, para moradores de Curitiba, de 10\$000 réis anuais ou 6\$000 semanais, enquanto para fora era de 12\$000 e 7\$000, respectivamente; e contava com uma parte oficial, com assuntos governamentais, noticiário, editais, anúncios e, às vezes, variedades.

1888a); em *A Provincia do Espirito-Santo*,<sup>37</sup> de Vitória (ES), em 11 nov. 1888, p. 1 (LOPES, 1888b); em *Goyaz*,<sup>38</sup> sem cidade (GO), em 17 ago. 1889, p. 3 (LOPES, 1889); em *Pacotilha*,<sup>39</sup> sem cidade (MA), em 12 nov. 1894, p. 2 (LOPES, 1894a); e em *A Palavra*,<sup>40</sup> de Penedo (AL), duas vezes, em 6 out. 1894 e 24 out. 1896, ambas na página 3 (LOPES, 1894b; LOPES, 1896). Totalizaram, então, sete testemunhos, provenientes de seis periódicos diferentes. Com exceção de *A Semana*, todos retiraram a palavra “*Illuminuras*” do título.

O segundo conto localizado foi “*Illuminuras - Os pombos*”, primeiramente, em *A Semana*, número 11, ano I, em 14 de março de 1885, página 2. Utiliza também discurso direto e narrador onisciente, abordando um casal em meio a um cenário natural. Os noivos observam um casal de pombos e, acima dele, andorinhas. O homem afirma que, se fosse caçador, evitaria perturbá-lo, mas não hesitaria em abater as andorinhas, “[...] aquelas pobresinhas que lá estão no espaço crendo-se *em liberdade*.” (LOPES, 1885b, p. 2, grifo nosso). Numa mudança de assunto, ele pede a ela qual pássaro gostaria de ser. A réplica é que não gostaria de ser nenhuma, pois o amava. Então, questiona qual ela quereria ser, caso ele não a amasse. A noiva responde, amargamente, que gostaria de ser uma das livres andorinhas, finalizando o conto com esse comentário ácido.

---

<sup>37</sup> *A Provincia do Espirito-Santo*, segundo Barros (2008), teve seu início em 15 de março de 1882, criado por José de Mello Carvalho Moniz Freire e Cleto Nunes Pereira; com o advento da República, passou a denominar-se *Diario do Espirito-Santo*, em 1889, e *Estado do Espirito Santo*, em 1890. No espectro político, caracterizava-se como órgão liberal. Barros (2008, p. 41) ainda informa que “no primeiro ano de sua existência, 1882, as dimensões desse periódico eram de 320 x 480mm (formato Standard) e saía três vezes por semana: às quartas-feiras, sextas, e aos domingos. Em 1º de janeiro de 1883, passou por duas transformações: diminuiu seu tamanho para 253 x 415mm (formato tablóide) e passou a ser publicado diariamente. Foi o primeiro jornal a se tornar diário na imprensa capixaba.” Na Hemeroteca Nacional Digital, há exemplares de *O Estado do Espirito Santo*, seu sucessor, até 1911. A literatura, enquanto entretenimento, era frequente em suas páginas. Além de Júlia Lopes de Almeida, observam-se composições de Adelina Lopes Vieira, sendo possível levantar a hipótese de que a irmã mais velha viabilizava a publicação de textos de Almeida no periódico, algo que se torna mais provável ainda se for levado em conta que Vieira residia e era professora pública primária no Espírito Santo, afirma Bezerra (2003b).

<sup>38</sup> *Goyaz* foi fundado em 1884 por Leopoldo de Bulhões e Félix de Bulhões, sendo um dos mais antigos do País ainda em circulação. (O JORNAL, 2022). Intitula-se órgão democrata. Os exemplares consultados contavam com quatro páginas, contendo parte oficial, notícias, literatura e anúncios. A Hemeroteca Nacional Digital possui exemplares de 1885 a 1910.

<sup>39</sup> *Pacotilha*, conforme Matos (2021), teve início em 1880, com quatro páginas, sendo interrompido brevemente no ano seguinte, mas logo voltando a circular. Passou, então, a receber tiragem diária e seis edições semanais. Seu último número saiu em 1938, totalizando 58 anos de existência. Jorge (2008) *apud* Matos (2021) informa que começou sendo diagramado em três colunas, com 7 centímetros cada, em formato tablóide, mudando, posteriormente, para seis colunas. A tiragem era de 1000 exemplares, alterando-se para 1500 e, então, 2000. Os exemplares do século XIX possuíam anúncios, miscelânea, literatura avulsa, folhetim e algumas notícias.

<sup>40</sup> *A Palavra*, cujo subtítulo era “revista literária dedicada à instrução e recreio da mulher”, insere-se na imprensa feminina oitocentista. Duarte (2016) assevera que sua longevidade se deu de 1889 a 1898, surgindo inicialmente em Pão de Açúcar (AL), mas sendo transferida para Penedo, nesse mesmo estado, com redação de Achilles de Melo. Tinha quatro páginas e era um periódico predominantemente literário, embora haja colunas voltadas à informação e à economia doméstica, além de anúncios. Aceitava colaboração de escritores e escritoras.

Também foram encontrados outros testemunhos de “Illuminuras - Os pombos” nos seguintes periódicos: *Pacotilha*, sem cidade (MA), em 2 mar. 1890, p. 4 (ALMEIDA, 1890a); *Gazeta do Norte*,<sup>41</sup> Fortaleza (CE), 18 mar. 1890, p. 2 (ALMEIDA, 1890b); *O Estado do Espirito Santo*,<sup>42</sup> Vitória (ES), em 1 jun. 1890, p. 1 (ALMEIDA, 1890c); *Correio de Minas*,<sup>43</sup> Juiz de Fora (MG), em 4 abr. 1897, p. 1 (ALMEIDA, 1897a); e *Gazeta de Petropolis*,<sup>44</sup> Petrópolis (RJ), em 6 abr. 1897, p. 2 (ALMEIDA, 1897b). Ao todo, há seis testemunhos advindos de seis periódicos distintos, todos reproduzidos com o nome de casada da autora, exceto o primeiro, de *A Semana*.

O terceiro conto consiste em “Illuminuras - Mutações”, localizado inicialmente em *A Semana*, número 12, ano I, em 21 mar. 1885, página 4. Ao contrário do anterior, é constituído por um tom mais misterioso. A voz narrativa onisciente utiliza o discurso indireto para falar de fenômenos que acontecem com a personagem principal, apenas nomeada como “ela”, sem descrições do espaço. Apresenta, assim, algumas ocorrências de sua vida: “Nas chamas crepitantes de seu espirito faiscava a volubilidade risonha e caprichosa.” (LOPES, 1885c, p. 4). Após o passar do tempo, revela-se que suas mãos começaram a tremer ao fazer uma simples atividade, armar um laço. Acabava a sua ilusão, então, vista através das lágrimas. Com uma interrupção, o desfecho situa todo o enredo anterior: “Luzia-lhe na frente o primeiro cabelo branco.” (LOPES, 1885c, p. 4). Dessa maneira, a temática geral, construída lentamente a cada estrofe, revela que se tratava do processo de envelhecimento de uma mulher, uma mutação, de fato, conectando-se com o título.

---

<sup>41</sup> A *Gazeta do Norte*, como indica Fernandes (2004), circulou entre 1880 e 1892, sendo um órgão liberal em Fortaleza. Grande parte de sua extensão dava espaço aos anúncios, a ponto de páginas inteiras estarem ocupadas por eles. As colunas parecem variar, pois alguns números possuem telegramas, outros notícias e/ou literatura e miscelânea.

<sup>42</sup> O *Estado do Espirito Santo* foi a continuação d’*A Província do Espirito-Santo*. A Hemeroteca Nacional Digital possui exemplares até 1911. Em alguns números, intitulava-se órgão do Partido Construtor-Autonomista, em outros, trazia o lema “Ordem e progresso”. As assinaturas para a capital, Vitória, custavam um determinado valor, enquanto para o exterior eram mais caras. Vendia números diários avulsos por \$200. Era similar ao seu antecessor, tinha quatro páginas e os conteúdos variavam, mas parece ter mantido a valorização da literatura. No número de 12 de junho de 1902, por exemplo, encontra-se, na primeira página, a seção Folhetim, com a publicação de *Canaã*, de Graça Aranha. (ARANHA, 1902).

<sup>43</sup> O *Correio de Minas* foi fundado em 1894, em Juiz de Fora, (CORREIO... 1898) e a Hemeroteca Digital possui números de 1894, 1896-1898, 1901, com alguns faltantes. Em quatro páginas, trazia notícias, editais miscelânea, literatura, anúncios. De acordo com uma nota, provavelmente de seu editor, “o ‘Correio de Minas’ conta com a valiosa colaboração de eminentes homens de letras e com desenvolvido serviço telegraphico, a cargo de criterioso correspondente. Todas as secções desta folha são completas, desenvolvidas, minuciosas e variadas, ao gosto de todos os paladares litterarios.” (CORREIO... 1898, p. 4).

<sup>44</sup> O primeiro número da *Gazeta de Petropolis* foi publicado em 2 de junho de 1892, enquanto seu último, em 28 de dezembro de 1904, na Typographia da *Gazeta de Petropolis*. Seu último número revela que foi uma continuação d’*O Mercantil*, fundado em 3 de março de 1857, e que tinha direção de Martinho Moraes. (GAZETA... 1904). Os dias de sua impressão se alteravam frequentemente, pois em algumas edições constam terças, quintas e sábados e, em outras, quartas, sextas e domingos, dependendo do ano. Os conteúdos variavam em suas quatro páginas, podendo conter notícias, seção oficial, editais, seção forense, folhetim, literatura avulsa, obituário, anúncios.



“Illuminuras - Mutações” se manifestou em outros dois testemunhos, além do de *A Semana*, presentes em periódicos diferentes, a saber: *A Provincia do Espirito-Santo*, Vitória (ES), em 30 abr. 1885, p. 3 (LOPES, 1885d), com o exato mesmo título; e *A Lucta*,<sup>45</sup> Desterro (SC), em 16 jul. 1885, p. 2 (LOPES, 1885e), apenas nomeado “Illuminuras”, embora tenha o mesmo texto.

O primeiro testemunho de “Illuminuras - Sensitiva” está situado em *A Semana*, número 15, ano I, em 11 abr. 1885, página 6. Traz à tona o sonho de um homem sobre uma flor exótica, “[...] a que ninguém sabia dar o nome; flôr que, se tinha umas petalas brilhantes como o fogo, tinha outras da baça tristeza do marfim, ardente e suave, flôr da India e da Europa, de sob a serra e da beira mar.” (LOPES, 1885f, p. 6). Embora nenhum botânico reconhecesse qual era a espécie, o homem foi capaz de desvendar o mistério: falou que era o coração de Alice – uma personagem até então desconhecida, não apresentada, provavelmente sua amada –. Em meio a risos, de repente, uma outra mulher resolve cortar a haste da flor, que se fecha. Então, o homem acorda, finalizando o caráter onírico, ao afirmar: “[...] se eu consentisse em que alguém tocasse no amor que ella me tem, a pobresinha choraria, mas havia de esconder de mim seu coração.” (LOPES, 1885f, p. 6).

O conto também foi achado nos seguintes veículos: *Gazeta Paranaense*, Curitiba (PR), 15 jan. 1888, p. 3 (LOPES, 1888c); e *A Galeria Illustrada*,<sup>46</sup> Curitiba (PR), 30 dez. 1888, p. 2 (LOPES, 1888d). Ambos retiraram a palavra *Illuminuras* do título.

A penúltima *Illuminura*, “*Illuminura - Uma ruina*”, apareceu em *A Semana*, número 25, ano I, em 25 de junho de 1885, página 3. Traz, como característica, a brevidade, pois possui apenas três parágrafos de extensão, sendo um deles composto por apenas uma linha. O enredo se baseia na divagação de uma narradora — que marca o seu gênero —, a partir de memórias. Ela relembra contemplar, numa gruta, um ninho de passarinho feito dentro de um crânio em osso. Passado o tempo, nos dias atuais, finaliza o enredo com uma reflexão

---

<sup>45</sup> *A Lucta* foi um jornal efêmero de Desterro (atual Florianópolis), tendo circulado entre 14 de maio e 13 de agosto de 1885, como revelam a Hemeroteca Nacional Digital e a Hemeroteca Digital Catarinense. Publicava-se duas vezes por semana, às quintas e domingos, podendo ser assinado no escritório do *Jornal do Comércio*, situado na Praça Barão de Laguna, nº 14, por 1\$000 por semestre ou 1\$200 com envio pelo correio. (EXPEDIENTE, 1885). As colunas mais frequentes são notícias, necrológio, literatura e anúncios.

<sup>46</sup> *A Galeria Illustrada*, também chamada de *A Galeria Allustrada* em alguns veículos, teve o seu primeiro número editado em Curitiba, em 20 de novembro de 1888, e, em 29 de setembro de 1889, o último, sendo que a Hemeroteca Nacional Digital apenas não dispõe dos exemplares nº 18, 21 e 22, segundo Costa (2022). Um de seus editoriais revela que buscava ser um periódico ao estilo europeu, com páginas estampadas com imagens de paisagens, retratos de personalidades nacionais e internacionais, além de, no conteúdo, notícias locais e entretenimento. Não se filiava a nenhum partido político. Custava, para a capital, 8\$000 por semestre e 500\$ por número avulso, ou, para fora, 10\$000 e 500\$ respectivamente. Destaca-se pelo seu luxuoso projeto gráfico. Costa (2022) afirma que Valentim Magalhães fora um de seus colaboradores, motivo pelo qual, talvez, Júlia Lopes de Almeida tenha tido textos publicados nessa revista.

sentimental, em relação a um interlocutor, ao lembrar-se de tal cena: “Hoje me veio á memoria esse encontro, ao saber que o amor foi aninhar-se sem medo no teu gasto e arruinado coração.” (LOPES, 1885g, p. 3). A narrativa evoca um caráter de crônica e, pela primeira vez nas “*Illuminuras*”, está assinada: “Campinas, Junho de 1885.” (LOPES, 1885g, p. 3). Encontrou-se a republicação em apenas um outro periódico, isto é, no *Diario de Noticias*, Belém (PA), 19 jul. 1885, p. 2. (LOPES, 1885h). A palavra *Illuminura*, ao contrário dos títulos dos outros contos, dessa vez, aparece no singular em ambos periódicos.

A última narrativa desse conjunto é “*Illuminuras - Adeus!*”, localizada em *A Semana*, número 37, ano I, em 12 de setembro de 1885, páginas 6-7. Talvez seja a “*Illuminura*” com mais expressiva feição de conto, pois explora de maneira relativamente eficientes descrições do espaço, das personagens, diálogos, ação e desfecho. Inicia-se com o encontro de duas figuras num umbral e, então, apresentam-se detalhes acerca de suas feições: uma delas, “a que sahia trazia a loira trança enleada com a symbolica flôr da laranjeira, e vaporosa tunica e pés descalços, pequeninos, roscos...” (LOPES, 1885i, p. 6); já a outra, “a que entrava vinha orvalhada de lagrimas, arrastava um longo manto pezado como a tristeza e alvo como o arminho” (LOPES, 1885i, p. 6). Posteriormente, é revelado que se trata de duas personagens antropomorfizadas, a Esperança, que saía, e a Saudade, que entrava, de modo que elas acabam se cruzando. Enquanto a primeira levanta voo e desaparece em meio às nuvens, a segunda, soturna, vai conhecendo o local, finalmente revelado em mais uma alegoria insólita: o coração.

“*Illuminuras - Adeus!*” também apareceu nas folhas destes veículos: *A Patria Paraense*,<sup>47</sup> sem cidade (PA), 1 jul. 1894, p. 2 (ALMEIDA, 1894a); *A Republica*,<sup>48</sup> Curitiba (PR), 8 dez. 1894, p. 1-2 (LOPES, 1894c); *Gazeta de Petropolis*, Petrópolis (RJ), 3 mai. 1898,

---

<sup>47</sup> A Hemeroteca Nacional Digital possui 85 exemplares de *A Patria Paraense*, todos veiculados durante 1894, sendo o primeiro em 24 de junho e, em 7 de outubro, o último. Com o subtítulo “diário noticioso, comercial e literário”, era propriedade de uma sociedade anônima. Destaca-se o seu rigoroso critério editorial de publicação. De acordo com um franco editorial de um de seus números, esse jornal era rigoroso quanto ao que publicava: informa-se que todas as publicações de interesse particular eram pagas; artigos, protestos e conteúdos de interesse particular deviam ser reconhecidos em firma por notário público e, também, utilizar linguagem adequada; e os artigos deveriam ser enviados à direção, não havendo restituição de manuscritos, fossem eles publicados ou não. (A PATRIA... 1894). Embora tenha quatro páginas e os conteúdos comuns dos jornais oitocentistas, seus altos preços são marcantes, principalmente para outros locais além do estado, de 20\$000 por semestre. É possível levantar a hipótese de que seus editores tinham acesso e reproduziam conteúdos de *A Semana*, pois, ao lado do conto “*Adeus*”, de Júlia Lopes de Almeida, há um texto de autoria de Lúcio de Mendonça, também publicado nessa revista fluminense em 2 de junho de 1894.

<sup>48</sup> A longevidade de *A Republica* se estende de 15 de março de 1886 a 1930, totalizando 44 anos de existência, conforme Corrêa (2009). Intitulava-se órgão do partido republicano e jornal da manhã. O custo das assinaturas variava, dependendo do ano. Em suas quatro páginas, veiculava, principalmente, telegramas, notícias, editais, literatura, seção oficial e anúncios.

p. 3 (LOPES, 1898); *Revista da Semana*,<sup>49</sup> sem cidade (RJ), 10 ago. 1902, p. 3 (LOPES, 1902). O texto de *A Patria Paraense* traz o nome de casada da autora, além de, no título, remover a palavra “*Illuminuras*” e o ponto de exclamação. Algo similar ocorreu com o da *Revista da Semana*, que manteve o ponto de exclamação, mas adicionou reticências ao título.

Constata-se que *A Semana* foi marcante para o início da carreira de Almeida, porque publicou suas “*Illuminuras*” quase mensalmente. Além disso, uma expressiva parte dos contos de *Traços e iluminuras* (1887) apareceram anteriormente nessa revista, por exemplo, “*Ainda bem*”, em 19 set. 1885, e “*A reabilitação*”, em 21 ago. 1886. Os seguintes contos, por sua vez, não iniciaram em *A Semana*, abandonando a singeleza das “*Illuminuras*”.

Em 26 de março de 1886, Júlia Lopes de Almeida — nomeada apenas Júlia Lopes nesse período — parte com a família para a Europa, tendo se casado com Filinto de Almeida em 28 de novembro de 1887, em Lisboa. (ALMEIDA, 2015). Salomoni (2007) informa que, a partir desse momento, passa, ao assinar sua prosa, a acrescentar o sobrenome do marido, além de colaborar efetivamente com jornais e almanaques brasileiros e portugueses. Tais dados são relevantes, na medida em que o próximo conto foi encontrado em um jornal lisboeta e, pela primeira vez nesta lista, cronologicamente, está assinado com o nome de casada da escritora. Trata-se de “*O presente de nupcias*”, publicado, com dedicatória à Joanna Andresen, em 5 de março de 1888, na página 2, no suplemento literário do *Correio da Manhã*.

Esse jornal começou a circular em 1 de dezembro de 1884 e foi fundido com o *Diário da Manhã* em 1 de janeiro de 1898, que, por sua vez, encerrou-se em 29 de junho de 1898. O periódico circulava por Portugal, Espanha, Brasil e África, esta última localidade sem conter especificação de país, tendo como diretor do número em que Almeida colaborou M. Pinheiro Chagas. Os valores variavam de \$900 a 3\$600, dependendo da localidade para onde fosse enviado, sendo o Brasil a mais cara. O suplemento literário possuía quatro páginas, contando com ficção, cartas, notícias e telegramas.

O enredo, coincidentemente com a fase em que Almeida estava vivendo no momento, é voltado para a decisão de uma família sobre o que dar de presente de núpcias para a noiva. O uso de discurso direto, na narração, traz à tona diálogos do pai e da mãe com suas filhas sobre o que uma delas, que não estava presente, deveria ganhar para simbolizar tal data tão

---

<sup>49</sup> *A Revista da Semana*, consoante Casadei (2017), começou a circular em 1900 como um encarte do *Jornal do Brasil*, tendo como público-alvo homens e mulheres de classe média. A Hemeroteca Nacional Digital possui números até 1959. Nos anos iniciais, cada número custava \$300. Era um periódico voltado ao entretenimento, com miscelânea e literatura, além de anúncios. Dentre seus colaboradores, estavam autores como Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac. Também continha luxuosas fotografias e ilustrações. Alguns números possuíam a seção de modas, comum à imprensa voltada às mulheres, provavelmente com o intuito de conquistar esse público leitor.

especial. Sugerem-se aparelhos de chá, jarras chinesas, espelhos, entre outros. O irmão mais novo, Néné, pede dinheiro ao pai para comprar, também, algo para a noiva. O conto é finalizado quando Néné afirma que comprará o presente e, ainda, dará a ela todas as suas economias, emocionando a todos, que passam a pensar que “[...] era elle quem melhor presente offerencia á noiva – porque emfim... dava tudo o que tinha!” (D’ALMEIDA, 1888, p. 2).

Em 11 de junho de 1889, já estando de volta no seu País natal, a escritora tem o conto “Na floresta” publicado em *O Paiz*, de uma cidade não especificada do Maranhão, provavelmente a capital, que não se deve confundir com o jornal homônimo fluminense.

De acordo com Santos (2018), *O Paiz* iniciou suas atividades em 1 de maio de 1863 e passou por três fases distintas: a primeira, de 1863 a 1884, sob o controle de Themístocles Aranha; a segunda, com duração de oito meses em 1885, focada em sanar as dívidas contraídas pela publicação; e a terceira, de 1886 a 1889, ano em que finalizou suas atividades devido a complicações financeiras. O número em que Almeida colaborou, 131 do ano XXVII, tinha como redatores os Drs. Antonio Jansen de Mattos Pereira e Raymundo Abilio Ferreira Franco, e podia ser adquirido na Redacção e Typographia Largo de Palacio por 40 réis, ou, ainda, havia a possibilidade de contratar a assinatura, cujos custos eram de 12\$000 anuais para a capital ou 14\$000 para outras localidades. Observou-se que, na impressão diária de quatro páginas, o número em questão mesclava conteúdos de jornal com os de almanaque. Assim, trazia efemérides e fases da lua juntamente a notícias, folhetim, literatura avulsa, seção oficial, editais, miscelânea, informações sobre lançamentos de livros e anúncios.

“Na floresta” é um conto brevíssimo, lembrando muito as “Illuminuras”. Grande parte de sua extensão de seis parágrafos — sendo dois deles compostos por apenas uma linha — traz descrições de um cenário da natureza. A voz narrativa relata, nesse ambiente, as ações de diversos animais: uma cegonha que observa as folhas; répteis que passeiam pelas pedras; e uma aranha que tece sua teia. Então, apresenta o clímax, no qual dois colibris “beijam-se amorosos” numa figueira, enquanto uma cobra espreita-os sigilosamente. Em vez de apresentar um desfecho, solucionando esse ponto alto da história, apresentam-se apenas as considerações finais do narrador: “Que confiança a do amor!” (ALMEIDA, 1889a, p. 2).

Ainda em 1889, no dia 9 de novembro, mais precisamente, *A Provincia do Espirito-Santo*, periódico responsável por também veicular “Illuminuras - As lagrimas” e “Illuminuras - Mutações”, trouxe a narrativa “A filha do calceteiro” às suas páginas. Um outro testemunho

foi encontrado na revista *A Família*,<sup>50</sup> sob formato serializado em duas partes, sendo a primeira no número 42 do ano 1, datado 14 de dezembro de 1889, e a segunda, por sua vez, no número 43 do mesmo ano, em 21 de dezembro. (ALMEIDA, 1889b; 1889c).

O enredo começa com um calceteiro realizando o seu trabalho diário em frente a uma bela casa, situada numa rua pouco movimentada. Ouvia-se um piano e, de repente, duas pessoas saem da casa: uma senhora mais velha e uma menina, que esperavam sua carona. O calceteiro deseja que a jovem demore a partir e, então, é revelado que ele é, na verdade, seu pai. Ela tinha sido abandonada, aos três meses de idade, por ele, após supor uma traição por parte de sua esposa, que acabou num hospital e, posteriormente, nas ruas, enquanto o marido havia se tornado alcoólatra, viciado em jogos e ladrão. Contudo, agora, ele estava arrependido de tudo isso, porém, sabia que a filha jamais concederia seu perdão. A personagem, de repente, sai da casa e entra no bonde, enquanto o pai observa sua beleza maravilhado, pegando um lenço que ela deixara cair. Os outros calceteiros zombam da situação e ele revela, inicialmente, que ela era sua filha, mas logo corrige: “Quero dizer: aquella menina é o retrato de uma filha que eu tive e... que morreu.” (D’ALMEIDA, 1889, p. 4). Após essa declaração, finaliza-se a narrativa com os companheiros de trabalho voltando ao ofício silenciosamente, enquanto o protagonista secava suas lágrimas com o objeto de lembrança derrubado, sem querer, por sua filha perdida.

*A Família* também veiculou o último conto encontrado nesta recuperação durante o decênio 1880-1889, “O beijo”, sendo o único testemunho desse texto localizado. Ele está presente na edição de 31 de dezembro de 1889, nas páginas 4 a 5. (ALMEIDA, 1889d). A narrativa gira em torno de um conflito simples: duas personagens, casadas, estão sempre brigando. Numa ocasião, o marido quer fechar a janela da residência, mas a esposa quer mantê-la aberta. Com a ajuda da neta, resolve-se essa situação. Então, um parente aposta com a menina que o casal nunca mais concordaria em algo. Posteriormente, outro conflito vem à tona entre o casal, pois um afirma que as torradas que comiam estavam muito queimadas, enquanto que o outro discorda. A jovem ameniza a situação novamente e, ao desejar boa noite a ambos, faz com que se beijem por acaso, fortalecendo os laços entre eles novamente.

---

<sup>50</sup> *A Família*, dirigida por Josefina Álvares de Azevedo, foi uma revista feminista iniciada em São Paulo, em novembro de 1888, sendo deslocada, em 18 de maio de 1889, ao Rio de Janeiro, em que circulou até 1897. Custava 10\$000 réis na capital e 12\$000 réis no interior, valores que aumentaram para 12\$000 e 14\$000, respectivamente, após o segundo ano de existência, sempre com pagamento adiantado. Composto por quatro a oito páginas, com três colunas, seus números iniciais apresentam o subtítulo “jornal literário dedicado à educação da mãe de família”, que acabou sendo retirado, posteriormente, mantendo-se apenas a epígrafe de Victor Hugo: “Veneremos a mulher! Glorifiquemo-la! Santifiquemo-la.” Em meio ao entretenimento, composto por literatura e excertos biográficos, trazia notícias e reivindicações relacionadas às mulheres. Congregou um robusto conjunto de colaboradoras brasileiras de diversos estados.

Finaliza-se com a garota afirmando, alegremente, que havia ganhado a sua aposta, ao proporcionar tal reconciliação.

Esse periódico da imprensa de mulheres ainda publicaria, no ano seguinte, “Os escravos”, em 23 de janeiro de 1890, do qual também se encontrou apenas tal testemunho. Traz o relato em primeira pessoa de uma voz narrativa que representa, possivelmente, uma pessoa branca. O enredo é composto pelas observações descritivas desse sujeito acerca da cultura dos afro-brasileiros, possivelmente nos tempos da escravidão, julgando-se pelo título. Traz à tona duas cenas principais, uma do jantar, em que constata que alguns utilizavam garfos e facas, enquanto outros, não, e descreve a alimentação disponível a eles, a saber, doces de ovos, de leite e de batatas, empadas de galinha, leitão, canas e carás. Também destaca que alguns recitavam versos e cantavam; eram poucos os que permaneciam em silêncio. Outra cena diz respeito a um momento de dança, em que eles “[...] possessos, cantando n’uma toada, melancolica, excutando [sic] as mais extravagantes posições, desenhavam-se como sombras phantasticas no clarão avermelhado das luzes.” (ALMEIDA, 1890d, p. 3). Destaca-se que a voz narrativa também participa de um jantar e um momento de dança na casa em que está, separada dos negros, mas dá poucos detalhes sobre esses momentos, em contraste com suas observações dos outros.

O primeiro testemunho do conto “Santa!” foi localizado em 13 de agosto de 1890, no *Diario de Pernambuco*, de cidade não especificada. (ALMEIDA, 1890e). Nascimento (1968) apresenta que o esse jornal foi fundado em 7 de novembro de 1825 por Antonino José de Miranda Falcão, contendo quatro páginas, com formatos de 24 ½ x 19 centímetros, e sendo comercializado por 40 réis, nomeado uma *folha de anúncios*. É o órgão mais antigo em circulação na América Latina, ainda existindo em 2022. No número em que se veiculou “Santa!”, contava com oito páginas com telegramas, parte oficial, notícias, miscelânea, literatura, comunicados, seção jurídica, anúncios.

“Santa!”, cujo subtítulo é “conto antigo”, tem como espaço a Europa e conta a trajetória de Wanda. Inicia-se com uma cena em que ela revela ser artista circense, sendo oprimida pelo marido e colega de profissão devido à sua performance. Após isso, há uma digressão para explorar como ela chegou a esse ofício. Inicialmente uma jovem residente da Polônia, proveniente de família burguesa, apaixonou-se pelo homem que acabaria tornando-se seu marido, no início apenas um estudante. No princípio ele fazia tudo por ela, porém, começou a tratá-la mal. Wanda descobre, então, que o marido estava envolvido em crimes, e os dois precisam deixar o local onde moravam para que ele não fosse pego. Ela seguia uma vida de abnegação no casamento, enquanto viajavam de lugar a lugar, executando trabalhos

diversos, até que acabaram no circo; ele se tornou trampolineiro e ela, escudeira. Após algum tempo na trupe, participaram de um espetáculo na cidade natal de Wanda. Assim, ela teve a possibilidade de, sigilosamente, espiar a casa de seus pais, a fim de verificar como estavam vivendo. Posteriormente, pediu à sua hospedeira como estava aquela família; ela, por sua vez, declarou que estavam todos bem, mas que tinham perdido uma filha, conforme havia informado o marido da falecida, e, por isso, optaram por adotar uma sobrinha pobre. Ao descobrir isso, Wanda confronta seu marido, que afirma ter queimado todas as cartas que ela enviava aos pais. Mais tarde, no espetáculo em sua cidade, Wanda se sente desconcertada ao ver seus pais e a nova filha — embora não sinta ciúmes dela — na primeira fila da plateia e cogita o suicídio enquanto era segurada por um acrobata no mais alto trapézio. Por fim, muda de ideia, não por desistir de tal ato, mas apenas para adiá-lo a um espetáculo em outro local, para não ter que dar um fim à sua existência na frente de seus pais.

Outros dois testemunhos foram encontrados: num periódico brasileiro, o *Diario do Maranhão*,<sup>51</sup> também sem informação de cidade, em 20 e 23 de agosto (formato serializado); e num português, o já mencionado lisboeta *Correio da Manhã*, em 23 de agosto, embora nessa data Júlia Lopes de Almeida já tivesse retornado da Europa. (ALMEIDA, 1890f; 1890g; 1890h).

“Narração do espírito” apareceu no supracitado *Pacotilha* (MA) em 7 de março de 1891; encontrou-se apenas esse testemunho. O enredo gira em torno da ida de Luiz Rodolpho a uma festa na casa do comendador Soares. A narrativa é iniciada com tom insólito; a personagem apresenta dúvidas em relação ao lugar, pois, ao mesmo tempo que é familiar, não se lembra dele. Apesar de estar lá pela primeira vez, recordava-se da decoração do local. Observara três figuras misteriosas: uma alta mulher num vestido de cauda de seda, manuseando seu leque de plumas brancas; um jovem loiro, possivelmente inglês, que falava de maneira monossilábica; e um homem de cabelos grisalhos. Posteriormente, também viu uma idosa, descrita como gorda, doce e maternal, que acreditava conhecer, mas não se recordava de que situação. Encontrou, então, um amigo, contando-lhe tal experiência excêntrica, e o amigo não nomeado perguntou-lhe se era espírita, obtendo uma resposta negativa. Esse sujeito, em seguida, relatou um caso que ocorrera na casa de Navarro, um conhecido, acerca de uma sessão espírita. Tal homem invocou um espírito, que relatou ter

---

<sup>51</sup> Sobre o *Diario do Maranhão*, constata-se que a Hemeroteca Nacional Digital possui números de 1855 a 1911, indicando extensa longevidade. As edições consultadas estão acompanhadas do subtítulo “jornal do commercio, lavoura e industria”, com tiragem de 2000 exemplares, e estão sob a gerência de Frias & Filho, que também comandam a tipografia responsável pela impressão. De quatro páginas, dividia-se em seção oficial e seção geral, sendo esta composta por literatura, miscelânea, editais, informações marítimas, anúncios.

encarnado em diversas pessoas diferentes, como meninas jovens, mulheres voluptuosas, ladrões, reis e até mesmo palhaços. Termina-se o relato com a seguinte fala: “[...] a felicidade é uma palavra... nada mais que uma palavra [...]” (ALMEIDA, 1891a, p. 3). Então, o amigo misterioso afirma estar tarde, e eles se despedem. O conto é finalizado sem explicar a natureza dos fatos sobrenaturais que o protagonista viveu na festa, com a voz narrativa apenas afirmando que, após esse estranho episódio, Luiz Rodolpho começou a ler livros e participar de sessões espíritas, até que um dia enlouqueceu e foi levado a um hospício, onde passou a fazer preleções.

O primeiro testemunho de “O frasco de lilaz” foi localizado no *Jornal de Recife*, publicado nessa cidade, em 21 de março de 1891. (ALMEIDA, 1891b). Segundo Brasil (2015a), esse periódico foi fundado por José de Vasconcellos em 1º de janeiro de 1859, em substituição ao *Jornal do Domingo*, sendo finalizado em 1938. Teve diversos editores no decorrer de sua longevidade. Envolveu-se em questões políticas, como a abolição da escravatura. No número consultado de 1891, custava 6\$000 réis por três meses em Recife e 6\$800 pelo mesmo período para fora. Suas colunas, divididas em quatro páginas, eram diversificadas, consistindo, por exemplo, em: efemérides; avisos marítimos; leilões; anúncios; atos oficiais; notícias políticas; notícias financeiras; telegramas; artes e letras; variedades; folhetim; necrológio; o tempo (informações climáticas); indicações úteis (miscelânea); editais; comércio; e anúncios.

O insólito ficcional está presente novamente em “O frasco de lilaz”. No início, a protagonista, uma idosa, é apresentada por seu neto com um perfume parisiense, *Essence de Lilas Blanc*. Ao derramar um pouco do líquido, ela demonstra confusão quanto a seus sentidos: “Em que pensava? nem sei! Em que escaninho do cerebro se metteria esse pensamento, que o não encontro?!” (ALMEIDA, 1891b, p. 2). De repente, começa a ter alucinações, a ver querubins, mulheres vaporosas que cantam e se espreguiçam, e, por fim, cai na sua poltrona, tornando-se incapaz de escrever e trabalhar, apenas sonhando. Então, afirma estar rejuvenescida, sem cansaço, com lábios desfranzidos, dentes brancos, e cabelos até os pés em tom de cobre queimado. Com essa aparência, ela bebe vinho em frente ao espelho, contemplando-se, juntamente a mulheres dançando em tapetes persas. No fim do conto, a própria personagem revela que tudo não passava de um devaneio onírico causado pelo frasco de lilás: “Deixem-me sonhar assim, na minha saleta ardente, queimada de sol, onde o vidrinho de lilaz branco deu vida, vida ás estatuas, aos quadros e a mim!” (ALMEIDA, 1891b, p. 2).



Também foram achados outros três testemunhos: em *O Estado da Parahyba*,<sup>52</sup> sem cidade (PB), em 7 abr. 1891; em *A Republica*, de Belém (PA), em 9 mai. 1891; e na *Gazeta de Petropolis*, de Petrópolis (RJ), em 21 jul. 1898. (ALMEIDA, 1891c; 1891d; 1898a).

A *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, publicou “A carta do morto” em 13 de setembro de 1891. (ALMEIDA, 1891e). Esse jornal, um dos mais expressivos veículos de comunicação do Rio de Janeiro durante o século XIX, foi fundado por Elísio Mendes, Henrique Chaves e Ferreira de Araújo em 1875 e se destacou pelo robusto grupo de colaboradores, que contava com nomes importantes, como Machado de Assis, Artur de Oliveira, Aluísio Azevedo e Eça de Queirós. Ademais, dentre seus redatores, estiveram Valentim Magalhães, Coelho Neto, Olavo Bilac, Capistrano de Abreu, José do Patrocínio. Estruturalmente, seus números contavam com quatro a seis páginas, chegando, às vezes, a oito, contendo oito colunas. Destacam-se as notícias, a literatura e os anúncios. (LÓPEZ, 2012).

Esse periódico foi importante para a vida literária de Almeida, tendo em vista que publicou uma expressiva parte de sua produção. Sharpe (2004), por exemplo, assinala que *A família Medeiros* apareceu em suas páginas de 16 de outubro a 17 de dezembro de 1891, e, em 1895, veiculou-se *A viúva Simões*, dois folhetins que, posteriormente, seriam editados em livro. Ademais, numa rápida consulta à Hemeroteca Nacional Digital, encontram-se alguns contos almeidanos originalmente editados na *Gazeta*, que seriam incluídos em *Ânsia eterna*, como: “O último raio de luz”, em 30 mai. 1894 (ALMEIDA, 1894b); e “O Dr. Bermudes”, em 1 jan. 1899. (ALMEIDA, 1899).

“A carta do morto” volta-se à temática do adultério. Inicia com a Sra. Rodrigues descobrindo o suicídio de seu marido na própria casa; ele havia deixado uma carta à viúva, em que revela o motivo de ter recorrido a tal ato: estava desenvolvendo sentimentos por uma sobrinha, tutelada por ele e residente na mesma casa da família, que não desconfiava de nada. Passando o tempo, a Sra. Rodrigues instrui a sua filha que uma mulher não devia trair ou mentir para o marido. Após casada, passa a frequentar a casa da jovem o charmoso Dr. Figueiredo, por quem ela desenvolve sentimentos. Um dia, quando o marido decide viajar, os amantes escondem-se num cômodo da casa em que ela vivia, ainda, com a mãe, e beijam-se. Através do espelho, por trás deles, encontrava-se o marido escondido; ele se revelou pouco

---

<sup>52</sup> A Hemeroteca Nacional Digital possui exemplares d’*O Estado da Parahyba* publicados entre 9 de julho de 1890, nº 2, e 31 de dezembro de 1891, nº 421. O número consultado indica que as assinaturas podiam chegar, por ano, a 10\$000 na capital e 13\$000 no interior. Ademais, nele, constatam-se os seguintes conteúdos: atos oficiais; folhetim estrangeiro (tradução); crônica; informações políticas; informações militares; avisos; editais; variedade (literatura avulsa); seção livre; e anúncios.

depois, agredindo o Dr. Figueiredo e deixando a esposa em prantos. Com o tumulto, a Sra. Rodrigues acordou e encontrou a filha sozinha. Então, ao descobrir o que tinha acontecido, lê a carta que o pai da jovem havia deixado há anos e oferece-lhe a arma que ele tinha usado para se suicidar, para que a filha tenha o mesmo destino. Deixando a sala, a viúva falece no corredor, pedindo perdão ao genro pelas atitudes da filha. O marido encontra sua esposa trêmula, sem vontade de cometer suicídio, e a acusa de ter culpa na morte da sogra. Por fim, entretanto, concede perdão à esposa, e ambos velam o corpo da falecida Sra. Rodrigues.

Mais dois testemunhos de “A carta do morto” foram encontrados, ambos em formato serializado, em três e duas partes, respectivamente: em *A Família*, do Rio de Janeiro (RJ), em 19 dez. 1891 (pt. 1), 2 jan. 1892 (pt. 2), e 30 jan. 1892 (pt. 3) (ALMEIDA; 1891f; 1892a; 1892b); e em *O Amigo do Povo*,<sup>53</sup> de Cidade do Turvo (MG), em 29 mai. 1892 (pt. 1) e 12 jun. 1892 (pt. 2) (ALMEIDA, 1892c; 1892d).

Um único testemunho de “Lgrimas tardias” foi encontrado também na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 21 de março de 1892. (ALMEIDA, 1892e). A narrativa começa com um velho vendendo uvas para Luiz Botelho, o protagonista. Ao ver as frutas, a personagem começa a chorar, e a narrativa faz uma digressão para explicar o motivo da melancolia. Casou-se jovem e vivia de forma simplória, até que perdeu o emprego e adotou um estilo boêmio, deixando sua esposa passar por necessidades. Com o tempo, enjoa desse modo de viver. Para ajudá-lo a melhorar, um amigo oferece um emprego público, bastava ele esperar a nomeação. De volta à sua casa, encontra a esposa em péssimas condições de saúde, trabalhando como costureira para conseguir algum sustento. Conta para ela sobre o possível futuro emprego, insistindo que a situação iria melhorar. Ela, complacente, concordava, declarando que bastava terem paciência. Um dia, levou à enferma uvas como um presente, algo que ela aceitou emocionada; entretanto, pouco depois, encontrava-se morta. Terminando de preparar o corpo da defunta, Luiz Botelho recebe um oficial em sua porta, que trazia a nomeação pública. No dia seguinte ao enterro, muda-se de residência e assume o cargo, encontrando, um tempo depois, o vendedor de uvas; assim, o conto é finalizado com uma regressão ao seu rumo inicial.

O único testemunho de “Duas almas” encontrado está presente em *O Paiz*, no número de 23 de outubro de 1895. (ALMEIDA, 1895). De grande sucesso, *O Paiz*, por diversos anos,

---

<sup>53</sup> *O Amigo do Povo*, cujo subtítulo era “órgão do centro federal turvense”, teve o seu primeiro número publicado em 14 de julho de 1890, custando 6\$000 anuais para a cidade e 7\$000 para fora, com pagamento adiantado. A Hemeroteca Nacional Digital possui exemplares até 1897, seu nono ano. Os números consultados eram compostos de informações políticas, literatura, curiosidades, informações da imprensa, recados, dados de preços de produtos, anúncios.

estampou no seu cabeçalho “*O Paiz* é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina”. De acordo com Brasil (2015b), foi iniciado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Júnior, sendo encerrado em 18 de novembro de 1934, com a Revolução de 30. Destacou-se pelas largas tiragens, principalmente durante a direção de Quintino Bocaiuva, que alavancou progressivamente os números de 11 mil exemplares, em 1884, para 16 mil por volta de 1885, 22 mil no início de 1886, 26 mil em 1889, tendo algumas edições especiais com tiragem de mais de 60 mil exemplares. (BRASIL, 2015b). Na edição de 1895 em que se coletou o conto supracitado, continha oito páginas, divididas em: expediente; literatura avulsa; telegramas; notícias; miscelânea, folhetim; necrológio; avisos; felicitações para aniversariantes de relevo; loteria; seção comercial; e diversos anúncios.

O enredo é dividido em duas partes contrastantes. A primeira consiste na ida de uma abastada marquesa à igreja, buscando afastar-se da morte por meio da oração. Quando ela deixa o ambiente, a voz narrativa afirma que parecia que, na penumbra, um vulto havia aparecido, fazendo gestos tristes, insinuando que seus pedidos tinham sido em vão. Por outro lado, uma humilde mulher protagoniza a segunda parte, situada também nesse local. Ela não teme a morte como a marquesa; em vez disso, abraça-a, chamando-a de consoladora. Finaliza-se a história com tal personagem sentindo uma voz dizer que ela irá para o céu.

“A pobre pastora”, cujo subtítulo é “conto ingênuo”, também foi localizado na *Gazeta de Notícias*, a partir de somente um testemunho, incluído na edição de 2 de agosto de 1897. (ALMEIDA, 1897c). Narrado em primeira pessoa pela própria pobre pastora, tem como espaço um vilarejo em que se encontra a sua cabana. Ela se descreve como miserável, sem uma única saia sem remendos. Tinha como pretendente a futuro marido Chico; ele não aparecia havia dias, e ela resolveu procurá-lo, contudo, ao perguntar às pessoas se o tinham visto, recebia olhares de desgosto. No seu dia a dia, via jovens em seus vestidos brancos cantando na igreja e, também, levando flores para Nossa Senhora, mas afirmava não poder participar desses festejos, devido à sua condição social. Dessa maneira, montou um altar próprio no seu casebre e, em meio às flores, adormeceu. No seu sonho, possuía tudo o que não tinha oportunidade de ter em vida: seu vestido não era mais de tecidos grosseiros, mas de seda; morava num grande palácio e era rainha; tinha os homens aos seus pés; e as mulheres desejavam suas jóias suntuosas. Com o tempo, a inveja, os olhares frios, a amargura, tudo tornou-se insuportável. Subitamente, a pobre pastora acorda em sua humilde vida real, risonha e feliz, com a voz do pretendente Chico, finalizando o conto.

“A casa d’ella” divide-se em duas narrativas breves diferentes: “I - Páginas de uma carteira” e “II - Sympathia d’almas”. Os enredos de ambos envolvem dois temas: flores e casas. É possível que o primeiro testemunho seja o que foi publicado no *Almanak da Gazeta de Noticias para 1898*, tendo em vista que os almanaques, normalmente, eram publicados e vendidos no ano anterior ou no início do ano corrente, para que fossem usados durante o ano que tinham o propósito de compreender. É esse o caso do seu primeiro número, de 1880, mas impresso em 1879. A partir dele, pode-se extrair algumas informações: era um presente dado aos assinantes da *Gazeta*, que continha informações consideradas úteis pelo editor. (AO LEITOR, 1879, p. 2). A Hemeroteca Nacional Digital possui exemplares até 1911, faltando o de 1910. O preço inicial era de 1\$000, posteriormente aumentado para 1\$500, indicando que poderia haver a possibilidade de ser vendido separadamente. Os conteúdos eram os mesmos de almanaques comuns; veiculavam-se informações astronômicas, marítimas, dias de feriados, dicionário, literatura, entre outros.

“I - Páginas de uma carteira” apresenta a perspectiva de um narrador contemplativo, que está a observar casas e pessoas por uma rua solitária em que passa. Um dia, ele para em frente a uma esguia casa branca e começa a idealizar um tipo de mulher que ali residiria: “[...] uma mulher delicada, que só á noite, posta a mantilha negra sobre os cabellos negros, viria ao seu alto balcão ver no céu a lua e na rua o namorado”. (ALMEIDA, 1898b, p. 228). Nesse devaneio, um cravo antropomorfizado avisa ao “louco”, nas suas palavras, para que deixe o local. Por fim, o protagonista lamenta que, em seus passeios, jamais tenha esbarrado numa mulher como as que idealiza a partir das casas que aprecia.

“II - Sympathia d’almas” traz à tona o envolvimento amoroso entre o narrador, um jovem, e D. Catharina, uma senhora de 75 anos. Ele informa que é ridicularizado por ter tal apreço por uma mulher tão mais velha, mas a defende sempre. Como são vizinhos, os locais onde desenvolvem a relação são os jardins de suas moradias, passando flores um para o outro por entre as cercas. No fim, ao prometer plantar jasmims e rosas no túmulo da idosa, o protagonista relata que ela passa a viver radiante.

Outros testemunhos foram encontrados em: *O Fluminense*,<sup>54</sup> de Niterói (RJ), em 22 mai. 1898, com o título da segunda parte alterado para “Sympathica d’almas” (ALMEIDA, 1898c); e *A Republica*, de Curitiba (PR), em 21 jan. 1900. (ALMEIDA, 1900); finalizando-se, portanto, o resgate dos textos.

---

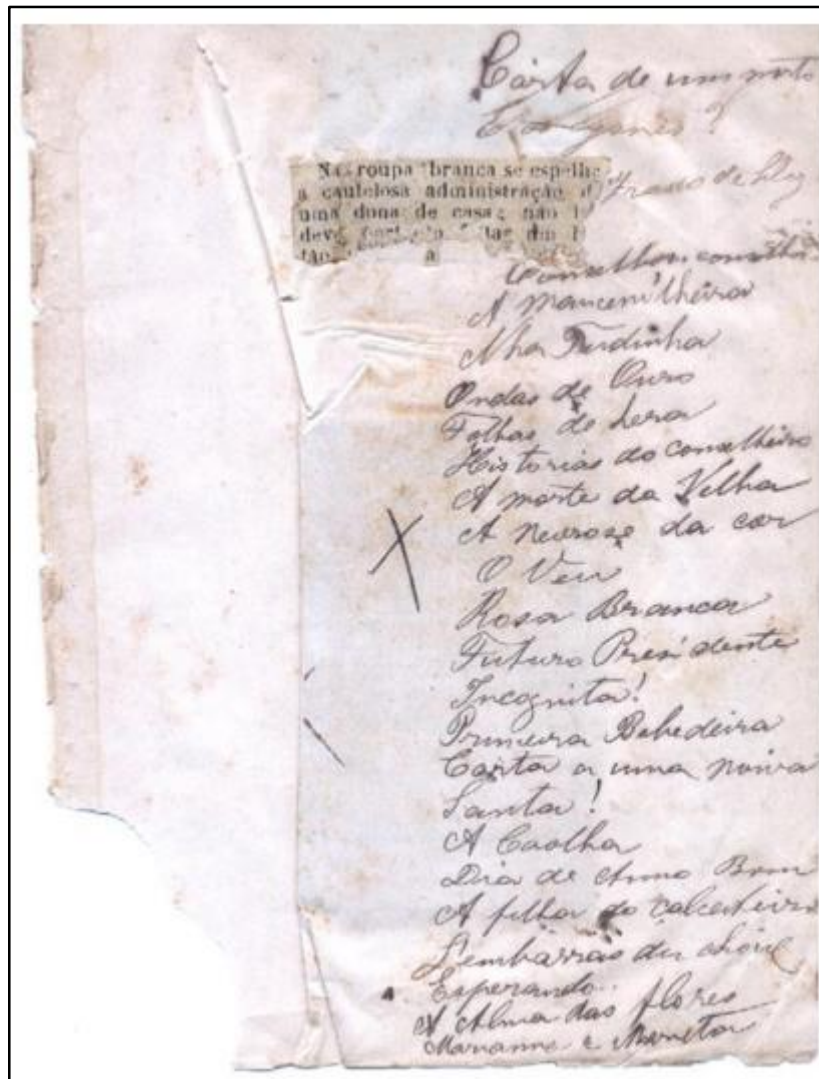
<sup>54</sup> A Hemeroteca Nacional Digital possui números d’*O Fluminense* que datam de 1890 a 1899. No número consultado, composto por quatro páginas e custando individualmente 100 réis, encontram-se os seguintes conteúdos: literatura; notícias; anedota; folhetim estrangeiro; casamentos; coluna judiciária; loteria; avisos; seção livre; anúncios.

Foi possível recuperar, ao todo, 20 contos até então restritos à imprensa, levando-se em conta que “A casa d’ella” conta como dois, transmitidos em 51 testemunhos. Alguns detalhes podem ser observados no material coletado. Por exemplo, a maioria das narrativas aparecia, inicialmente, em jornais e revistas situados em locais em que Almeida estava residindo no momento: São Paulo e Rio de Janeiro, no começo da carreira; Lisboa, pouco após a sua estreia; Rio de Janeiro, nos momentos subsequentes até o fim do século XIX. Posteriormente, encaminhavam-se para periódicos de outras partes do Brasil, das regiões Nordeste, Sul ou Centro-Oeste. Ainda, é possível especular que o estabelecimento de contato com outros escritores e escritoras foi importante para Almeida divulgar a sua produção, pois encontraram-se colaborações em veículos em que pessoas influentes de seu convívio, como Adelina Lopes Vieira e Valentim Magalhães, também publicavam seus textos, criando uma conexão entre ela e os editores.

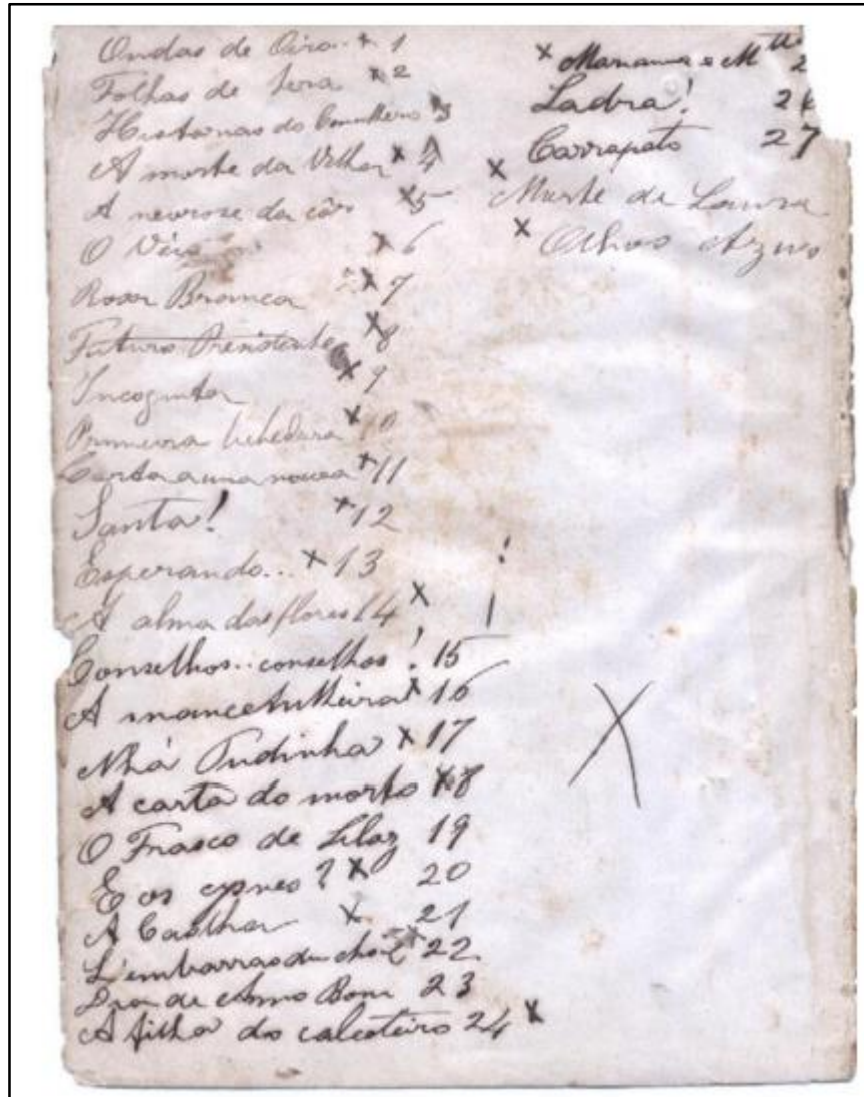
O levantamento total dos testemunhos, sumarizado num quadro que permite melhor visualização, pode ser consultado no apêndice A. Outras informações relevantes, acerca das publicações por décadas e regiões, por exemplo, encontram-se nos apêndices B, C, D e E desta dissertação.

Menções indiretas a esse material são escassas, visto que grande parte dele permaneceu esquecida durante um extenso período. Uma menção às “Illuminuras” aparece na investigação de Silva (2015) acerca das colaborações de Almeida em *O Paiz*. Segundo a pesquisadora, essas narrativas começaram a ser veiculadas na *Gazeta de Campinas*, primeiro periódico com o qual a prosadora colaborou. Inicialmente, os textos breves apareciam sem autoria, como em edição de abril de 1884, na qual publicou “O calvário”, “Murmúrios” e “Triste consolação”; contudo, a partir de 13 de fevereiro de 1885, passam a estampar o nome da autora. (SILVA, 2015). Ademais, uma outra alusão aos restritos à imprensa é encontrada no trabalho de Figueiredo (2014). Ao produzir uma edição crítica de *Ânsia eterna*, a pesquisadora teve acesso ao espólio de Almeida, em que encontrou listas com uma união de títulos de contos que acabaram fazendo parte do livro, assim como alguns que se recuperaram neste resgate, como se pode, então, observar:

Figura 1 – Listas de contos encontradas no espólio de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Figueiredo (2014, p. 63).



Fonte: Figueiredo (2014, p. 64).

Na primeira lista acima, junto a diversos contos da versão final de *Ânsia eterna*, como “Ondas de ouro” e “O véu”, por exemplo, encontram-se “Carta de um morto” (“A carta do morto”), “Santa!” e “A filha do calceteiro”, contos aqui recuperados. Já na segunda, em outra ordem e com outros títulos, constatam-se “Santa!”, “A carta do morto”, “O frasco de lilaz” e “A filha do calceteiro”. A partir desse material, pode-se levantar a hipótese de que esses títulos fariam parte de tal coletânea de 1903, mas foram descartados em última instância. Os motivos que acarretaram essa decisão podem ser variados, como escolha do editor, opção da própria Almeida ou, simplesmente, por esses dois sujeitos julgarem que os outros eram mais adequados ao conjunto em geral.

Essas breves menções legitimam a existência de alguns dos contos restritos à imprensa recuperados.

No próximo capítulo, será explorado o conceito de edição atualizada, segundo a Crítica Textual, e os critérios, a partir dessa vertente teórica, para a viabilização da nova edição dos contos resgatados.



#### 4 CRITÉRIOS PARA UMA EDIÇÃO ATUALIZADA DOS CONTOS RECUPERADOS

Apesar de a recuperação de escritoras dos séculos passados ser um dos intentos dos Estudos de Gênero ou *women's studies*, na linha de pesquisa de resgate, a tarefa de (re)editar textos também fica a cargo da Crítica Textual, de maneira que as duas formas de pesquisa convergem num propósito comum: reaver um patrimônio cultural, outrora esquecido, numa versão autêntica. Como afirma Auerbach (1970, p. 11),

a necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente.

Nesse sentido, para que se transmita um texto aos leitores, a Crítica Textual define alguns diferentes possíveis tipos gerais de edições. De acordo com Cambraia (2005), há diferentes critérios para classificá-las.

Por exemplo, na categoria material, encontra-se a subcategoria dimensão, que compõe a de bolso ou compacta. Já na subcategoria suporte, há a popular e a de luxo, distinguidas pela qualidade de material empregado em suas criações. O autor ainda destaca o critério de sistema de registro, em que se encontram a impressa e a digital. Uma terceira categoria valoriza a modalidade de publicação, dividindo as edições em: *princeps*, quando é a primeira; limitada, em que se imprimiu um número selecionado de exemplares; extra, pois houve publicação fora da periodicidade usual; e comemorativa, por ocasião de alguma celebração. Também, em termos de permissão, há a autorizada e a clandestina, contrastantes, visto que envolvem o aval do detentor dos direitos autorais. Quanto à integralidade, foca-se na reprodução, pois a edição pode ser integral, quando há a reprodução por inteiro, abreviada, que conta com supressões, ou expurgada, quando o texto é modificado sem explicações, normalmente devido a questões políticas ou religiosas. Por fim, quanto à reelaboração do texto, há a possibilidade de ser atualizada, “porque se substituíram dados ultrapassados por outros” (CAMBRAIA, 2005, p. 89), aumentada, pois acrescentaram-se novas informações, ou modernizada, porque se modernizou o conteúdo, constituindo um tipo de paráfrase.

Cambraia (2005) distingue os tipos gerais supracitados de tipos fundamentais, sendo os últimos divididos em edições fac-similar, diplomática, paleográfica, interpretativa, crítica e

genética. Segundo o autor, a fac-similar é marcada pela pouca intervenção, pois se trata de uma reprodução mecânica da imagem do testemunho. A diplomática é caracterizada por uma transcrição conservadora de todos os elementos presentes no texto, incluindo sinais de abreviação e pontuação, por exemplo. Já a paleográfica, além da reprodução, permite a intervenção do editor, por meio do desenvolvimento de abreviações ou inserção de elementos, a fim de facilitar a leitura do texto para um público menos especializado. Ela é especialmente utilizada para documentos jurídicos. A interpretativa é definida pela máxima intervenção do editor, contando com uniformização gráfica e conjecturas — correção destinada a eliminar erros que não foram causados pelo autor —, tornando-se acessível ao grande público. A crítica provém do confronto de mais de um testemunho do texto, para garantir uma reconstituição da última forma dada pelo autor. A genética também se vale do confronto de testemunhos, mas, normalmente, manuscritos do autor, buscando comparar edições preliminares e finais do texto.

Para Cambraia (2005), ao selecionar uma edição, deve-se pensar no público-alvo almejado, pois uma que pode interessar a um linguista, talvez, não seja tão atrativa a um público juvenil, devido ao seu conteúdo. Assim, ao reeditar os contos de Júlia Lopes de Almeida apenas publicados, até então, na imprensa, busca-se contemplar um público-alvo mais geral, isto é, leitores interessados no conteúdo da obra da autora, que irão lê-la em termos de objeto estético, literatura. Devido a esse motivo e, também, à grande quantidade de material recuperado, optou-se, nesta dissertação, por produzir uma edição atualizada, conservando o conteúdo do texto original, apenas atualizando a grafia utilizada para o sistema ortográfico vigente — o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, instituído em 1990 —, e fazendo algumas modificações necessárias. Nesse tipo de edição, quando há a necessidade de alguma alteração do exemplar de base, explicita-se num aparato, devendo-se intervir minimamente.

Na elaboração da edição atualizada dos contos, seguem-se os seguintes princípios considerados por Houaiss (1983), a partir da Crítica Textual, para o estabelecimento de um texto fidedigno, idôneo, mas que não é propriamente de uma edição crítica, que é o caso do produto final desta dissertação:

- 1.º) deve ser calcado sobre um único exemplar-fonte — que a história externa do texto determinará pura e simplesmente como base;
- 2.º) deve ter uma indicação prévia do critério que presidiu ao seu estabelecimento, critério em que se porão de manifesto quais as regras ecdóticas que foram observadas e quais deixaram de o ser;

3.º) dispensará o aparato crítico indicador de variantes e discrepâncias, mas poderá encerrar um sucedâneo dêsse aparato, para o fim informativo fundamental que orientar sua publicação, com a indicação, se fôr o caso, das variantes de formulação que possam dar margem a interpretação diferente do texto estabelecido, do ponto de vista conceitual e nocional. (HOUAISS, 1983, p. 274).

Considerando os pontos acima, primeiramente, cabe ressaltar como ocorreu a escolha de cada exemplar-fonte utilizado na edição. Como foi constatado no capítulo anterior, há 20 contos recuperados no total, distribuídos em 51 testemunhos.

Desses 20 contos, oito possuem apenas um testemunho remanescente, a saber: “O presente de nupcias”; “Na floresta”; “O beijo”; “Os escravos”; “Narração do espirito”; “Lagrimas tardias”; “Duas almas”; e “A pobre pastora”.

Embora contem com apenas um testemunho, estima-se que todas essas narrativas sejam autênticas, pois estão acompanhadas do nome completo da autora, Júlia Lopes de Almeida, foram publicadas em vida e estão inseridas em periódicos que veicularam outros textos de sua autoria, por exemplo: o lisboeta *Correio da Manhã*, que veiculou “O presente de nupcias”, também trouxe às suas páginas, posteriormente, “Santa!”; isso também ocorreu com *O Paiz* (MA), que reproduziu, além de “Na floresta”, “As violetas” e “O sineiro” (de *Traços e illuminuras*) e “O tamanco” e “Retrato da avó” (de *Contos infantis*); *A Família*, que publicou “O beijo” e “Os escravos”, também ofereceu às suas leitoras “A reabilitação”, “Ingratidão”, “O sineiro” (todos de *Traços e illuminuras*), entre outros; ademais, *Pacotilha*, além de “Narração do espirito”, também publicou “Illuminuras – As lagrimas” e “Illuminuras – Os pombos”; e em relação a *O Paiz*, responsável por divulgar “Duas almas” e “A pobre pastora”, sabe-se que a prosadora foi sua colaboradora durante mais de 20 anos, conforme Almeida (2015), reiterando os laços entre ambos e oficializando autoria desses dois contos. Dessa maneira, os testemunhos aqui encontrados podem ser considerados legítimos e serão utilizados como base para a edição atualizada.

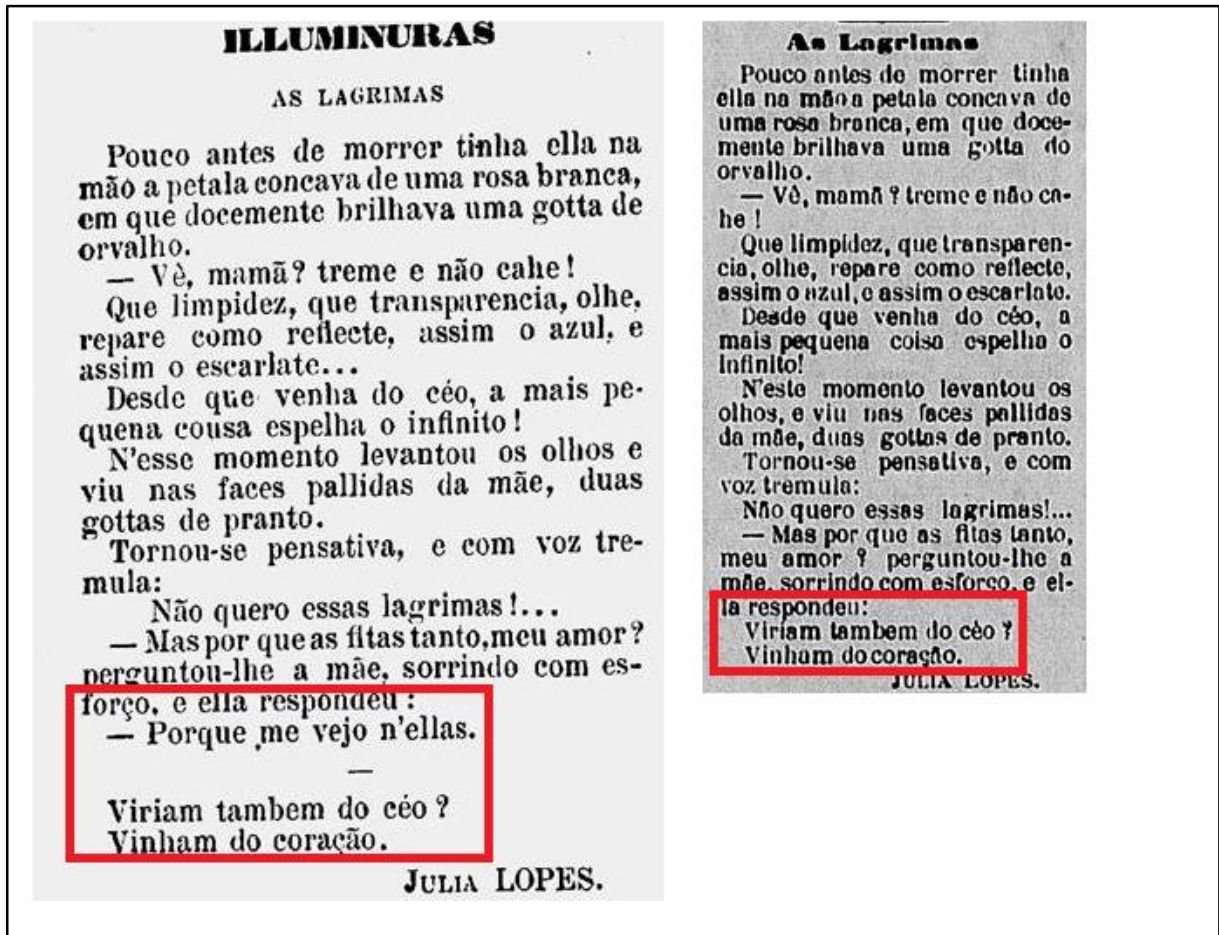
Por outro lado, 12 contos possuem mais de um testemunho, sendo eles todos publicados em vida da autora e contendo a assinatura de seu nome no final, motivos pelos quais são tomados como legítimos: “Illuminuras - As lagrimas”; “Illuminuras - Os pombos”; “Illuminuras - Mutações”; “Illuminuras - Sensitiva”; “Illuminura - Uma ruina”; “Illuminuras - Adeus!”; “A filha do calceteiro”; “Santa!”; “O frasco de lilaz”; “A carta do morto”; “A casa d’ella I - Paginas de uma carteira”; e “A casa d’ella II - Sympathia d’almas”.

Seguindo a história externa do texto, como sugere Houaiss (1983), foram eleitos determinados critérios para seleção dos testemunhos, baseados em tempo, informações

biográficas e legibilidade. Assim, valorizou-se o primeiro testemunho de cada conto e, também, o testemunho publicado inicialmente num periódico em que, segundo a biografia da autora, existe o conhecimento de que ela era colaboradora, além do que esteja em melhores condições de leitura, em termos de preservação e qualidade da fotocópia.

O motivo de escolher o primeiro testemunho em detrimento do último publicado em vida da autora, como frequentemente sugere a Crítica Textual, deve-se a um motivo muito particular, ligado à escrita e à preferência editorial de Almeida: sabe-se que a prosadora não fazia grandes alterações em seus textos ao publicá-los em edições subsequentes, característica notada por Figueiredo (2014) ao produzir uma edição crítica de *Ânsia eterna*, contrastando as edições de 1903 e 1934, ou, ainda, da imprensa para o formato de livro. O que se encontrou em alguns dos testemunhos posteriores recuperados, caso comparados com o primeiro, foi o contrário: mudanças substanciais, como omissão de períodos inteiros, algo não habitual na preferência almediana, levando a acreditar que possam ser intervenções dos redatores de determinados periódicos. Um exemplo disso é o que ocorreu com o conto “*Illuminuras - As lágrimas*”, caso se contraste o primeiro testemunho, publicado em *A Semana*, em 1885, e um posterior, veiculado em *Goyaz*, em 1889:

Figura 2 – Intervenções textuais no conto “Illuminuras - As lágrimas”, a partir da comparação de testemunhos de 1885 e 1889



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (2022).

Como se pode observar nas partes marcadas dos testemunhos acima, o primeiro contém, no diálogo, uma resposta, seguindo de um travessão, que simboliza uma interrupção temporal no discurso, sucedido por uma reflexão final do narrador; o posterior, ao contrário, transforma essa reflexão final do narrador em diálogo, sendo essa uma intervenção considerável, algo incomum nas escolhas editoriais de Júlia Lopes de Almeida. Portanto, julgou-se a modificação ser um lapso ou escolha intencional do redator do periódico, algo que altera a forma original que a autora quis dar ao texto. A partir dessa situação, justifica-se a escolha do primeiro testemunho encontrado em detrimento de posteriores para compor a edição atualizada.

Quanto à conexão entre periódicos em que Almeida atuava como colaboradora, segundo dados biográficos propostos por Costruba (2017), e em que se encontraram contos, podem-se citar, seguindo a grafia original: *A Semana*, *A Família*, *Gazeta de Noticias*,

*Almanak da Gazeta de Noticias, O Paiz*. Assim, para a seleção da edição atualizada, priorizam-se testemunhos publicados nesses veículos.

Em casos conflitantes, em que o testemunho foi publicado posteriormente num periódico em que Almeida era colaboradora, mas que esse não foi o primeiro encontrado, priorizou-se o testemunho veiculado no periódico em que se sabe que ela era colaboradora, em detrimento do primeiro cronologicamente publicado. Por exemplo: o primeiro testemunho de “A filha do calceteiro” foi encontrado em *A Provincia do Espirito-Santo*, de Vitória (ES), em 9 nov. 1889, porém, localizou-se outro em *A Familia*, do Rio de Janeiro (RJ), veiculado em 14 dez. 1889 (pt. 1) e 21 dez. 1889 (pt. 2), sendo este um periódico em que, de acordo com Costruba (2017), ela atuava como colaboradora. Dessa maneira, preferiu-se o de *A Familia*, mesmo que não tenha sido o primeiro, por ter maior vínculo com a autora.

Por fim, um outro critério valorizado é o da legibilidade e qualidade da fotocópia da página do periódico providenciada pela Hemeroteca Nacional Digital. Por exemplo, no caso de “Santa!”, os testemunhos presentes no *Diario do Maranhão* e no *Diario de Pernambuco* possuem algumas palavras apagadas e partes mutiladas e emendadas, motivo pelo qual se preferiu utilizar o do *Correio da Manhã*, mesmo que seja posterior aos outros dois, por oferecer melhores condições de leitura.

Tendo em vista os critérios explicitados acima, no caso de contos em que se encontraram múltiplos testemunhos, foram escolhidos os seguintes para compor a edição atualizada:

### Quadro 3 – Testemunhos selecionados para a composição da edição atualizada

Conto	Periódico <sup>55</sup>	Local	Data de publicação	Página(s)	Critério de seleção
“Illuminuras - As lagrimas”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	28 fev. 1885	4	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.

<sup>55</sup> Manteve-se a grafia original do título do periódico.

“Iluminuras - Os pombos”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	14 mar. 1885	2	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.
“Iluminuras - Mutações”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	21 mar. 1885	4	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.
“Iluminuras - Sensitiva”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	11 abr. 1885	6	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.
“Iluminura - Uma ruina”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	20 jun. 1885	3	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.
“Iluminuras - Adeus!”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ)	12 set. 1885	6-7	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.

“A filha do calceteiro”	<i>A Família</i>	Rio de Janeiro (RJ)	14 dez. 1889 (pt. 1) e 21 dez. 1889 (pt. 2)	5-6 (pt. 1) e 4-5 (pt. 2)	Embora não seja o primeiro testemunho encontrado, Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017).
“Santa!”	<i>Correio da Manhã</i>	Lisboa (PORTUGAL)	23 ago. 1890	2	Embora seja o terceiro testemunho encontrado, era o que estava em melhores condições de leitura.
“O frasco de lilaz”	<i>Jornal do Recife</i>	Recife (PE)	21 mar. 1891	2	Primeiro testemunho encontrado.
“A carta do morto”	<i>Gazeta de Notícias</i>	Rio de Janeiro (RJ)	13 set. 1891	2	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017). Primeiro testemunho encontrado.
“A casa d’ella”, “I - Páginas de uma carteira” e “II - Sympathia d’almas”	<i>Almanak da Gazeta de Notícias para 1898</i>	Rio de Janeiro (RJ)	1898	227-230	Almeida era colaboradora do periódico, segundo Costruba (2017).

Fonte: elaboração do autor.

Em termos de atualização da linguagem e regras ecdóticas, seguiram-se algumas das orientações de Houaiss (1983), em *Elementos de bibliografia*, da edição de *Ânsia eterna* (2020), de Júlia Lopes de Almeida, produzida pelo Senado Federal — por meio da Coleção Escritoras



do Brasil, que, a partir de 2018, tem resgatado obras de escritoras do século XIX —, e do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em edição realizada pelo Senado Federal em 2014. Optaram-se por essas escolhas por alguns motivos. O primeiro autor, nessa obra, foi responsável por explicitar alguns critérios utilizados pela Comissão Machado de Assis para o estabelecimento crítico da poética machadiana, mais especificamente, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1960, pelo Ministério da Educação e Cultura, edição que segue os preceitos da Crítica Textual com grande rigor. Para esta pesquisa, os comentários sobre atualização da linguagem são particularmente úteis. Já o fruto da Coleção Escritoras do Brasil, mais recente, encontra diversos elementos em comum com o objeto final desta dissertação: são edições atualizadas; são focalizadas em contos; e são de autoria de Júlia Lopes de Almeida. O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, por sua vez, guia as atualizações linguísticas a serem feitas no material recuperado.

Sendo assim, em termos de composição textual, instituiu-se o seguinte, para garantir melhores condições de leitura:

Em termos de disposição do texto, a edição atualizada conta com capa provisória, prefácio, duas seções que contêm os contos. Elas foram separadas em “Iluminuras” e “Outros contos”. Conseqüentemente, foi removida a palavra “Iluminuras” antes do título dos primeiros contos. Ainda, há uma parte com informações sobre a edição, isto é, contendo alguns dos principais pressupostos da atualização, e, seguindo a sugestão de Houaiss (1983), um aparato de variantes.

Removeu-se a assinatura da autora do fim dos contos, como frequentemente aparecia na imprensa, tendo em vista que a obra total é de sua autoria. Também foram retiradas eventuais informações de local e data de composição.

Contos divididos em duas ou mais partes foram unidos num texto único.

Conservaram-se dedicatórias, subtítulos e epígrafes.

O conto “Duas almas” possui dois momentos contrastantes na narrativa, sendo que o periódico separa o segundo do primeiro por meio de um algarismo romano, “II”, e uma epígrafe. Foi mantido o algarismo “II”, a epígrafe, e foi acrescentado o “I” no início do conto, para demarcar e diferenciar, de modo mais evidente, cada momento, característica que aparece em outros contos almeidanos.

Em “A casa d’ella”, com fins de homogeneização e estruturação, também acrescentou-se o algarismo romano “I” na primeira parte da narrativa, que já aparecia em testemunhos posteriores, mas não no do *Almanak da Gazeta de Noticias para 1898*, aqui utilizado.

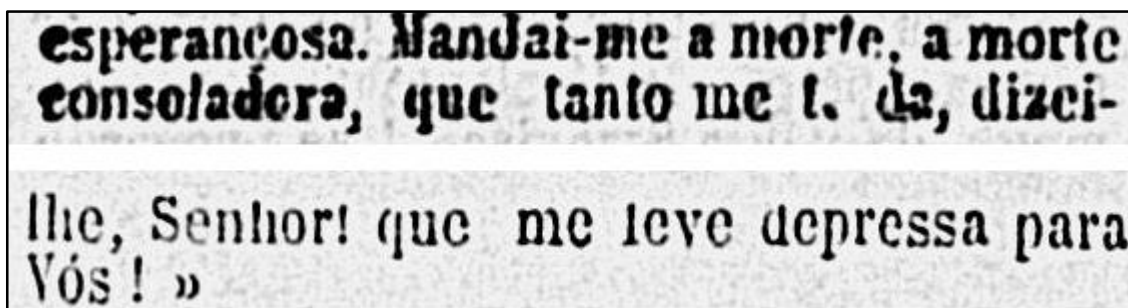
Em “A filha do calceteiro”, a autora utiliza os símbolos “«»” para expressar divagações de personagens, em forma de pensamento, por meio de diálogos consigo mesmas. Essas marcas foram substituídas por aspas e colocadas antes do travessão indicador de diálogo, a fim de enfatizar que se trata de uma reflexão. Ela também usa esses símbolos para indicar falas dentro do pensamento, que foram trocadas por aspas simples. Aspas simples também foram acrescentadas para indicar a fala de outras personagens nesse devaneio. Essas alterações são necessárias para garantir maior clareza a respeito de quem é o detentor do discurso em certos momentos da narrativa.

Similarmente, em “Narração do espírito”, uma personagem relata o que fora dito por um espírito. A fim de evitar confusões com as falas das personagens presentes, também recorreu-se ao uso de aspas, fazendo uma separação do diálogo principal.

Também, em “Duas almas” e “Santa!”, foram acrescentadas as aspas quando uma personagem relata algo que o outro comunicou.

Ainda, em “Duas almas”, houve a necessidade de se recorrer a uma reconstituição por conjectura. Segundo Cambraia (2005), isso deve ocorrer quando o editor se vê incumbido de restituir a forma genuína de uma parte do texto, a partir do seu conhecimento e da sua intuição, em dois casos: quando todos os testemunhos de um texto apresentam lacuna em determinada passagem ou quando nenhuma das variantes dos testemunhos parece ser genuína. O primeiro caso se aplica ao conto supracitado. Por se tratar de um conto monotestemunhal, não há a que outros testemunhos recorrer, além do único publicado em *O Paiz*. Pode ser encontrada a seguinte frase lacunada nele:

**Figura 3 – Passagem danificada no conto “Duas almas”**



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (2023).

Lê-se, acima, “Mandai-me a morte, a morte consoladora, que tanto me t[...]da, dizeilhe, Senhor! que me leve depressa para Vós!” Observa-se um erro nela, entendido pela Crítica

Textual, de acordo com Spina (1994, p. 111), como “[...] tudo aquilo que não estava no espírito do autor ao escrever a sua obra.” Spina (1994, p. 115) ainda procede para classificar um dos tipos de erros, o erro inevitável, “como sucede com aqueles manuscritos que estão danificados ou com folhas encadernadas fora do lugar”, que é o caso de “Duas almas”. O apagamento da palavra decorre, provavelmente, de ação do tempo, por se tratar de um jornal de 1895.

Assim, tem-se a necessidade de completá-la, seguindo a intuição e os conhecimentos linguísticos da época e da escrita da autora. Miguel-Pereira (1973, p. 270) considera a escrita de Júlia Lopes de Almeida como “mais equilibrada, mais medida, — talvez medida demais —”, em comparação com Coelho Neto, característica que faz com ela perca poder criador e atinja determinada monotonia. Nestor Victor, em *A crítica de hontem* (1919), afirma, acerca do *Livro das donas e donzelas*, que,

com o cuidado visível que se põe a Sra. D. Julia Lopes de Almeida em escrever correctamente, acontece um pouco ao seu estylo o que se dá com a calligraphia das senhoras em geral, das professoras antes de tudo, as quaes para não sahirem dos preceitos tornam sua letra mais ou menos incaracteristica. (VICTOR, 1919, p. 220).

Dessa forma, conclui-se que a escrita almeidiana era estruturalmente correta, de modo que a escritora não fazia grandes inovações linguísticas. Quanto ao enredo, na parte em que ocorreu a danificação física do papel, a personagem focalizada pede a Cristo para ir aos céus, aguardando a morte. Portanto, eis a seguinte sugestão de conjectura: “Mandai-me a morte, a morte consoladora, que tanto me *tarda*, dissei-lhe, Senhor! que me leve depressa para Vós!”

A escolha do verbo “tarda” pode ser justificada por alguns motivos. Primeiramente, apresenta sentido em relação à sintaxe da língua portuguesa, tendo em vista que se constata o uso do pronome oblíquo anteposto “me” com atribuição de complemento verbal, cuja função sintática é completar o sentido de verbos, e do advérbio “tanto” exercendo, desse modo, a função sintática de adjunto adverbial, qualificando o verbo “tarda”. Em relação ao enredo, a personagem está solicitando a Cristo que a sua morte ocorra depressa, de maneira que é coerente ela afirmar que esse destino final está tanto a tardar a acontecer. Também, quanto ao espaço tipográfico no periódico, a palavra a ser completada só conseguiria encaixar duas letras na passagem danificada, o que é possível com “tarda”.

Em termos de linguagem e ortografia, também a fim de melhorar as condições de leitura, foram realizadas as seguintes intervenções e conservações:

Corrigiram-se erros tipográficos básicos, como letras viradas, incorretas e/ou fora do lugar, provavelmente causados pelo tipógrafo.

A grafia dos nomes das pessoas que receberam dedicatórias foi mantida, assim como de personagens. Os nomes “Magdalena” e “Christo”, contudo, foram atualizados para “Madalena” e “Cristo”, por não se referirem a nomes de personagens, mas religiosos.

Às vezes, após os pontos de interrogação, exclamação e reticências, a letra inicial da primeira palavra da frase seguinte não iniciava com letra maiúscula, mas minúscula. Trata-se de uma questão de estilo da autora, tendo sido, então, conservada. Na edição de *Ânsia eterna* do Senado Federal, informa-se que isso “[...] usualmente denota a intenção de uma pausa menor após a pontuação.” (ALMEIDA, 2020, p. 17).

No conto “A carta do morto”, a abreviação “Sr.” manteve a inicial maiúscula, e o axiônimo “doutor” também conservou a minúscula. Porém, posteriormente, a autora utiliza o termo “Dr.”, que segue essa primeira regra e conserva-se maiúsculo, por ser abreviação. (ACORDO... 2014).

Em termos de grafia, as palavras “cousa”, “dous” e “loura” foram mantidas dessa maneira, seguindo o que fora estabelecido por Houaiss (1983), de que formas vocabulares sincréticas não devem ser alteradas. Em “Duas almas”, a autora utiliza “coisa”, e, em “A pobre pastora”, “oiro”, que também foram conservadas dessa maneira, por se julgarem escolhas estilísticas, junto às formas anteriores.

Foram também respeitadas as grafias de léxico proveniente do português europeu, como é o caso de “aguarela”, em “O presente de nupcias”, e “espargos”, em “Os escravos”.

A grafia das interjeições “Oh!” e “Eh!” foi atualizada para “Ó!” e “É!”.

Acrescentaram-se travessões indicadores de diálogo que aparentam ter sido esquecidos pelos redatores dos periódicos, como em “Illuminuras - As lagrimas”: “Tornou-se pensativa, e com voz tremula: Não quero essas lagrimas!...” (LOPES, 1885a, p. 4).

O acento indicativo do fenômeno crase, que frequentemente aparecia igual ao acento agudo na grafia do século XIX, foi invertido, seguindo o padrão contemporâneo da língua portuguesa.

Empregou-se o acento grave nos dois casos propostos no Acordo:

- a) Na contração da preposição a com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo o [...];
- b) Na contração da preposição a com os demonstrativos aquele, aquela, aqueles, aquelas e aquilo ou ainda da mesma preposição com os compostos aqueloutro e suas flexões [...]. (ACORDO... 2014, p. 23).

Em algumas situações de utilização pela autora, o acento foi removido, como “[...] Vi sorrir-me dentre as grinaldas do cambará [...]”, em “A pobre pastora”, escrito por Almeida como “dentre às grinaldas”.

A acentuação foi atualizada em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Destaca-se o que concerne às vogais nasais, em que ocorreram atualizações seguindo a Base VI do Acordo. Palavras como “divan” foram mudadas para “divã” — tendo essa aparecido em “A carta do morto” —, pois “quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a* [...]”. (ACORDO... 2014, p. 18).

Seguindo Houaiss (1983), as consoantes duplas “ll”, “cc”, “ff”, “pp” foram simplificadas para únicas.

Os apóstrofes em “d’elle”/“d’ella” e “d’aquelle”/“d’aquella” foram removidos, utilizando-se as formas “dele”/“dela”, com cuidado para não confundi-las com “de ele” e “de ela”, e “daquele”/“daquela”. O mesmo ocorreu com “n’um(a)”, “d’essa”, “n’este”, que se tornaram “num(a)”, “dessa”, “neste”. Em “d’água”, “d’ovos” e “minh’alma”, contudo, o apóstrofo foi mantido, por se julgar serem escolhas estilísticas da autora.

Acrescentou-se o hífen em “beira-mar”, grafado pela autora como “beira mar”. Também adicionou-se em bem-aventurado, anteriormente “bemaventurado”, pois “empregase o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*”. (ACORDO... 2014, p. 25). Seguindo essa regra, removeram-se os hífens de malmequer, escrito por Almeida como “mal-me-quer”.

Na epígrafe de “Duas almas”, por estar em espanhol e contar com frases exclamativas, acrescentaram-se, em seus inícios, os pontos de exclamação invertidos, utilizados nessa língua. Ainda, foram mantidos o uso de itálico no seu corpo e de versalete no nome do autor, assim como consta no original.

Os porquês foram atualizados para as formas atuais, como, principalmente, em casos interrogativos. Por exemplo, em “Adeus!”, “— Porque entras? [...]” (LOPES, 1885i, p. 7) tornou-se “— Por que entras? [...]”.

Quanto às palavras de procedência estrangeira, seguiram-se os pressupostos de Houaiss (1983, p. 295), de que

[...] os estrangeirismos aparecerão, como recurso vocabular, ou sucedâneo de deficiência vocabular da língua, ou matização semântica, em grifo, mesmo que assim não estejam no texto de base, não devendo, a título nenhum, ser aportuguesados, se razões ponderáveis em contrário não ocorrerem. Se os estrangeirismos estiverem impropriamente grafados, [...] poderão ser corrigidos, de tudo havendo menção no aparato crítico.

Portanto, foram mantidos os usos de itálico provenientes de palavras estrangeiras e de grifos da autora. Quando elas não estavam em itálico, grifaram-se. No conto “A filha do calceteiro”, por exemplo, apenas a primeira utilização da palavra *bond* estava grifada, dessa maneira, com fins de homogeneização, grifaram-se todas as subseqüentes ocorrências. Ainda, algumas foram ortograficamente corrigidas como, em “Duas almas”, “*morir*”, em espanhol, que aparecia como “*morrir*”, e, em “O frasco de lilaz”, “*rêves*”, do francês, anteriormente “*reves*”.

Em “Lgrimas tardias”, a autora utilizou “p’r’a”, uma grafia para “pra”, em vez de “para”. Trata-se de uma expressão informal, na fala de uma personagem; portanto, foi mantida como “pra”.

Eliminaram-se as seqüências consonânticas, muito comuns no século XIX, “nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua” (ACORDO... 2014, p. 16), como em “reluctância”, presente em “A carta do morto”, cuja grafia tornou-se “relutância”.

Foram atualizadas as formas verbais seguidas de pronomes oblíquos, como “cegal-a”, em “A filha do calceteiro”, para “cegá-la”.

As formas de palavras de étimo latino, também largamente utilizadas no século XIX, foram atualizadas para formas contemporâneas, como “machina”, em “Lgrimas tardias”, tornando-se “máquina”.

Os ditongos orais cujo segundo elemento é representado por “i” tiveram suas formas atualizadas (ACORDO... 2014), como “desiguaes”, em “Lgrimas tardias”, tornando-se “desiguais”.

Num momento inicial, os procedimentos em relação à pontuação, a fim de compor esta edição, representaram uma questão controversa. Modificá-la, quando necessário, ou conservá-la, totalmente, mesmo em casos duvidosos? Alguns princípios teóricos das edições aqui consultadas e de obras da Crítica Textual acabam por ser contrastantes, principalmente, em relação à vírgula. Houaiss (1983, p. 293), sobre Machado de Assis, afirma que

embora em tradições manuscritas antigas a pontuação possa ser, legitimamente, reputada um problema de *interpretatio*, cabendo, assim, ao editor-crítico adotar a que possa fundamentar melhor, no caso do autor em aprêço se está em pólo oposto. Destarte, se a pontuação é *interpretatio*, nenhuma *interpretatio* pode ser melhor do que a do próprio autor. Seguir-se-á, assim, a sua, embora, com menção do fato e suas circunstâncias no aparato, possam ocorrer casos de erro óbvio, o principal dos quais, em textos de jornais e revistas, é a perda, por queda, da vírgula em fim de linha composta em caixa móvel.

Constata-se, portanto, um respeito à pontuação de Machado de Assis na edição crítica de *Memórias póstumas de Brás Cubas* feita pela Comissão Machado de Assis, com exceção de erros óbvios, majoritariamente resultantes de problemas tipográficos.

Ao consultar *Ânsia eterna*, da Coleção Escritoras do Brasil, do Senado Federal, verifica-se a seguinte menção sobre a escolha: “A pontuação permaneceu, de maneira geral, tal qual aparece na edição original, com algumas alterações, objetivando maior clareza”. (ALMEIDA, 2020, p. 17). Assim, é possível notar que os editores da Coleção Escritoras do Brasil respeitaram grande parte da pontuação original, mas também fizeram algumas modificações, tendo essas respeitado os estilos da autora.

Dois estudos de Crítica Textual, que guiam este trabalho, também abordam a questão da pontuação na edição de obras modernas: *Introdução à textologia* (1980), de Roger Laufer; e *Fundamentos da crítica textual* (2004), de Barbara Spaggiari e Maurizio Perugi.

Laufer (1980) destaca que o papel da pontuação, no século XIX, variou de autor para autor e das relações desses artistas com editores e o texto. Victor Hugo, por exemplo, acompanhava os detalhes tipográficos executados por Lacroix, seu editor belga, fazendo objeção ao acréscimo de alíneas, por exemplo; já Gustave Flaubert não parecia dar importância ao uso de alíneas e vírgulas. Desse modo, o estudioso afirma que a pontuação desempenhou um papel discriminatório e que “a determinação de seu valor deve portanto ser objeto de um julgamento crítico.” (LAUFER, 1980, p. 61).

Spaggiari e Perugi (2004) também consideram o fenômeno como algo que depende dos autores. Trazendo à tona casos anglófonos, citam que a pontuação não constituía problema para Byron, enquanto denotava problemas delicados para Shelley e seu editor. Ainda, mencionam que, ao editar, deve-se estar atento a padrões estilísticos dos escritores, concluindo que “o critério a adotar há de, portanto, resultar dum compromisso entre o editor, a tradição do texto, e as exigências do público mirado.” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 196).

Considerando essas perspectivas, respeitou-se, em grande maioria, o uso de pontuação da autora. Todos os pontos finais e de exclamação foram conservados, as modificações mais substanciais foram em relação à vírgula.

Caso se observe o estilo de Júlia Lopes de Almeida com o uso da vírgula nos contos recuperados, verificar-se-á uma preferência que se destaca: a de utilizá-la para isolar alguns termos, como sujeito e objeto, no fim da frase. Vejam-se os seguintes exemplos: em “O presente de nupcias”, “[...] respondeu com a sua voz acontraltada e serena, a mãe da noiva”. (D’ALMEIDA, 1888, p. 2), a autora separa o sujeito do restante da frase por meio da vírgula ao isolá-lo no final; e em “A filha do calceteiro”, “eu dizia a todas as pequenitas com quem falava, estas palavras” (ALMEIDA, 1889b, p. 6), assim como em “Illuminuras - As lagrimas”, “nesse momento levantou os olhos e viu nas faces pálidas da mãe, duas gotas de pranto” (LOPES, 1885a, p. 4), separa o objeto direto, no fim da oração, com vírgula. Esses usos foram conservados, por questões de estilo.<sup>56</sup>

Os seguintes trechos, entretanto, tiveram o uso da vírgula modificado — tendo sido todos eles incluídos no aparato de variantes —, a fim de garantir um melhor entendimento para os leitores, tendo como prioridades não fazer significativas modificações no ritmo e respeitar o estilo da autora:

#### Quadro 4 – Modificações no uso de pontuação na edição atualizada

Título do conto <sup>57</sup>	Edição de base	Edição atualizada
“Sensitiva”	“Uma mulher bonita que ali estava, quis cortar a haste [...]”	“Uma mulher bonita que ali estava quis cortar a haste [...]”
“Adeus!”	“A Esperança levantando o voo, partiu e a Saudade com os olhos rasos d’água pôs-se a acenar-lhe para que voltasse [...]”	“A Esperança, levantando o voo, partiu, e a Saudade com os olhos rasos d’água pôs-se a acenar-lhe para que voltasse [...]”
“O presente de núpcias”	“Resolvida a questão falaram por sua vez as irmãs nas suas lembranças [...]”	“Resolvida a questão, falaram por sua vez as irmãs nas suas lembranças [...]”
“A filha do calceteiro”	“toma minha filha!”	“toma, minha filha!”

<sup>56</sup> Em algumas citações deste trabalho, o sobrenome da autora aparece como Lopes, D’Almeida ou Almeida. Elas seguem a ABNT, no sentido de que copiam *ipsis litteris* a forma como ele é mencionado nos periódicos.

<sup>57</sup> Utilizou-se a grafia da edição atualizada.



“A filha do calceteiro”	“Ó! filha pelo que eu tenho sofrido, perdoa-me!”	“Ó! filha, pelo que eu tenho sofrido, perdoa-me!”
“A filha do calceteiro”	“você se não pode trabalhar não venha cá!”	“você, se não pode trabalhar, não venha cá!”
“O beijo”	“Dizia em moço o Sr. Souza, que mesmo entre os casados a discussão é útil.”	“Dizia em moço o Sr. Souza que, mesmo entre os casados, a discussão é útil.”
“O beijo”	“nunca desses, às vezes tremendos, choques de contradições, surgiam a branca e pura luz da verdade!”	“nunca desses, às vezes tremendos, choques de contradições surgiam a branca e pura luz da verdade!”
“O beijo”	“Ora deixa-te disso [...]”	“Ora, deixa-te disso [...]”
“O beijo”	“Vamos para a sala, acender o gás que tenho que fazer.”	“Vamos para a sala, acender o gás, que tenho [o] que fazer.”
“O beijo”	“Ó Maria fecha esta janela!”	“Ó, Maria, fecha esta janela!”
“O beijo”	“[...] mas deixa fechar a janela que me constipo.”	“[...] mas deixa fechar a janela, que me constipo.”
“O beijo”	“Ó senhora, que teima.”	“Ó, senhora que teima.”
“O beijo”	“ora essa não é má.”	“ora, essa não é má.”
“O beijo”	“[...] continuou ele voltando-se para a criada [...]”	“[...] continuou ele, voltando-se para a criada [...]”
“O beijo”	“Ó, filha [...]”	“Ó filha [...]”
“O beijo”	“então essa rabugice que é?”	“então essa rabugice, que é?”
“O beijo”	“Ora que tolice, nervosa...”	“Ora, que tolice, nervosa...”
“O beijo”	“Bom... não falemos mais nisso que podes ter um chilique...”	“Bom... não falemos mais nisso, que podes ter um chilique...”
“O beijo”	“Por isso os velhos compreendendo a graciosa tática da neta, disseram ao mesmo tempo, ao vê-la afastar-se [...]”	“Por isso os velhos, compreendendo a graciosa tática da neta, disseram ao mesmo tempo, ao vê-la afastar-se [...]”
“O beijo”	“Então, ela que encontrara	“Então, ela, que encontrara

	entre portas o afilhado, disse-lhe alegremente [...].”	entre portas o afilhado, disse-lhe alegremente [...].”
“Os escravos”	“[...] pensava eu contemplando esses vultos negros [...].”	“[...] pensava eu, contemplando esses vultos negros [...].”
“Santa!”	“[...] dizia-lhe o marido beliscando-lhe os braços [...].”	“[...] dizia-lhe o marido, beliscando-lhe os braços [...].”
“Santa!”	“Wanda torcendo-se no banco, enfiou a cabeça pela janelinha, [...].”	“Wanda, torcendo-se no banco, enfiou a cabeça pela janelinha, [...].”
“Narração do espírito”	“Frase por frase, ponto por ponto é a mesma coisa!...”	“Frase por frase, ponto por ponto, é a mesma coisa!...”
“Narração do espírito”	“[...] e adejei em torno do cadáver do rei em torno da sua coroa de ouro, em torno do seu catafalco, [...].”	“[...] e adejei em torno do cadáver do rei, em torno da sua coroa de ouro, em torno do seu catafalco, [...].”
“Narração do espírito”	“[...] em uma virgem honesta e delicada sensível a ponto de morrer de amor; em um ladrão de estrada em uma religiosa dedicada e crente, em um sábio de que a humanidade venera e adora o nome, em um poeta e em um <i>clown!</i> ”	“[...] em uma virgem honesta e delicada, sensível a ponto de morrer de amor; em um ladrão de estrada; em uma religiosa dedicada e crente; em um sábio de que a humanidade venera e adora o nome; em um poeta; e em um <i>clown!</i> ”
“Narração do espírito”	“[...] tudo se desvanece, esqueço as outras vidas, os outros personagens, as outras terras o outro amor, o leite que bebo, [...].”	“[...] tudo se desvanece, esqueço as outras vidas, os outros personagens, as outras terras, o outro amor, o leite que bebo, [...].”
“O frasco de lilás”	“Realmente desde que se derramou por sobre mim esse dedal de água cristalina, foi como se um mundo de imagens e devaneios graciosos, grotescos, lindos ou extravagantes rolasse como fumo, pela minha pobre cabeça até então vazia, calma, fria; agora repleta, ardente, entusiasmada!”	“Realmente, desde que se derramou por sobre mim esse dedal de água cristalina, foi como se um mundo de imagens e devaneios graciosos, grotescos, lindos ou extravagantes, rolasse como fumo pela minha pobre cabeça até então vazia, calma, fria; agora repleta, ardente, entusiasmada!”

“A carta do morto”	“Ela porém ignorava tudo.”	“Ela, porém, ignorava tudo.”
“A carta do morto”	“Por fim rompeu em conselhos, repisou os seus futuros deveres de esposa, disse-lhe, entre abraços e olhares caridosos, que fosse submissa, meiga, prudente e sincera; que não ocultasse, nenhum dos seus atos ao marido, pois que a mentira suja mais a língua da mulher, do que uma placa de lodo infecto e negro pode sujar a asa cândida de uma pombinha branca.”	“Por fim, rompeu em conselhos, repisou os seus futuros deveres de esposa, disse-lhe, entre abraços e olhares caridosos, que fosse submissa, meiga, prudente e sincera; que não ocultasse nenhum dos seus atos ao marido, pois que a mentira suja mais a língua da mulher do que uma placa de lodo infecto e negro pode sujar a asa cândida de uma pombinha branca.”
“Lágrimas tardias”	“Já havia muito que a sociedade que ele frequentava, lhe deixava perceber o seu desagrado.”	“Já havia muito que a sociedade que ele frequentava lhe deixava perceber o seu desagrado.”
“Lágrimas tardias”	“O que lhe custava mais, era ouvir as descomposturas das negras, confessou.”	“O que lhe custava mais era ouvir as descomposturas das negras, confessou.”
“Duas almas”	“Ser velha e não ter fé, é o pior dos suplícios [...]”	“Ser velha e não ter fé é o pior dos suplícios [...]”
“Duas almas”	“Por detrás das sedas roçagantes da velha marquesa, lá para os fundos da igreja entre os farrapos do seu vestido de chita, reza de mãos postas uma mulher magríssima [...]”	“Por detrás das sedas roçagantes da velha marquesa, lá para os fundos da igreja, entre os farrapos do seu vestido de chita, reza de mãos postas uma mulher magríssima [...]”
“A pobre pastora”	“O timbre da minha voz é claro e doce e as palavras saíam também cheias de unção religiosa!”	“O timbre da minha voz é claro e doce, e as palavras saíam também cheias de unção religiosa!”
“A pobre pastora”	“Qual deles me amaria, se em vez de rainha suntuosa eu fosse cabreira humilde, e em vez de sedas e de veludos envolvesse o meu corpo branco em lãs grosseiras e ásperos algodões?”	“Qual deles me amaria, se, em vez de rainha suntuosa, eu fosse cabreira humilde, e, em vez de sedas e de veludos, envolvesse o meu corpo branco em lãs grosseiras e ásperos algodões?”

“A pobre pastora”	“Cantavam patativas na paineira e de fora da porta Chico dizia com alegria e ternura: [...]”	“Cantavam patativas na paineira, e, de fora da porta, Chico dizia com alegria e ternura: [...]”
-------------------	--	---

Fonte: elaboração do autor.

Destaca-se, no fim da edição atualizada, a presença do aparato de variantes, em que se registraram as variantes formais e de pontuação desta edição atualizada e do texto de base, caso haja curiosidade em relação às modificações feitas pelo editor por parte dos leitores. Optou-se por um aparato negativo, que, segundo Cambraia (2005), consiste no registro de apenas as variantes não adotadas no texto final. Ainda, quanto à forma de registro, seguiram-se as orientações de Cambraia (2005): a variante adotada no texto atualizado, juntamente ao número da linha; um colchete de fechamento, atuando como separador; a sigla dos testemunhos com variante não adotada no texto; outro separador, o dois-pontos; e a variante não adotada no texto. O estudioso apresenta que essa estrutura básica pode ser ligeiramente alterada, dependendo do editor. Seguindo isso, optou-se por acrescentar a sigla da variante adotada no texto atualizado (T. A.) e acrescentar os números de páginas em que cada variante se encontra.

A edição atualizada pode ser encontrada no apêndice F.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma expressiva parte da produção de Júlia Lopes de Almeida permanece sem edição em livro. Tendo em vista essa situação, pesquisadores voltar-se-iam, provavelmente, ao seu espólio; entretanto, grande parte dele, contendo suas criações literárias, perdeu-se com o tempo. Salomoni (2007) afirma que há dois momentos em que isso ocorreu. O primeiro, em 1925, quando Júlia Lopes de Almeida partiu para a Europa, a fim de viver em Paris, pois sua filha mais velha tinha recebido um prêmio da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro para estudar Escultura. Enquanto a família viaja antes, Almeida fica para vender os pertences, incluindo a casa em Santa Teresa, embarcando em 3 de setembro. Segundo Salomoni (2007, p. 23), “nesse momento, ela se desfaz da quase totalidade das obras de arte, quadros, livros e material pessoal.” O segundo é ao retornar ao Brasil no início da década de 1930. Tantas viagens provavelmente acabam por forçá-la a se desfazer de alguns pertences, incluindo material literário. Contudo, o que foi publicado na imprensa, felizmente, pode ser conservado para gerações futuras e, enfim, possibilitar resgates e dar origem a trabalhos como este.

Esta dissertação surgiu com o intento de produzir uma edição atualizada de contos de Júlia Lopes de Almeida restritos até então à imprensa. Para tanto, foram realizadas três etapas, a fim de chegar em tal objeto final.

O primeiro capítulo, “A tarefa de resgatar escritoras do passado”, investigou alguns aspectos teóricos acerca do resgate de escritoras oitocentistas, a partir da conexão entre Estudos de Gênero e literatura. Para fundamentar esta pesquisa, seguindo revisão bibliográfica, foi elaborada uma linha do tempo do resgate de escritoras em países anglófonos — onde a modalidade de pesquisa se consolidou inicialmente, influenciando outros posteriormente — e no Brasil.

Em relação ao Brasil, dividiram-se três fases em três subcapítulos mais aprofundados, tendo em vista que o foco desta dissertação é em uma escritora brasileira. A primeira, nomeada “Iniciação”, foi de 1862 a 1907. Essas datas simbolizam os marcos das publicações de *Brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva, e *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*, de Andradina de Oliveira, e se caracterizam por alguns esforços iniciais e esparsos, tanto nacionalistas como feministas. A segunda, chamada “Estruturação”, foi de 1907 a 1999. Nela, que é demarcada pelo ano de publicação da obra de Oliveira e do primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*, observa-se um crescimento no interesse pelo tema, contando com produções teóricas importantes, além do GT *A mulher na literatura* e a editora Mulheres. A terceira, “Consolidação e rumos futuros”, em andamento desde o

lançamento do primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*, viu um grande crescimento nos trabalhos focados na temática, de antologias a estudos teóricos, e reiterou a importância de se utilizar periódicos como fonte primária de pesquisa.

Com essa linha do tempo, constataram-se as possibilidades desse tipo de investigação, a fim de auxiliar no resgate de uma autora e sua poética, expressadas em: a) (re)edição; b) suplementação biobibliográfica; e c) estudos. Assim, fundamentou-se esta pesquisa, observando que o caminho a ser seguido era o da (re)edição, permitindo que se passasse para a etapa seguinte.

O segundo capítulo, “Resgatando contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa”, voltou-se à recuperação de contos de Almeida publicados apenas em periódicos portugueses e brasileiros do fim do século XIX. Eles foram encontrados no acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil, a Hemeroteca Nacional Digital. Um recorte temporal específico de ineditismo foi estabelecido. Os contos não deveriam ter sido inseridos nas três primeiras coletâneas do gênero da autora: *Contos infantis* (1886), *Traços e iluminuras* (1887) e *Ânsia eterna* (1903). Houve também um cuidado para não se considerarem as crônicas do *Livro das noivas* (1896). Aproveitaram-se, para a investigação, as buscas por anos e por palavras-chave, duas ferramentas da Hemeroteca. Escolheram-se os decênios 1880-1889 e 1890-1899, além dos primeiros anos de 1900-1910, e as palavras-chave “Julia Lopes”.

Encontraram-se, ao todo, 20 contos, divididos em 51 testemunhos, sendo eles: “*Iluminuras - As lágrimas*”; “*Iluminuras - Os pombos*”; “*Iluminuras - Mutações*”; “*Iluminuras - Sensitiva*”; “*Iluminura - Uma ruína*”; “*Iluminuras - Adeus!*”; “*O presente de nupcias*”; “*Na floresta*”; “*A filha do calceteiro*”; “*O beijo*”; “*Os escravos*”; “*Santa!*”; “*Narração do espírito*”; “*O frasco de lilaz*”; “*A carta do morto*”; “*Lágrimas tardias*”; “*Dois almas*”; “*A pobre pastora*”; e “*A casa d’ella*”. Enquanto oito constituíram casos monotestemunhais, 12 eram politestemunhais.

Algumas informações sobre os contos foram coletadas. “*Iluminuras - As lágrimas*” é o de mais reproduções em periódicos, com sete no total, seguido por “*Iluminuras - Os pombos*”, com seis. O ano de 1885 foi o mais expressivo em termos de publicações, pois nove contos foram veiculados neste ano, sendo o de 1890, com sete, e 1891 e 1898, com seis, seus sucessores. Por década, 1890-1900 contou com 30 testemunhos, sendo a mais fecunda. Regionalmente, o Sudeste foi o mais promissor para a produção recuperada, visto que 27 contos apareceram em jornais e revistas dessa região, seguido pelo Nordeste, com 11. Ainda, por meio de material encontrado em outros acervos por Figueiredo (2014), descobriram-se listas com os contos “*A filha do calceteiro*”, “*Santa!*”, “*O frasco de lilaz*” e “*A carta do*

morto” juntamente a outros que, posteriormente, fariam parte de *Ânsia eterna*, indicando que, possivelmente, quase foram inseridos nessa coletânea.

Ao finalizar a recuperação, no terceiro capítulo, “Critérios para uma edição atualizada dos contos recuperados”, examinaram-se as possibilidades para uma edição das narrativas resgatadas. Nesse sentido, seguindo uma revisão bibliográfica apoiada em aportes teóricos da Crítica Textual, foram investigados os tipos diferentes de edição e pôde ser verificado que o mais proveitoso, devido ao público-alvo e à grande quantidade de contos recuperados, seria, de fato, produzir uma edição atualizada.

Compreendida a natureza de uma edição atualizada e seus critérios, estabeleceram-se os procedimentos para a viabilização do produto final desta pesquisa, a edição atualizada dos contos de Júlia Lopes de Almeida restritos à imprensa, em consonância com *Elementos de bibliologia*, de Houaiss (1983), com edições atualizadas da Coleção Escritoras do Brasil, do Senado Federal, entre outros. Assim, instituíram-se os testemunhos que fariam parte da nova obra e aspectos referentes à composição textual e à atualização da linguagem, sempre buscando garantir melhores condições de leitura ao mesmo tempo em que se respeita o estilo da autora.

Todas essas etapas de pesquisa culminaram, então, na edição atualizada, presente no apêndice F, que possui: um elemento inicial, a introdução, versando brevemente acerca do que pode ser encontrado na obra; um corpo, com os contos divididos em duas seções, “Iluminuras” e “Outros contos”, sendo a primeira uma homenagem à conservação da palavra “Iluminuras” no início das narrativas da primeira fase da carreira de Almeida; e uma seção final, contando com informações gerais sobre a edição e um aparato das principais variantes, caso seja de interesse do leitor constatar o que foi alterado dos originais.

O fruto final deste trabalho, a edição atualizada, oportunizará o retorno de uma parcela pouco conhecida da produção de uma das maiores escritoras brasileiras do século XIX aos leitores contemporâneos. Ele possibilitará, também, o acesso e a preservação de tal material, assim como o surgimento de novos estudos sobre a poética da autora.

## REFERÊNCIAS

- ABOUT Virago. *Virago Books*, [online], 20 mai. 2022. Disponível em: <https://www.virago.co.uk/imprint/lbbg/virago/page/about-virago/>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- ACORDO ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas. 2. ed. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2014. 101 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/508145>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ALMEIDA, Horácio de. Prólogo de Horácio de Almeida. In: REIS, Maria Firmina dos. *Ursula*: romance original brasileiro. Rio de Janeiro; São Luís: Gráfica Olímpica; Governo do Maranhão, 1975. Edição fac-similar. p. i-viii.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 130, 30 jan. 1892b, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/784>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 127, 19 dez. 1891f, p. 4-5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/769>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 129, 2 jan. 1892a, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/778>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 256, 13 set. 1891e, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_03/4176](http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/4176). Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *O Amigo do Povo*, Cidade do Turvo, ano 2, n. 64, 29 mai. 1892c, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/847313/181>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *O Amigo do Povo*, Cidade do Turvo, ano 2, n. 66, 12 jun 1892d, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/847313/189>. Acesso em: 5 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A casa d'ella. *Almanak da Gazeta de Noticias para 1898*, Rio de Janeiro, ano 19, 1898b, p. 227-230. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/829579/5816>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A casa d'ella. *A Republica*, Curitiba, ano 15, n. 16, 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/215554/10564>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A casa d'ella. *O Fluminense*, Niterói, ano 21, n. 3654, 1898c, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/100439\\_03/7393](http://memoria.bn.br/docreader/100439_03/7393). Acesso em: 10 out. 2022.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. Adeus. *A Patria Paraense*, Republica dos Estados Unidos do Brazil [Sem cidade], ano 1, n. 5, 1 jul. 1894a, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/720860/18>. Acesso em: 9 ago. 2022.



ALMEIDA, Julia Lopes. A filha do calceteiro. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 42, 14 dez. 1889b, p. 5-6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/277>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes. A filha do calceteiro. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 43, 21 dez. 1889c, p. 4-5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/284>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. *Ancia eterna*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, livreiro-editor, 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 2020.

ALMEIDA, Julia Lopes de. A pobre pastora. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 204, 2 ago 1897c, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_03/16663](http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16663). Acesso em: 5 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Duas almas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 4039, 23 out. 1895, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/178691\\_02/14008](http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/14008). Acesso em: 5 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Lagrimas tardias. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 81, 21 mar. 1892e, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_03/5417](http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/5417). Acesso em: 5 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. *Livro das noivas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1914.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Na floresta. *O Paiz*, Maranhão [Sem cidade], ano 27, n. 131, 11 jun. 1889a, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/704369/12812>. Acesso em: 12 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Narração do espirito. *Pacotilha*, Maranhão [Sem cidade], ano 11, n. 64, 7 mar. 1891a, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/168319\\_01/11305](http://memoria.bn.br/docreader/168319_01/11305). Acesso em: 3 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O beijo. *A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 44, 31 dez. 1889d, p. 4-5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/292>. Acesso em: 26 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O Dr. Bermudes. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 1, 1 jan. 1899, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_03/19322](http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/19322). Acesso em: 5 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O frasco de lilaz. *A Republica*, Belém, ano 2, n. 361, 9 mai. 1891d, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/704440/2978>. Acesso em: 4 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O frasco de lilaz. *Gazeta de Petropolis*, Petrópolis, ano 7, n. 87, 21 jul. 1898a, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/304808/2993>. Acesso em: 4 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O frasco de lilaz. *Jornal do Recife*, Recife, ano 34, n. 65, 21 mar. 1891b, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/29342>. Acesso em: 3 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O frasco de lilaz. *O Estado da Parahyba*, Parahyba do Norte [Sem cidade], ano 41, n. 205, 7 abr. 1891c, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/809160/587>. Acesso em: 4 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os escravos. *A Familia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 46, 23 jan. 1890d, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/379034/316>. Acesso em: 29 set. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os pombos. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, ano 4, n. 77, 4 abr. 1897a, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/090190/677>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os pombos. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, ano 10, n. 64, 18 mar. 1890b, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/103950/8820>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os pombos. *Gazeta de Petropolis*, Petrópolis, ano 4, n. 41, 6 abr. 1897b, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/304808/2186>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os pombos. *O Estado do Espirito Santo*, Vitória, ano 9, n. 2236, 1 jun. 1890c, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/229644/433>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Os pombos. *Pacotilha*, Maranhão [Sem cidade], ano 10, n. 57, 2 mar. 1890a, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/168319\\_01/9885](http://memoria.bn.br/docreader/168319_01/9885). Acesso em: 1 ago. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. O ultimo raio de luz. *Gazeta de Noticias*, ano 20, n. 148, Rio de Janeiro, 30 mai. 1894b, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_03/9925](http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/9925). Acesso em: 5 out. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Santa! *Correio da Manhã*, Lisboa, ano 7, n. 1771, 23 ago. 1890h, Suplemento literário, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/890529/8482>. Acesso em: 29 set. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Santa! *Diario do Maranhão*, Maranhão [Sem cidade], ano 21, n. 5085, 20 ago. 1890f, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/720011/21914>. Acesso em: 29 set. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Santa! *Diario do Maranhão*, Maranhão [Sem cidade], ano 21, n. 5088, 23 ago. 1890g, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/720011/21926>. Acesso em: 29 set. 2022.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Santa. *Diario de Pernambuco*, [S. l.], ano 66, n. 183, 13 ago. 1890e, p. 1-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/029033\\_07/1457](http://memoria.bn.br/docreader/029033_07/1457). Acesso em: 29 set. 2022.

ALMEIDA, Margarida Lopes de. Biografia de Dona Júlia. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O funil do diabo: romance*. Florianópolis: Mulheres, 2015. p. 177-208.

ANCIA Eterna por Julia Lopes de Almeida. *A Noticia*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 296, 15 e 16 dez. 1902, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/9755>. Acesso em: 26 jul. 2022.

AO LEITOR. *Almanak da Gazeta de Noticias para 1880*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Notícias, 1879. p. 2.

A PATRIA Paraense. *A Patria Paraense*. Republica dos Estados Unidos do Brazil [Sem cidade], ano 1, n. 5, 1 jul. 1894, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/720860/17>. Acesso em: 9 ago. 2022.

ARANHA, Graça. Chanaan. *Estado do Espirito Santo*, Vitória, ano 21, n. 136, 12 jun. 1902, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/229644/per229644\\_1902\\_00135.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/229644/per229644_1902_00135.pdf). Acesso em: 6 ago. 2022.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1894>. Acesso em: 27 mai. 2022.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1970.

AZEVEDO, Josephina Alvares de. *Galeria illustre: mulheres celebres*. Rio de Janeiro: Typographia a Vapor, 1897. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7738>. Acesso em: 26 mai. 2022.

BARROS, Thiago Zanetti. *Imigração estrangeira no jornal A Província do Espírito Santo (1882/1889)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3356>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BEZERRA, Kátia da Costa. Apresentação. In: BEZERRA, Kátia da Costa (org.). *Tirando do baú: antologia de poetisas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo: Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003a. p. 13-14.

BEZERRA, Kátia da Costa (org.). *Tirando do baú: antologia de poetisas brasileiras do século XIX*. Pedro Leopoldo: Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, 2003b. p. 13-14.

BRANDOLT, Marlene Rodrigues. *Entre o fim do século XIX e o início do século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras*. 2017. 239 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178329>. Acesso em: 22 mai. 2022.

BRASIL, Bruno. Jornal do Recife. *BNDigital*, [online], 29 out. 2015a. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>. Acesso em: 4 out. 2022.

BRASIL, Bruno. O Paiz. *BNDigital*, [online], 2 abr. 2015b. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 11 out. 2022.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARR, Helen. A history of women's writing. In: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan (eds.). *A history of feminist literary criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 120-137.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CASADEI, Eliza Bachega. Questões de consumo e a feminização da *Revista da Semana*. *Z Cultural*, Rio de Janeiro, s. v., s. n., s. p., 2017. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/questoes-de-consumo-e-a-feminizacao-da-revista-da-semana/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

CASTRO, Paula Campos de. *O papel da moda nos escritos de Júlia Lopes de Almeida*. 2019. 137f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9954>. Acesso em: 22 mai. 2022.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário de escritoras brasileiras. *Boletim do GT A Mulher na Literatura*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, ago. 1988. Disponível em: <https://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/boletins.html>. Acesso em: 28 mai. 2022.

CONFERENCIAS. *Correio da Manhã*, Lisboa, ano 12, n. 3233, 7 mar. 1895, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/890529/15054>. Acesso em: 27 jul. 2022.

COPERVE divulga livros e programa de disciplinas para Vestibulares 2020.2 e 2021. *Notícias da UFSC*, [online], 24 jan. 2020. Disponível em:

<https://noticias.ufsc.br/2020/01/coperve-divulga-livros-e-programa-de-disciplinas-para-vestibular-2020-2-e-2021/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do século XIX. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/28602>. Acesso em: 11 ago. 2022.

CORREIO de Minas. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, ano 5, n. 40, 3 ago. 1898. p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/090190/per090190\\_1898\\_00040.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/090190/per090190_1898_00040.pdf). Acesso em: 6 ago. 2022.

COSTA, Maria Ione Caser da. *A Galeria Ilustrada*. *BNDigital*, [online], 8 ago. 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-galeria-illustrada/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. *Conselho às minhas amigas: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906)*. 2011. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93321>. Acesso em: 17 mai. 2022.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. *Para além do sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934)*. 2017. 201 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152622>. Acesso em: 17 mai. 2022.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, Helena Parente. Introduzindo novos, mas antigos desafios. In: CUNHA, Helena Parente (org.). *Desafiando o cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001. p. 21-25.

D'ALMEIDA, Julia Lopes. A filha do calceteiro. *A Provincia do Espirito-Santo*, Vitória, ano 8, n. 2081, 9 nov. 1889, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/301582/8171>. Acesso em: 24 ago. 2022.

D'ALMEIDA, Julia Lopes. O presente de nupcias. *Correio da Manhã*, Lisboa, ano 5, n. 998, 5 mar. 1888, Suplemento literário, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/890529/4782>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DAVIS, Rebecca Harding. *Life in the iron mills and other stories*. Old Westbury: Feminist Press, 1985. Edição revisada e expandida.

DUARTE, Constância Lima. GT: A mulher na literatura: história e perspectiva. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 1, 1994. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/218>. Acesso em: 25 jan. 2022.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*; dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

EXPEDIENTE. *A Lucta*, Desterro, ano 1, n. 19, 16 jul. 1885, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/811017/69>. Acesso em 8 ago. 2022.

FACTOS diversos. *O Republicano*, Aracaju, ano 2, n. 275, 30 out. 1890, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/361275/1082>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009b. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/pt-br.php>. Acesso em: 22 mai. 2022.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, p. 317-338, 2009a.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6119/1/2004\\_dis\\_acsfernandes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6119/1/2004_dis_acsfernandes.pdf). Acesso em: 6 ago. 2022.

FERREIRA, Cinara. Prefácio. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*. Caxias do Sul: EDUCS, 2019. p. 7-9.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. *Resgatando a memória literária: uma edição crítica de Ânsia eterna de Júlia Lopes de Almeida*. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 85, Rio de Janeiro, 1965.

GARNIER, Baptiste Louis. Advertência do editor. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Brasileiras célebres*. Brasília: Senado Federal, 2004. p. 11. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/188343>. Acesso em: 23 mai. 2022.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. *Escrínio, Andradina de Oliveira e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista*. 2015. 319f. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158435>. Acesso em: 21 jun. 2022.

GAZETA de Petrópolis. Petrópolis, ano 47, n. 146-149, 28 dez. 1904, p. 1-4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/304808/6727>. Acesso em: 6 ago. 2022.



GUIMARÃES, Cinara Leite. *O espaço ficcional em narrativas de Júlia Lopes de Almeida: A viúva Simões e A falência*. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3137136](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3137136). Acesso em: 22 mai. 2022.

HEILBRUN, Carolyn; STIMPSON, Catharine. Theories of feminist criticism: a dialogue. In: DONOVAN, Josephine (ed.). *Feminist literary criticism: explorations in theory*. 2. ed. Lexington: The University Press of Kentucky, 1989. p. 61-73.

HELLMANN, Risolete Maria. Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart. XIII Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero XI, 13 e 11, 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 1-13. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124\\_ARQUIVO\\_RISOLETEMARIAHELLMANN.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETEMARIAHELLMANN.pdf). Acesso em: 30 mai. 2022.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec; INL, 1983.

JOIN the Virago Modern Classics Club. *Virago Books*, [online], 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.virago.co.uk/imprint/lbbg/virago/page/virago-modern-classic-book-club/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LIMA, Antonia Rosane Pereira. Mulheres illustres do Brasil, de Ignez Sabino, e sua ressonância em dicionários de autoria feminina nos séculos XX e XXI. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/902>. Acesso em: 27 mai. 2022.

LINHAS de pesquisa. *A Mulher na Literatura*, [online], 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/linhasdepesquisa.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LOBATO, Denise Araújo. *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paraenses oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LOPES, Julia. Adeus! *A Republica*, Curitiba, ano 9, n. 173, 8 dez. 1894c, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/215554/4646>. Acesso em: 9 ago. 2022.

LOPES, Julia. Adeus! *Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis, ano 7, n. 53, 3 mai. 1898, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/304808/2857>. Acesso em: 9 ago. 2022.

LOPES, Julia. Adeus!... *Revista da Semana*, [S. l.], ano 3, n. 117, 10 ago. 1902, p. 259. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/025909\\_01/1240](http://memoria.bn.br/docreader/025909_01/1240). Acesso em: 9 ago. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *A Palavra*, Penedo, ano 6, n. 34, 6 out 1894b, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/843792/321>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *A Palavra*, Penedo, ano 8, n. 39, 24 out. 1896, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/843792/665>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *A Provincia do Espirito-Santo*, Vitória, ano 7, n. 1797, 11 nov. 1888b, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/301582/7128>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *Gazeta Paranaense*, Curitiba, ano 12, n. 233, 18 out. 1888a, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/242896/4293>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *Goyaz*, [S. l.], ano 4, n. 204, 17 ago. 1889, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/246590/770>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. As lagrimas. *Pacotilha*, Maranhão [Sem cidade], ano 14, n. 268, 12 nov. 1894a, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/168319\\_01/15957](http://memoria.bn.br/docreader/168319_01/15957). Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. Illuminura - Uma ruina. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 25, 20 jun. 1885g, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/210>. Acesso em: 8 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminura - Uma ruina. *Diario de Noticias*, Belém, ano 6, n. 161, 19 jul. 1885h, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/763659/4313>. Acesso em: 8 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - Adeus! *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 37, 12 set. 1885i, p. 6-7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/309>. Acesso em: 9 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras. *A Lucta*, Desterro, ano 1, n. 19, 16 jul. 1885e, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/811017/70>. Acesso em: 2 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - As lagrimas. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, 28 fev. 1885a, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/80>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - Mutações. *A Provincia do Espirito-Santo*, Vitória, ano 4, n. 782, 30 abr. 1885d, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/301582/3119>. Acesso em: 2 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - Mutações. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, 21 mar. 1885c, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/104>. Acesso em: 2 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - Os pombos. *A Semana*, ano 1, n. 11, Rio de Janeiro, 14 mar. 1885b, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/94>. Acesso em: 1 ago. 2022.

LOPES, Julia. Illuminuras - Sensitiva. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 15, 11 abr. 1885f, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/383422/129>. Acesso em: 1 ago. 2022.



LOPES, Julia. Sensitiva. *A Galeria Illustrada*, Curitiba, ano 1, n. 5, 30 dez. 1888d, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/759090/34>. Acesso em: 8 ago. 2022.

LOPES, Julia. Sensitiva. *Gazeta Paranaense*, Curitiba, ano 12, n. 12, 15 jan. 1888c, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/242896/2239>. Acesso em: 8 ago. 2022.

LOPES, Julia. *Traços e illuminuras: contos*. Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1887.

LÓPEZ, Camila Soares. *A poesia lírica na Gazeta de Notícias: indexação e antologia (1890-1900)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94024>. Acesso em: 5 out. 2022.

LUCA, Leonora de. *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Mulheres celebres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1878. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3994>. Acesso em: 26 mai. 2022.

MAGALHÃES, Valentim. Simples historias. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 597, 26 jan. 1887, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369365/2431>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MATOS, Marcos Fábio Belo. *Jornal Pacotilha: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís. Outros Tempos: pesquisa em foco - História, São Luís, v. 18, n. 32, p. 398-407, 11 ago. 2021*. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v18i32.862>. Acesso em: 5 ago. 2022.

MAY Sinclair Society. *May Sinclair Society*, [online], 20 jul. 2022. Disponível em: <https://maysinclairociety.com/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MENDONÇA, Lucio. A tres Julias. In: RIBEIRO, João (dir.). *Almanaque brasileiro Garnier para o anno de 1907*. Rio de Janeiro: [S. n.], 1907. p. 246-249. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanaque-garnier/348449>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MIGUEL PEREIRA, Lucia. As mulheres na literatura brasileira. *Anhemi*, [S. l.], ano 5, v. 17, n. 49, p. 17-25, dez. 1954.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: prosa de ficção – de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

MOREIRA, Maria Eunice. Como tudo começou... In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Retratos de camafeu: biografias de escritoras sul-rio-grandenses*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997. p. 79-89.

MUZART, Zahidé Lupinacci. As esquecidas. *Travessia*, Florianópolis, [s. v.], n. 23, p. 11, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/26640>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da editora Mulheres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, s. n., p. 103-105, set./dez. 2004a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300011>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Introdução. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDUNISC, 2004b. p. 21-27.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. v. 1. p. 17-29.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco (1821/1954)*. 2. ed. Recife: Imprensa Universitária; Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

O ACREDITADO livreiro acaba de editar um novo livro de contos da illustre escriptora Julia Lopes de Almeida. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 29, n. 347, 13 dez. 1902, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_04/5002](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/5002). Acesso em: 26 jul. 2022.

O JORNAL. *Goyaz*, [online], 5 ago. 2022. Disponível em: <https://goyaz.com.br/historia/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. *O fantástico feminino nos contos de três escritoras brasileiras*. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PENTEADO, Jacob (org.). *Contos brasileiros*. São Paulo: EDIGRAF, 1962.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. [S. l.]: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

PRESENTE de festas. *A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 305, 24 dez. 1896, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/830380/2284>. Acesso em: 24 mai. 2022.

REPORTAGENS de Paris. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 11, 14 mar. 1914, p. 24. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/17234>. Acesso em: 18 mai. 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa; KARAM, Sérgio. Editora Mulheres, Zahidé Muzart e um caso relevante de edição de livros no Brasil. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan./mar. 2020. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/34581/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

RIEDEL, Diaulas (org.). *Maravilhas do conto feminino*. São Paulo: Cultrix, 1958.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, livreiro-editor, s. d. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso em: 17 mai. 2022.

ROBINSON, Lillian S. Treason our text: feminist challenges to the literary canon. In: SHOWALTER, Elaine (ed.). *The new feminist criticism: essays on women, literature and theory*. Nova York: Pantheon Books, 1985. p. 105-121.

RODELLA, Giane Taeko Mori. *A representação feminina nas obras de Aluísio Azevedo e Júlia Lopes de Almeida: o ethos dos autores pelos enunciadores*. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08102010-122126/pt-br.php>. Acesso em: 22 mai. 2022.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=fHJmAAAAMAAJ>. Acesso em: 26 mai. 2022.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora/os críticos/a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. 2005. 221f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81773>. Acesso em: 18 mai. 2022.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): resenha da pesquisa realizada no acervo da romancista no Rio de Janeiro, I parte*. Porto Alegre: [S. n.], 2007.

SANTOS, Ilka Vanessa Meireles. *Inovações e repetições das representações femininas em A intrusa, de Júlia Lopes de Almeida*. 2020. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10729642](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10729642). Acesso em: 22 mai. 2022.

SANTOS, Jarina Serra. *A representatividade dos livros de leitura de autores maranhenses no jornal O Paiz (1863-1889)*. 2018. 85 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/2819>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SANTOS, Sabrina Duque Villafañe. *O século XIX do português ao espanhol: A viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida, traduzida e comentada*. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23057>. Acesso em: 22 mai. 2022.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Andradina de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDUNISC, 2004. p. 835-859.

SCHMIDT, Rita Terezinha. História de um percurso. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descenramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017c. p. 93-119.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Recortes de uma história: a construção de um saber/fazer. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descenramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a. p. 71-92.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. p. 182-189.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descenramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017b. p. 105-119.

SCHMIDT, Simone Pereira; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. Resenha de MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC (v. 1, 1999, 960p.; v. 2, 2004, 1184 p.). *Graphos*, João Pessoa, v. 7, n. 1-2, p. 219-222, 2005.

SEYERSTED, Per. *Kate Chopin: a critical biography*. 2. ed. Baton Rouge; Londres: Louisiana State University Press, 1980.

SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDUNISC, 2004. v. 2. p. 188-238.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

SHOWALTER, Elaine. Introduction. In: SHOWALTER, Elaine (ed.). *The new feminist criticism: essays on women, literature and theory*. Nova York: Pantheon Books, 1985. p. 3-17.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Brasileiras célebres*. Brasília: Senado Federal, 2007. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/188343>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SILVA, Nahete de Alcantara. *Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País*. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3133480](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3133480). Acesso em: 22 de mai. 2022.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual: história, metodologia, exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPENDER, Dale. *Mothers of the novel: 100 good women writers before Jane Austen*. Londres: Pandora Press, 1986.

SPINA, Segismundo. *Introdução à ecdótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. Uma leitura de *Contos infantis* (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. *Revista de Iniciação Científica da FFC, Marília*, v. 4, n. 2, p. 198-213, 2004. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/93>. Acesso em: 29 jun. 2022.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.

TROMBKA, Ilana. Breve introdução à Coleção Escritoras do Brasil. In: AZEVEDO, Josefina Álvares de. *A mulher moderna: trabalhos de propaganda*. Brasília: Senado Federal, 2018. p. 11.

UFRGS divulga lista de leituras obrigatórias para o Vestibular 2023. *UFRGS*, [online], 3 mai. 2022. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-divulga-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2023>. Acesso em: 23 mai. 2022.

UNICAMP divulga lista de obras obrigatórias para o vestibular 2020. *Guia do Estudante*, [online], 23 mai. 2018. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/unicamp-divulga-lista-de-obras-obrigatorias-para-o-vestibular-2020/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

VAN STEEN, Edla (org.). *O conto da mulher brasileira*. São Paulo: Global, 2007.

VASCONCELLOS, Eliane. Uma arqueologia da autoria feminina no Brasil. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.). *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras; Fundação Casa Rui Barbosa, 2003. p. 54-60.

VICTOR, Nestor. *A crítica de hontem*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1919.

VIEIRA, Adelina A. Lopes; ALMEIDA, Julia Lopes de. *Contos infantis*. Rio de Janeiro; São Paulo; Recife: Laemmert e C.<sup>a</sup>, 1905.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – TESTEMUNHOS COLETADOS

Década de 1885-1889					
Conto	Periódico <sup>58</sup>	Local e data de publicação	Página(s)	Ocasionais comentários	Link de acesso
“Illuminuras - As lagrimas”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 28 fev. 1885.	4	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Gazeta Paranaense</i>	Curitiba (PR), 18 out. 1888.	1	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Provincia do Espirito-Santo</i>	Vitória (ES), 11 nov. 1888.	1	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Goyaz</i>	[Sem cidade] (GO), 17 ago. 1889.	3	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Palavra</i>	Penedo (AL), 6 out. 1894.	3	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Pacotilha</i>	[Sem cidade] (MA), 12 nov. 1894.	2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Palavra</i>	Penedo (AL), 24 out. 1896.	3	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto. Conto republicado no	<a href="#">Clique aqui.</a>

<sup>58</sup> Manteve-se a grafia original do título do periódico.

				mesmo periódico e no mesmo mês dois anos antes.	
“Illuminuras - Os pombos”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 14 mar. 1885.	2	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Pacotilha</i>	[Sem cidade] (MA), 2 mar. 1890.	4	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Gazeta do Norte</i>	Fortaleza (CE), 18 mar. 1890.	2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>O Estado do Espirito Santo</i>	Vitória (ES), 1 jun. 1890.	1	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Correio de Minas</i>	Juiz de Fora (MG), 4 abr. 1897.	1	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Gazeta de Petropolis</i>	Petrópolis (RJ), 6 abr. 1897.	2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“Illuminuras - Mutações”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 21 mar. 1885.	4	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Provincia do Espirito-Santo</i>	Vitória (ES), 30 abr. 1885.	3	Manteve a palavra <i>Illuminuras</i> no título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Lucta</i>	Desterro (SC), 16 jul. 1885.	2	Publicado apenas sob o título de “Illuminuras”, embora o texto seja o mesmo de “Mutações”.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“Illuminuras - Sensitiva”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 11 abr.	6	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>



		1885.			
	<i>Gazeta Paranaense</i>	Curitiba (PR), 15 jan. 1888.	3	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Galeria Illustrada</i>	Curitiba (PR), 30 dez. 1888.	2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“ <i>Illuminura - Uma ruina</i> ”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 20 jun. 1885.	3	Assinado com <i>Campinas, junho de 1885.</i>	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Diario de Noticias</i>	Belém (PA), 19 jul. 1885.	2	Publicado com o subtítulo <i>Illuminura</i> e assinado com <i>Campinas, junho de 1885.</i>	<a href="#">Clique aqui.</a>
“ <i>Illuminuras - Adeus!</i> ”	<i>A Semana</i>	Rio de Janeiro (RJ), 12 set. 1885.	6-7	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Patria Paraense</i>	[Sem cidade] (PA), 1 jul. 1894.	2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto, assim como o ponto de exclamação.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Republica</i>	Curitiba (PR), 8 dez. 1894.	1-2	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Gazeta de Petropolis</i>	Petrópolis (RJ), 3 mai. 1898.	3	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Revista da Semana</i>	[Sem cidade] (RJ), 10 ago. 1902.	259	Retirada a palavra <i>Illuminuras</i> do título do conto.	<a href="#">Clique aqui.</a>

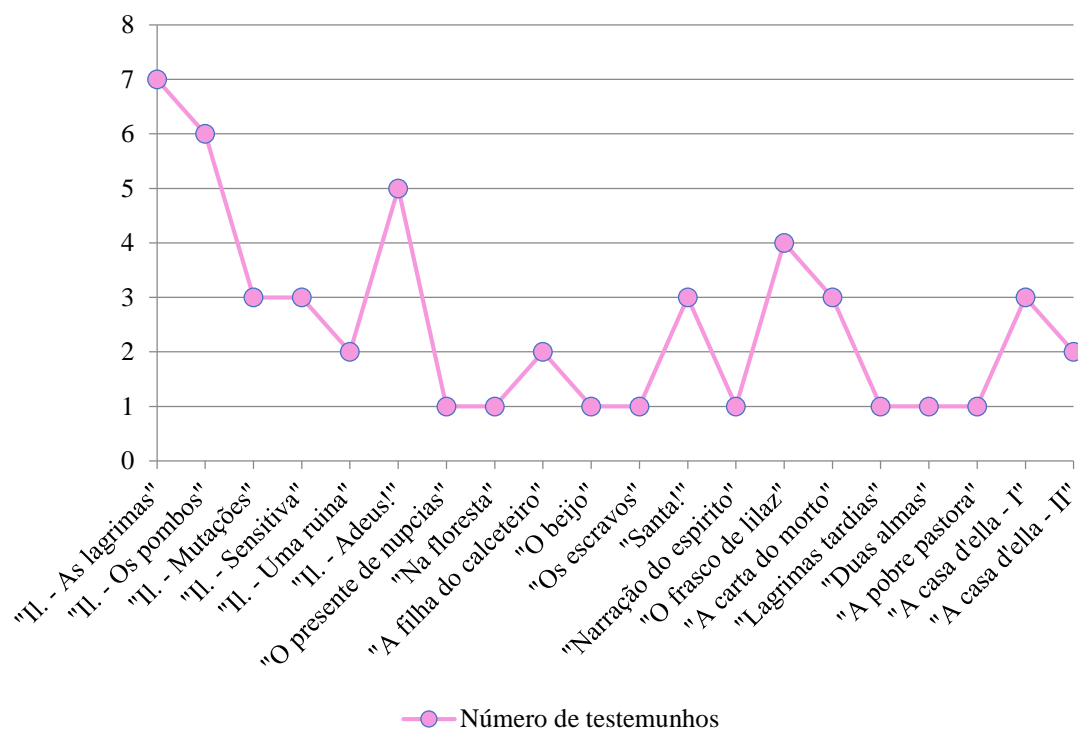


“O presente de nupcias”	<i>Correio da Manhã</i>	Lisboa (PORTUGAL), 5 mar. 1888.	2	Primeiro conto encontrado a não ser considerado uma <i>Illuminura</i> . Primeiro conto encontrado em um periódico estrangeiro.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“Na floresta”	<i>O Paiz</i>	[Sem cidade] (MA), 11 jun. 1889.	2	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“A filha do calceteiro”	<i>A Provincia do Espírito-Santo</i>	Vitória (ES), 9 nov. 1889.	2	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Familia</i>	Rio de Janeiro (RJ), 14 dez. 1889 (pt. 1) e 21 dez. 1889 (pt. 2).	5-6 (pt. 1) e 4-5 (pt. 2)	Conto publicado em duas partes.	<a href="#">Clique aqui</a> (pt. 1); <a href="#">Clique aqui</a> (pt. 2).
“O beijo”	<i>A Familia</i>	Rio de Janeiro (RJ), 31 dez. 1889.	4-5	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
<b>Década de 1890-1899</b>					
<b>Conto</b>	<b>Periódico</b>	<b>Local e data</b>	<b>Página(s)</b>	<b>Ocasionais comentários</b>	<b>Link de acesso</b>
“Os escravos”	<i>A Familia</i>	Rio de Janeiro (RJ), 23 jan. 1890.	3	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“Santa!”	<i>Diario de Pernambuco</i>	[Sem cidade] (PE), 13 ago. 1890.	1-2	Retirado o ponto de exclamação do título.	<a href="#">Clique aqui</a>
	<i>Diario do Maranhão</i>	[Sem cidade] (MA), 20 ago. 1890 (pt. 1) e 23 ago. 1890 (pt. 2).	1	Conto publicado em duas partes.	<a href="#">Clique aqui</a> (pt. 1); <a href="#">Clique aqui</a> (pt. 2).
	<i>Correio da</i>	Lisboa	2	-.	<a href="#">Clique</a>

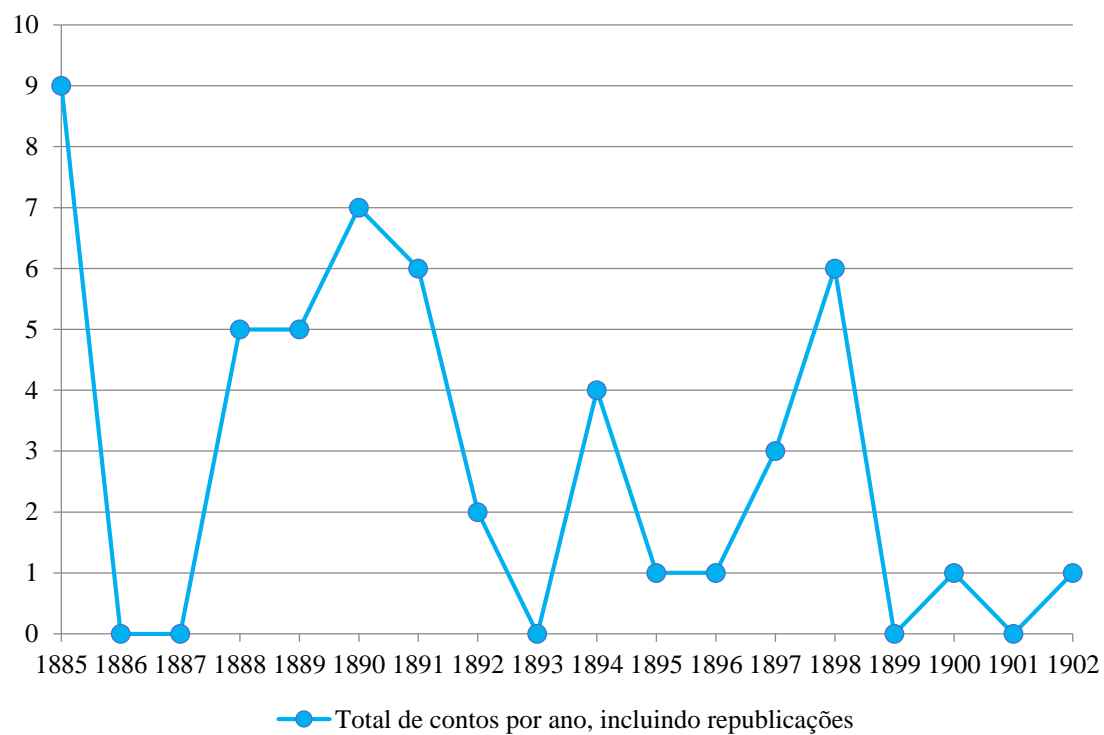
	<i>Manhã</i>	(PORTUGAL), 23 ago. 1890.			<a href="#">aqui.</a>
“Narração do espírito”	<i>Pacotilha</i>	[Sem cidade] (MA), 7 mar. 1891.	3	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“O frasco de lilaz”	<i>Jornal do Recife</i>	Recife (PE), 21 mar. 1891.	2	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>O Estado da Parahyba</i>	[Sem cidade] (PB), 7 abr. 1891.	3	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Republica</i>	Belém (PA), 9 mai. 1891.	1	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>Gazeta de Petropolis</i>	Petrópolis (RJ), 21 jul. 1898.	3	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“A carta do morto”	<i>Gazeta de Noticias</i>	Rio de Janeiro (RJ), 13 set. 1891.	2	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Familia</i>	Rio de Janeiro (RJ), 19 dez. 1891 (pt. 1); 2 jan. 1892 (pt. 2); e 30 jan. 1892 (pt. 3).	4-5 (pt. 1); 5 (pt. 2); e 3 (pt. 3)	Conto publicado em três partes.	<a href="#">Clique aqui</a> (pt. 1); <a href="#">Clique aqui</a> (pt. 2); <a href="#">Clique aqui</a> (pt. 3).
	<i>O Amigo do Povo</i>	Cidade do Turvo (MG), 29 mai. 1892 (pt. 1) e 12 jun. 1892 (pt. 2).	1 (pt. 1) e 2 (pt. 2)	Conto publicado em duas partes.	<a href="#">Clique aqui</a> (pt. 1); <a href="#">Clique aqui</a> (pt. 2).
“Lgrimas tardias”	<i>Gazeta de Noticias</i>	Rio de Janeiro (RJ), 21 mar. 1892.	1	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“Duas almas”	<i>O Paiz</i>	Rio de Janeiro (RJ), 23 out. 1895.	1	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>
“A pobre pastora”	<i>Gazeta de Noticias</i>	Rio de Janeiro (RJ), 2 ago. 1897.	1	-.	<a href="#">Clique aqui.</a>

“A casa d’ella”, divide-se em duas narrativas diferentes: “I - Paginas de uma carteira” e “II - Sympathia d’almas”	<i>Almanak da Gazeta de Noticias para 1898</i>	Rio de Janeiro (RJ), 1898.	227-230	Contém ambos os contos “I - Paginas de uma carteira” e “II - Sympathia d’almas” “Páginas de uma carteira” não deve ser confundido com “Folhas de uma velha carteira”, presente no <i>Livro das donas e donzelas</i> .	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>O Fluminense</i>	Niterói (RJ), 22 mai. 1898, p. 1).	1	Contém ambos os contos, contudo, o segundo é nomeado como “Sympathica d’almas”.	<a href="#">Clique aqui.</a>
	<i>A Republica</i>	Curitiba (PR), 21 jan. 1900, p. 1.	1	Contém apenas “A casa d’ella” e “I - Paginas de uma carteira”.	<a href="#">Clique aqui.</a>
<b>Década de 1900-1902</b>					
De 1900 a 1902, não foram encontrados outros contos, apenas reproduções, que já se encontram acima.					

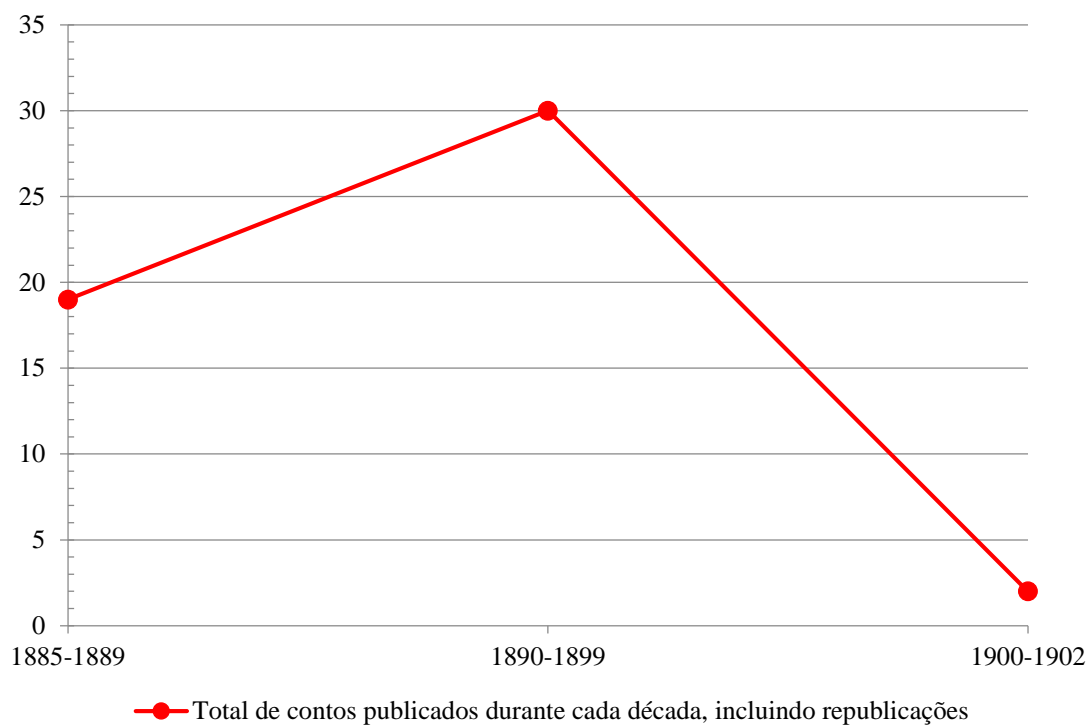
**APÊNDICE B – TOTAL DE TESTEMUNHOS ENCONTRADOS PARA CADA CONTO, INCLUINDO REPUBLICAÇÕES**



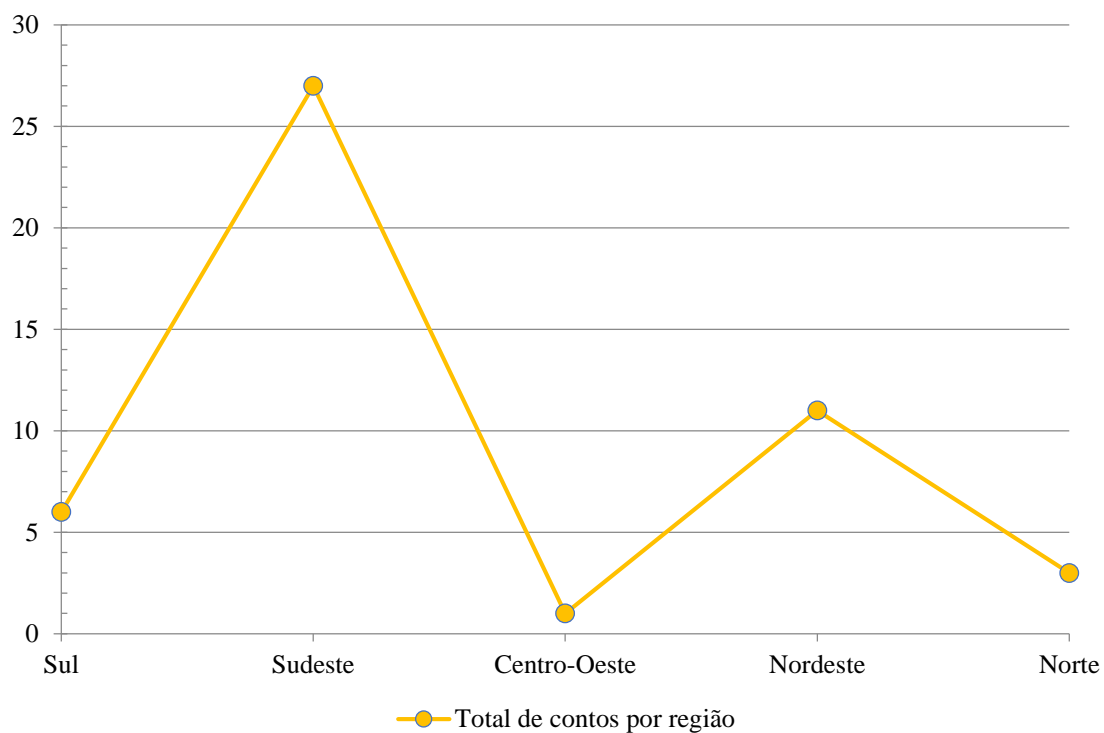
**APÊNDICE C – TOTAL DE CONTOS PUBLICADOS POR ANO, INCLUINDO  
REPUBLICAÇÕES**



**APÊNDICE D – TOTAL DE CONTOS PUBLICADOS DURANTE CADA DÉCADA,  
NO INTERVALO DA PESQUISA, INCLUINDO REPUBLICAÇÕES**



**APÊNDICE E – TOTAL DE CONTOS PUBLICADOS POR REGIÃO DO BRASIL,  
INCLUINDO REPUBLICAÇÕES**



**Notação:** No gráfico acima, contabilizam-se apenas 49 testemunhos, tendo em vista que dois foram publicados em Portugal.

**APÊNDICE F – EDIÇÃO ATUALIZADA DOS CONTOS DE JÚLIA LOPES DE  
ALMEIDA RESTRITOS À IMPRENSA**



**CONTOS ESQUECIDOS**  
**DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

**EDIÇÃO ATUALIZADA**

**RECUPERAÇÃO DOS CONTOS E ATUALIZAÇÃO DO TEXTO**

**POR GUILHERME BARP**

**PORTO ALEGRE**

**2023**

## SUMÁRIO

### CONTOS ESQUECIDOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Introdução .....	2
------------------	---

#### ILUMINURAS

As lágrimas .....	3
Os pombos .....	4
Mutações .....	5
Sensitiva .....	6
Uma ruína .....	7
Adeus! .....	8

#### OUTROS CONTOS

O presente de núpcias .....	9
Na floresta .....	11
A filha do calceteiro .....	12
O beijo .....	16
Os escravos .....	19
Santa! .....	21
Narração do espírito .....	27
O frasco de lilás .....	31
A carta do morto .....	34
Lágrimas tardias .....	39
Duas almas .....	43
A pobre pastora .....	46
A casa dela .....	49

#### SOBRE ESTA EDIÇÃO

Sobre esta edição .....	51
Aparato de variantes .....	53

## INTRODUÇÃO

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma das mais proeminentes escritoras da segunda metade do século XIX e início do XX no Brasil. Autora *best seller* em vida, possui extensa e diversa produção literária, que vai do romance às crônicas de jardinagem. Embora a sua participação tenha sido cogitada durante a primeira formação da Academia Brasileira de Letras em 1897, foi marginalizada da Instituição por ser mulher.

Este livro de contos surge 120 anos após a publicação do seu último livro de narrativas breves voltado ao público geral, *Ânsia eterna* (1903) — tendo em vista que suas obras de ficção curta posteriores, *Era uma vez...* (1917) e *A isca* (1922), são compostas por narrativas infantis e novelas, respectivamente.

Aqui, os leitores encontrarão contos restritos a periódicos brasileiros e portugueses do fim do século XIX, que ficaram ausentes de coletâneas prévias da autora, como *Contos infantis* (1886), *Traços e iluminuras* (1887) e *Ânsia eterna* (1903).

Esta obra é dividida em duas partes: “Iluminuras” e “Outros contos”. A primeira retém uma palavra de escolha própria da autora para designar a modalidade de escritura que estava produzindo no período; trata-se de uma prosa curta com enredo breves, captando momentos e emoções, que muito lembra os *Pequenos poemas em prosa*, de Charles Baudelaire. A segunda, por sua vez, aborda contos de maior extensão, alguns similares com os de *Ânsia eterna*.

Observam-se diversas temáticas nos contos, como amor, envelhecimento, família, memória, natureza, ocorrências insólitas e oníricas, relacionamentos abusivos, escravidão, suicídio, adultério, religião. Quanto ao estilo narrativo, pode-se dizer que Júlia Lopes de Almeida seguiu algo semelhante com *Traços e iluminuras* e *Ânsia eterna*. Destaca-se a presença de personagens femininas.

Ao divulgar essa parte pouco conhecida da produção da autora numa nova edição, espera-se que haja o cumprimento de um papel político, o de contribuir para novas perspectivas da arte produzida por mulheres oitocentistas, largamente marginalizadas das histórias da literatura, e estético, ao garantir o prazer da leitura para os interessados na poética de Júlia Lopes de Almeida.

Boa leitura!

**GUILHERME BARP**

EDITOR

## AS LÁGRIMAS

Pouco antes de morrer tinha ela na mão a pétala côncava de uma rosa branca, em que docemente brilhava uma gota de orvalho.

— Vê, mamã? Treme e não cai!

Que limpidez, que transparência, olhe, repare como reflete, assim o azul, e assim o escarlate...

Desde que venha do céu, a mais pequena cousa espelha o infinito!

Nesse momento levantou os olhos e viu nas faces pálidas da mãe, duas gotas de pranto.

Tornou-se pensativa, e com voz trêmula:

— Não quero essas lágrimas!...

— Mas por que as fitas tanto, meu amor? perguntou-lhe a mãe, sorrindo com esforço, e ela respondeu:

— Porque me vejo nelas.

---

Viriam também do céu?

Vinham do coração.

## OS POMBOS

Perto, arrulhava amorosamente um casal de pombinhos; voavam além, na altura, as andorinhas.

Vendo-as, dizia um noivo à sua noiva:

— Repara, minha vida, que santo poder o do amor! Quem não respeitará este casal sereno, tão confiadamente feliz? Eu por mim, se fosse caçador, passaria junto dele bem devagarinho, para o não perturbar no seu enlevo; e no entanto, atiraria sem pena a qualquer daquelas pobrezinhas que lá estão no espaço crendo-se em liberdade.

— Se eu fosse ave... interrompeu ela. Mas ele, sem a deixar concluir:

— Qual quiseras ser?

— Amando-te, como te amo? Nenhuma.

— Mas... se me não amasses?

— Impossível!

— Mas... se eu te não amasse?

Ela então, estendendo o braço para o céu, respondeu amargamente:

— Daquelas!

## MUTAÇÕES

Ela brincava com o amor como um gatinho brinca com um novelo.

Nas chamazinhas crepitantes de seu espírito faiscava a volubilidade risonha e caprichosa.

A inconstância era a sua íntima; murmurava-lhe segredos, dava-lhe pancadinhas nas faces e longos beijos na boca; também ela amava-a como a mais feliz e alegre companheira!

Mas... chegou um dia em que as mãos tremeram-lhe ao armar no ar o laço atraente e doce.

Apagou-se, caiu então do seu ameno céu essa brilhante estrela — a ilusão; queda que ela viu através de grossas lágrimas!

—

Luzia-lhe na frente o primeiro cabelo branco.

## SENSITIVA

Sonhou que num vaso de fina porcelana cor de pérola, erguido entre duas conchas delicadas, nascera uma flor, a que ninguém sabia dar o nome; flor que, se tinha umas pétalas brilhantes como o fogo, tinha outras da baça tristeza do marfim, ardente e suave, flor da Índia e da Europa, de sob a serra e da beira-mar.

Nenhum botânico lhe distinguira a espécie antes de ele chegar.

Logo que a viu, disse: — chama-se Amor, e o vaso em que vive, se o conheço! é o coração de Alice!

Riram-se. Uma mulher bonita que ali estava quis cortar a haste, mas as conchas fecharam-se e a flor retraiu-se, sendo certo, porém, que lá ficou.

— É assim, é; disse ele ao acordar; se eu consentisse em que alguém tocasse no amor que ela me tem, a pobrezinha choraria, mas havia de esconder de mim seu coração.

## UMA RUÍNA

Vi, quando era ainda pequena, numa hedionda caveira, entre as pedregosas paredes de uma velha gruta, um ninho de passarinho.

Fez-me impressão aquilo.

Hoje veio-me à memória esse encontro, ao saber que o amor foi aninhar-se sem medo no teu gasto e arruinado coração.



## ADEUS!

Encontraram-se no umbral e pararam a olharem-se. A que saía trazia a loira trança enleada com a simbólica flor da laranjeira, e vaporosa túnica e pés descalços, pequeninos, róseos... a que entrava vinha orvalhada de lágrimas, arrastava um longo manto pesado como a tristeza e alvo como o arminho.

— Por que entras? perguntou a primeira.

— Porque partes, respondeu-lhe a outra. E cruzaram-se. A Esperança, levantando o voo, partiu, e a Saudade com os olhos rasos d'água pôs-se a acenar-lhe para que voltasse, mas a radiante fugitiva desapareceu entre nuvens. Então a outra, a triste, foi-se embrenhando a pouco e pouco para o fundo dessa misteriosa morada, o coração...

## O PRESENTE DE NÚPCIAS

À JOANNA ANDRESEN

Discutia-se a prenda de núpcias. O pai da noiva conferenciava com a família, voltando para as filhas o rosto magro, cuidadosamente barbeado.

— Sim! dizia ele num tom reservado, vocês sabem melhor do que eu o que *ela* aprecia mais... lembrem-me alguma cousa...

— Um adereço... aventurava uma.

— Não! antes um aparelho de chá... acudia a outra.

— Nada! isso já ela tem!

— Eu preferia umas jarras chinesas, como as que vimos em casa da Guedes.

— Ora! jarras chinesas!

— Pois eu cá, acho melhor dois espelhos grandes, para a saleta...

— Outra tolice!

— Neste caso por que não lhe dá o Papá uma... uma...

.....  
— Uma quê?

— Uma... eu já nem sei o que hei de lembrar, a mana tem tudo!

— Então que lhe hei de oferecer?

— Um piano, respondeu com a sua voz acontraltada e serena, a mãe da noiva.

Na verdade nada lhe poderia ser tão agradável; ela cantava, tocava, e no seu ninho elegante, armado numa colina sobranceira ao Douro, não havia ainda, cousa inacreditável, um piano!

Resolvida a questão, falaram por sua vez as irmãs nas suas lembranças: esta bordara um tapete; aquela fizera uma aguarela; a outra colecionara algas e borboletas na última estação do verão.

No calor da conversa esqueceram o pequenito, o delicioso Néné, que parando de brincar a um canto, com uns boizinhos de pau exportados de uma fábrica alemã, veio-se aproximando, e, com os olhos úmidos e a fazer beicinho, disse:

— Eu também quero dar um mimo à mana...

— Também? pois toma cinco tostões, filho, e compra-lhe o livro para o rol da roupa...

— Sim, sim! exclamou jubiloso o pequenito, abraçando o pai; e dou-lhe também os meus dois tostõezinhos... o meu mealheiro e tudo!

E quando Néné saiu aos saltinhos da sala, concordaram todos que era ele quem melhor presente oferecia à noiva — porque enfim... dava tudo o que tinha!

## NA FLORESTA

À beira da lagoa silenciosa, a cegonha, descansada num pé, olha sonolenta para o reflexo das folhas verde-claras e para as longas colunas do arvoredado espalhadas na água.

Por entre as pedras limosas passeiam os répteis, levantando ao menor ruído as cabecinhas chatas...

Nas carcomidas folhas de uma planta aquática tece uma aranha o fio...

O sol penetra a custo pela ramaria...

Em um galho torcido de figueira brava beijam-se amorosos dois colibris, e uma cobra, traiçoeiramente oculta nos espinhais, espreita-os com avidez...

Que confiança a do amor!

## A FILHA DO CALCETEIRO

Era meio dia; o sol batia nas pedras que pareciam cobertas de pó de diamantes, numa brancura luminosa. De um lado e do outro da rua, casas com jardins gradeados, onde as plantas amoleciam de calor, dobrando as hastes e encarquilhando as folhas; no centro, os calceteiros, com os corpos dobrados, os rostos cor de vinagre, malhados de suores, sujos de terra, batiam com os maços nos paralelepípedos.

A rua era de arrabalde, e pouca gente passava; um ou outro *bond* cortava de vez em quando a monotonia e o silêncio com o seu rumor de campainhas e das rodas nos trilhos. Através de umas venezianas ouvia-se o som abafado de um piano.

Os calceteiros praguejavam contra aquele sol desapiedado, contra aquela música desconhecida e contra o seu ofício brutal. De vez em quando paravam, cuspiam nas mãos, limpavam com os dedos muito grossos o suor da testa, descansando depois por momentos os braços no comprido cabo dos maços.

Tinha acabado de passar um *bond*, quando o portão de ferro de um jardim se abriu e duas pessoas saíram para a rua: uma senhora de cabelos brancos, empertigada entre as sedas e as rendas de um vestido preto, e uma menina rescendente de mocidade e de frescura, fazendo tilintar os berloques das pulseiras sobre as luvas altas, no movimento rápido com que agitava o leque.

Os calceteiros continuaram na sua lida; só o mais velho deles ficou imóvel, olhando para as duas senhoras, que andavam com impaciência de um lado para outro.

Logo que elas apareceram ele tirou o chapéu, levantou a cabeça enérgica, coberta por uma farta cabeleira grisalha e crespa, fitou na moça os seus olhos escuros, raiados de sangue; deixou pender o beijo grosso e queimado, mostrando os dentes inferiores, fortes, escuros e descarnados, numa expressão admirativa, de pasmo.

Pela camisa aberta, via-se lhe arfar o peito cabeludo; o suor rolando-lhe pelas faces roxeadas, em grandes bagas, entranhava-se-lhe na barba cerrada, coberta de pó cinzento; como que se lhe via girar impetuosamente o sangue nos braços trigueiros e musculosos, onde as veias punham grossos cordões salientes e escuros.

— Deus queira que o carro tarde! pensava ele com os olhos sempre fixos na moça. Sem perceber aquele olhar assíduo, ela ajeitava a sua saia cor de creme, salpicada de rosas miudinhas.

— Como está crescida... como está formosa! continuava ele em mente, lembrando-se de uma madrugada de inverno, em que a trouxera pequenina, envolta nuns panos russos, adormecida, e tranquila tanto quanto deve estar tranquila quem sabe estar nos braços de seu pai...

Todavia, ele tivera coragem para a deixar sozinha, num canteiro gramado daquele mesmo jardim, onde qualquer gato poderia cegá-la ou qualquer cão poderia mordê-la! Bruto! Bruto!

Tinha agora desejo de lhe pedir perdão, de se ajoelhar diante dela, e de lhe dizer:

“— Eu enjeitei-te! e tu eras a minha única filha! tirei-te de ao pé de tua mãe, que te tinha amamentado até aos três meses... Ó! durante esse tempo eu fui um homem feliz! depois eu tive provas de que a minha mulher me enganava... e bati-lhe e tirei-lhe a filha, e fiz-me o pior dos diabos, jogador, bêbado e ladrão. Onde está tua mãe? ignoro; foi para o hospital, depois andou por essas ruas, até que a perdi de vista... uma desgraçada! Dizem que teve um filho... não sei; como não é meu, que me importa?

Olha, a ti, é que eu nunca perdi de vista! De vez em quando vinha ver-te, sem que nem tu o suspeitasses! acompanhei o teu crescimento; vinha para ali, para a venda da esquina, e punha os olhos em ti!

Às vezes trazia os bolsos cheios de confeitos; mas, quando via à porta com as outras crianças, ficava com vergonha de me aproximar de ti, achava tudo que te tinha destinado ordinário e indigno, e voltava para trás, despejava as algibeiras nas mãos da primeira criança pobre que encontrava, dizendo-lhe sempre: ‘— toma, minha filha!’ Eu dizia a todas as pequenitas com quem falava, estas palavras: ‘— minha filha!’ pensando em ti, está claro... para iludir-me... pobre de mim! Uma vez vi-te ao colo da ama, foi a primeira! Ela andava a passear pela calçada, e o vendeiro, notando que eu tinha os olhos em ti, disse-me:

‘— Veja você o que são felicidades! aquela pequena é enjeitada: atiraram-na sem dó nem caridade para aquele jardim, vestida de trapos, com um papel ao pescoço, em que ia escrito o seu nome... e agora tem todos os regalos, luxo e carinho!’

Como eu fingisse duvidar, ele chamou a ama e fê-la repetir toda a história tão minha conhecida.

Eu tremi, e jubiloso por te ver de perto, pedi-te os braços e quis dar-te um beijo; mas tu agarraste-te ao pescoço da ama e desataste a chorar... Que punhais que foram aqueles teus gritos para o meu coração! Ó! filha, pelo que eu tenho sofrido, perdoa-me! e consente que eu te dê um beijo, ao menos um, e que eu diga, ao beijar-te, que te amo e que neste mundo só quero uma cousa: a tua felicidade!”

Ouviam-se já distintamente as campainhas de um *bond*.

— Maldito carro, que já aí vem! maldito! ah! que se eu pudesse dizer tudo à minha filha! agora mesmo, neste momento! Era tão fácil eu chegar ali e contar-lhe tudo... Como olharia ela depois para mim?

Havia de exigir que eu lhe mostrasse a mãe... e coraria de horror de mim quando soubesse que eu bati, que eu expulsei, e que nunca mais quis saber daquela que lhe deu o ser! Se eu tivesse perdoado! E pensaria ela na filha?

Diziam que sim... e que até esteve doida uns tempos no hospital... agora que eu vejo a minha filha moça, é que isso me faz pena... pobre mulher!

A luz do sol dardejava nas pedras, crivando-as de pequeninas pontas muito brilhantes. Os maços caíam sobre os paralelepípedos numas pancadas regulares, vibradas pelos calceteiros que respiravam alto, no esforço de levantar os braços para desferir as pancadas; na casa das venezianas o piano continuava a fazer-se ouvir numas melodias repetidas, de estudo paciente, e, entretanto, a campainha do *bond* tilintava já perto.

O calceteiro olhava embevecido para a filha, quando um companheiro disse muito enfadado pelo longo descanso do outro:

— Que diabo! você, se não pode trabalhar, não venha cá! Empurra todo o serviço pra gente e fica muito descansado! É boa!

— Cale-se, homem, que eu já trabalho... espere um pouco...

Aquela advertência ao pé da filha humilhou-o; contudo, não mudou de posição; com os olhos sempre nela viu-a caminhar para o *bond*, sentiu o aroma do seu vestido cor de creme, leve, salpicado de rosas e guarnecido de rendas; do seu chapéu de palha, que mal lhe encobria os cabelos castanhos encaracolados na nuca.

De passagem, os olhos claros dela pousaram nele; mas demoraram-se tão pouco, que mal lhe deram tempo de saborear o gozo!

— Ela viu-me! ela olhou para mim! Como é formosa!

O *bond* partiu. Por algum tempo o calceteiro distinguiu entre as cabeças dos outros passageiros, a cabeça da filha; depois, o *bond* enveredou por outra rua e tudo se acabou.

Abaixando para o chão a vista, deparou perto dos trilhos com um lencinho branco e fino; apanhou-o depressa, leu num canto o nome da filha e num contentamento inexplicável beijou-o, beijou-o muitas vezes.

Os companheiros rebentaram numa gargalhada e um deles exclamou:

— Que é lá isso? estás apaixonado pela pequena?! olha que aquela não é para os teus beijos e... mesmo que fosse, não é lá mulher de fazer um homem feliz? T'arrenego!

— Calem-se! não zombem do que eu estou sentindo! Aquela menina é um anjo, e... e é minha filha!

E, como se os outros tornassem a rir, desconfiados e maldosos, ele emendou:

— Quero dizer: aquela menina é o retrato de uma filha que eu tive e... que morreu.

Desta vez os companheiros emudeceram e o calceteiro pôde enxugar ao lenço da filha as lágrimas que principiavam de umedecer-lhe os olhos.



## O BELJO

Dizia em moço o Sr. Souza que, mesmo entre os casados, a discussão é útil. Pensamentos diversos manifestados claramente, chocando-se em palavras nítidas, fazem muitas vezes exaltar a verdade, como da pederneira e do aço surge o lume.

Partindo deste princípio instalou ele em casa para o resto de sua vida um parlamento em que havia sessão contínua, mas em que os únicos parlamentares eram ele e a mulher. Quando um fazia qualquer proposta o outro batia-a incontinente, mas, ai dele! nunca desses, às vezes tremendos, choques de contradições surgiam a branca e pura luz da verdade!

A controvérsia entre os dous tomara uns ares de enfermidade, era uma mania! Chegou a cousa a tal ponto que um afilhado que morava em casa apostou com a neta do casal — que nunca mais eles concordariam em cousa alguma.

— Ora, deixa-te disso, replicou-lhe ela, hão de concordar...

— Eles?! qual! Afirmo... — aposto que não! e em que pensas se possa dar esse milagre?

— Verás. Vamos para a sala, acender o gás, que tenho o que fazer.

Entraram. Os velhos estavam já ruscando, como sempre; dizia ela nesse momento:

— Que frio! Ó, Maria, fecha esta janela!

— Frio?! queres dizer calor. Deus nos livre! deixas-nos num forno! não feches a janela, Maria.

— Pois, homem, se eu estou a tremer!

— Pois, senhora, se eu estou a suar? abafó! uff!

— Então aqui tens um leque, abana-te; mas deixa fechar a janela, que me constipo.

— Olha, há remédio para tudo; enrola-te bem num xale, ou vai deitar-te; cobre-te com quantos cobertores houver em casa, calça meias de lã, veste roupa de flanela, e põe uma touca de *tricot*, contanto que me deixes sossegado e a meu gosto, tomando fresco.

— Não quero leques, não me servem de nada e fico ainda por cima com os braços moídos de abanar! E eu não estou disposta a ir para a cama às oito horas, e não vou!

— É porque o frio não é tanto como dizias... Ó! santa paciência, que te esgotas! Maria, fecha a janela!

— Não feche. Ó, senhora que teima.

— Quem fala, teimoso és tu...

— Eu? ora, essa não é má. Então por que é que não deixas a janela aberta?

— Porque estou com frio.

— É impossível, está um calor de rachar. Rapariga, continuou ele, voltando-se para a criada, não feches a janela e vai-te embora.

Interveio uma terceira pessoa, a neta. A sua voz argentina, fresca, nova, surgiu naquele caos de vontades como estiada bonançosa, após formidável tempestade.

— Escuta, meu avô: há remédio para tudo, como muito bem disse há pouco, deixe a Maria fechar a janela, que pode fazer mal à minha avó, e o senhor venha comigo sentar-se ali perto daquela outra que está aberta; assim ficam ambos a seu gosto e eu por isso, muito contente.

— Falas-te como Salomão, minha pequena, disse a velhinha, que era fértil nas invocações à Bíblia, depois, ordenou à criada, já cansada de levantar e abaixar os braços conforme as ordens ora dum ora doutro, que baixasse a vidraça.

Estabeleceu-se a paz, a doce amiga do lar. O velho, sentado perto da sacada, balançava-se numa cadeira austríaca, respirando a fresquidão da noite, mergulhado naquele bem-estar que sente a gente, quando repousa com tranquilidade das fadigas de um trabalhoso dia.

A avozinha fazia meias, parando de vez em quando para limpar os óculos, e a linda flor daquele modesto canteiro, a neta, dava os últimos pontos na talagarça em que bordava umas chinelas.

Da cestinha colocada a seu lado transbordavam as lãs e os torçais de cores vivas e alegres, derramando sobre a toalha onde batia de chapa a luz do candeeiro. Cousa singular, restabeleceu-se o silêncio por uma boa hora, mas era impossível continuar assim. Serviram o chá.

— Que chá fraco, disse D. Marcolina.

— Ó, filha, pois ainda o querias mais forte? e dizes que estás nervosa?!

— Nervosa? eu? faltava-me mais essa!

— E não estarás, por ventura? então essa rabugice, que é?

— Ora, que tolice, nervosa... nervosa... eu já nem nervos tenho.

— Bom... não falemos mais nisso, que podes ter um chilique...

— É o meu costume, pois não?

— É sim! e vai bebendo o chá que está bem bom, as torradas é que estão com fumaça.

— Aí está o que eu não posso ouvir. É uma injustiça, depois as criadas não fazem mais caso de nada, quer sirvam bem quer sirvam mal, merecem censura.

— Pois, por acaso gostarás destas torradas? Que dizes, meu Salomão, perguntou ele, voltando-se para a neta.

— Que as não aproveitei, mas que desconfio que, por uma simples casualidade, meu avô tirou uma que foi deixada mais tempo na grelha; experimente outra... esta, por exemplo, que me parece excelente.

E ele experimentou outra, e após ela mais algumas. Esse contínuo “dize tu, direi eu” cansara-os a ambos.

Uma vaga tristeza apoderava-se do coração da pobre senhora, que às vezes virava o rosto para o lado, para que o seu velho companheiro não lhe visse o brilho dos olhos umedecidos, assim fez nesse instante.

A neta observava-a, e comovida levantou-se para despedir-se, tomou a bênção aos velhos, e colocando-se entre ambos ofereceu a cada um deles uma das faces; no momento porém em que sentiu próximo os desbotados lábios dos avós, afastou-se subitamente, deixando que se unissem as suas bocas.

Os dous beijos reunidos em um só, carinhoso e meigo, selaram a antiga paz daqueles corações.

Por isso os velhos, compreendendo a graciosa tática da neta, disseram ao mesmo tempo, ao vê-la afastar-se: — É um anjo!

Então, ela, que encontrara entre portas o afilhado, disse-lhe alegremente:

— Ganhei a aposta! estão ambos da mesma opinião...

## OS ESCRAVOS

Seguimos por uma grande rua de bambus cerrados como enormes paredes de verdura e fomos ter à horta. No chão estendia-se uma renda de sombras das folhas das parreiras e das latadas de maracaju. As ramas vaporosas dos espargos ondulavam brandamente.

Os grandes repolhos de um verde azulado erguiam as cabeças redondas e duas dentre as largas folhas arroxeadas das beterrabas; pendiam carregadas as hastes dos guandos. Da horta passamos ao jardim, atravessando pelas ruas de jasmims do Cabo e pelos canteiros gramados, onde se destacavam alegremente as grandes rosas vermelhas e os *bouquets* azuis das hortênsias.

Entramos de novo em casa, e uma hora depois sentávamo-nos à mesa do jantar. Quando nos levantamos era quase noite. Os negros dançavam lá fora, acompanhados pelas pancadas surdas do batuque.

No terraço, ao fundo, estava já posta uma grande ceia. Cessou então a dança e começaram os brindes. Os arrojados romperam nos mais bestialógicos discursos que imaginar-se possam.

Os menos afoitos e mais delicados partiam à faca, espetando com o garfo, o pão no prato. Outros, mais filósofos, comiam vorazmente, sem se perturbarem com aquele cenário tão extraordinário para eles, e ainda outros, depois de terem saboreado doces d'ovos, de leite ou de batatas em cálices, aceitavam umas empadas de galinha ou um bocado de leitão. Alguns recitavam versos, e faziam saúdes cantadas; raros eram os que se deixavam em silêncio. Mas onde estava a Rosalia, que por ninguém foi vista?

Acabou-se a ceia, e saíram todos sem pensar na velha! Voltaram para a dança ao ar livre, iluminados pelas labaredas avermelhadas das fogueiras, onde as crianças assavam canas e carás. Os parentes e convidados da casa jogavam e dançavam nas salas. Eu preferi debruçar-me na grade de madeira da varanda fora, apesar do frio, a ver dançar os negros.

Eles, possessos, cantando numa toada, melancólica, executando as mais extravagantes posições, desenhavam-se como sombras fantásticas no clarão avermelhado das luzes. As mucamas requebravam-se, inclinando sobre o ombro a cabeça bem penteada de carapinha fofa, enfeitada de borboletas e estrelas de aço, e levantando de vez em quando os braços arqueadamente. Depois saíram os pajens, dançando com uns passos miudinhos, de calcanhares quase unidos, recuando, avançando e torcendo, para acabar, o corpo numa volta rápida; os outros paravam fazendo circo e rompiam depois em saltos e cabriolas.

E são homens! Santo Deus! pensava eu, contemplando esses vultos negros, nervosos, que se cruzavam nas mais absurdas reviravoltas, com uma alegria brutal.

## SANTA!

### CONTO ANTIGO

— Vamos! o público está impaciente, arranja-te depressa! Que moleirona! avia-te!

— Pronta!

Poucos instantes depois Wanda entrava no circo, com o seu *maillot* cor de carne e saiote de mau cetim branco já amarelado pelo uso, fitas nos ombros em grandes laçarotes, e um ramo de flores no cabelo escuro; fazia ao povo a sua cortesia amaneirada, com o chicotinho na mão direita e os braços erguidos arredondadamente; e saltava para o cavalo, sorrindo como quem tem a alma dourada pela luz da alegria!

O público assistia quase enfasiado àquele exercício. Os arcos e as barreiras só conseguem agradar quando são saltados por uma mulher bonita, e a pobre Wanda perdera toda a frescura da mocidade; os olhos tinham um fulgor morno, o corpo parecia fatigado, pouco ágil, quase contrafeito. Wanda saía da arena como tinha entrado, sem aplausos, e lá dentro o diretor da companhia fulminava-a com um olhar terrível, um olhar de desprezo que a regelava toda!

— Estúpida! dizia-lhe o marido, beliscando-lhe os braços; todas recebem palmas, só tu não!

Wanda baixava a cabeça, e o marido, o melhor trampolineiro da companhia, ia dizendo:

— Se te queres fazer de fina, o melhor é cada um tratar da sua vida!...

— Agora é tarde... murmurava ela como um queixume.

E iam vivendo assim.

Wanda tinha a sua história e o seu nome de família, que ela encobria com respeito. Aos dezoito anos vivia ela descuidosamente em companhia dos pais, dois burgueses bondosos, quando se apaixonou por um estudante russo; ela habitava a Polônia; esse estudante, supondo-a rica, rodeou-a de atenções, que a seduziram. Conduzia-lhe o trenó por sobre a neve, presenteava a família com as melhores peliças que podia obter, seguia-a nos jardins, nas ruas, nos templos, e caía em êxtase ante os seus olhos azuis, olhos de menina ingênua, cheios de doçura, numa transparência luminosíssima!

Aquele idílio perfumava os dias de Wanda. Na sua credulidade infantil, julgava o estudante o mais sincero dos homens. Amou-o. Um dia, à hora em que os pais tomavam juntos o seu querido chá, Wanda jurava ao moço amá-lo a vida inteira.

Passou depressa o tempo da troca de flores e cartas às ocultas. Wanda preferira contar tudo aos pais e resolver logo a situação... houve relutância... os velhos queriam guardar a filha sempre a seu lado... mas venceu o amor, e Wanda, no primeiro dia de primavera, desposou o bem amado do seu coração. Afinal, os pais sorriam de a ver tão feliz, tão expansiva, tão contente, no seu vestido de escomilha azul, pálido como o céu da primavera que se estendia sobre as suas cabeças. Wanda era amada por todos.

Os pobres e os criados fizeram-lhe alas e cobriram-na de rosas desfolhadas; as crianças foram cantar hinos de benção à sua porta; e choviam-lhe em casa presentes humildes, mas embelezados pela vontade e intenção com que eram oferecidos. O sonho de Wanda era ver sempre o marido digno da família para que entrara, e por isso mesmo muito amado dos pais... mas... o sonho de Wanda desfez-se como um pouco de neve ao sol!

Ao cabo de alguns meses, o marido denunciava à polícia um velho amigo, acusando-o de niilista. Na véspera Wanda dissera-lhe:

- Tu não denunciarás teu amigo Rodolpho!
- E por que não?
- Porque é teu amigo, e porque a denúncia é uma covardia.
- Teu pai já não te dá dinheiro... eu nada tenho, e a polícia paga bem!
- Trabalharemos.
- Em quê?
- Qualquer cousa.
- Tu não tens educação de trabalho.
- Mas tenho vontade.
- Não basta.
- Rogo-te! não denuncies o infeliz Rodolpho, bem sabes que o...
- Que o...?
- Que o matarão...
- Pois que tivesse juízo.
- E tu não foste niilista, tu também?!
- Mas já não sou, e escusas de teimar; a minha resolução está tomada!
- És cruel... ele tem família!
- Sou assim.

Wanda ficou pálida e imóvel, vendo, pela primeira vez, a fundo, o carácter do esposo. Dias depois Rodolpho era executado em S. Petersburgo, e Wanda caía chorosa no templo,

pedindo perdão para a alma do marido e a eterna paz dos bem-aventurados para a alma de Rodolpho.

Interrompendo os estudos, o marido de Wanda fez-se jogador e chegou a um relaxamento incrível; a desgraçada esposa abria sobre ele a asa da proteção, procurando encobrir-lhe os defeitos, para que os seus velhos pais não chorassem de a ver desgraçada; à custa de mil sacrifícios conseguiu conservá-los na doce ilusão da sua felicidade!

Um dia, porém, uma horrível ameaça caiu sobre o marido; um irmão de Rodolpho procurava matá-lo, ao mesmo tempo que a polícia sabia, por denúncia, que ele havia roubado uma grande quantia a um tio negociante.

Era preciso fugir, fugir para bem longe! Wanda foi levar todas as suas jóias ao negociante roubado, e suplicar-lhe de mãos postas que guardasse em segredo o nome do marido, sobretudo aos pais... Que os pais dela não soubessem nunca da tamanha miséria!

Com o pretexto de fazer fortuna num país estrangeiro, Wanda partiu com o marido. Escrevia sempre aos pais tranquilizadamente. Os negócios iam bem... voltariam à casa paterna... eles que estivessem certos do seu bem-estar. Estes enganos piedosos ia-os Wanda escrevendo com lágrimas, e o rubor da mentira a tingir-lhe as faces!

De terra em terra, fugindo da expiação de erros consecutivos, o marido de Wanda ia arrastando a sua vítima, cujos conselhos desprezava sempre. Ela queria salvá-lo, ele procurava perdê-la. Wanda não cansava na luta.

A sua vida estava jogada, havia de ser infeliz até ao fim! Seu empenho era fingir-se feliz aos olhos dos pais; o seu dever era não desligar-se do homem a quem jurara fidelidade eterna! Nunca lhe passou pelo sentido que era desonesto viver com um homem daqueles. Religiosa, ela aceitava todas as humilhações, procurando, nessa insensata esperança, ver ainda um dia o esposo reabilitado e feliz...

De queda em queda, chegaram até ao circo.

Ele, trampolheiro! ela, escudeira! O seu pudor revoltou-se; mas o marido aí estava, e a pobre Wanda entendia que o indecoroso seria não estar perto dele! Sem temor da morte, aprendeu depressa o exercício da equitação; deixou-se levar pela vontade do marido. Ele ralhava, ela caía do animal; tinha nódoas roxas no corpo, mas ele incitava-a sempre a levantar e prosseguir. Wanda chegou a ser uma *écuyère* de segunda ordem; faltava-lhe a leveza de quem é criado desde pequeno nos trambolhões de ginástica; mas, enfim, conseguia fazer-se escriturada pelas companhias da província.

O tempo e o sofrimento silencioso, amargamente contido, foram envelhecendo a infeliz Wanda.



O marido, galhofeiro para todos, tendo finalmente encontrado o seu meio, tratava-a com aspereza, percebendo nela toda a repugnância da profissão que lhe impunha! Wanda, sempre calada, obedecia.

Quis o destino que, após longas *tournées* por todo o mundo, fossem, numa desgraçadíssima companhia, parar à sua terra.

Wanda chorou comovida, vendo de longe a casaria branca da sua vila cercada de castanheiros alegremente floridos! Ninho de pombas! ninho de alegrias ingênuas, aquele recanto onde, descuidosa, virgem e serena, ela passara os melhores dias da vida! como o abençoava e com que susto o alvoroço penetrava nele, agora que se sentia rebaixada a uma condição desprezível! A diligência caminhava erguendo nuvens de pó... atravessavam por diversos lugares conhecidos... de repente Wanda debruçou-se pela portinhola. Passava em frente à casa paterna.

Milagres de honestidade! tudo parecia novo como outrora, risonho na sua branca pureza, alegre na sua pobre simplicidade!

Junto à janela aberta da sala de jantar, um velho lia um jornal. Era o pai. A diligência parara à porta de uma casa fronteira, para entregar as malas do correio. Wanda, trêmula, vibrante de ansiedade, num sentimento misto de alegria e tristeza, fixava o rosto bem escanhado do velho, rosto bem cuidado, sereno, iluminado por um olhar limpo, de consciência feliz.

Do edifício do correio, habitação baixa, com dois bancos de madeira à porta, veio um empregado faltar ao postilhão. O pai de Wanda levantara a cabeça, e, tirando o gorro de seda preta, acenava rindo para um passageiro da diligência; entretanto o chicote vibrou num grande estalido, e, com o impulso do primeiro movimento do pesadíssimo ônibus, os passageiros entrechocaram-se rindo. Wanda, torcendo-se no banco, enfiou a cabeça pela janelinha, e, enquanto não perdeu de vista as paredes brancas da casa paterna, não cessou de olhar...

Nessa mesma tarde perguntou ela à hospedeira informações acerca da família; a boa aldeã, sem suspeitar que falava a uma filha dos burgueses mais estimados da vila, disse-lhe tudo.

Os velhos haviam recebido, havia anos, um golpe... o genro escrevera-lhes, participando a morte da esposa, sua única filha...

Wanda estremeceu; fez com que a aldeã repetisse dez vezes a narração.

A descuidada mulher ia aumentando:

— A princípio, os pobres velhos não faziam senão chorar... depois, com o tempo, foram acalmando; adotaram uma sobrinha pobre, moça de muito juízo, que vive com eles

numa adoração de filha! Ainda outro dia me disse a velhota: “— só não é feliz quem não quer ser!” E realmente eles mostram ter saúde e alegria....

Wanda pediu ao marido a explicação da verdade; ele confirmou o dito da aldeã.

— E as cartas que eu escrevia a meus pais?!

— Queimei-as no circo... à tua vista e à do espectador... naquela cena da leitura do sabichão...

— Meu Deus!

— Queres porventura apresentar-te a teus pais?!

— Não... murmurou Wanda quase desfalecida; é melhor que eles ignorem a minha desgraça...

À noite houve a primeira função. O circo encheu-se. Wanda pintou-se mais, pôs sobre o cabelo escuro uma cabeleira ruiva, e disfarçada assim entrou por sua vez na arena com o *maillot* cor de carne e o saiote de cetim branco. Num olhar abrangeu todo o circo.

Na primeira fila de cadeiras, descobriu depressa a família; a mãe, gorda, baixota, com os óculos acavalados no nariz e os lábios entreabertos num sorriso; o pai com a sua doce expressão de bonhomia; e, entre a touca de rendas da mãe e o chapéu preto do pai, brilhava radiante de frescura um rosto de mulher, ora curvado para um, ora inclinado para outra, na mais íntima das solitudes.

Wanda não teve ciúmes dessa bela rapariga loura, que tão bem preenchia o seu lugar; ao contrário, teve vontade de beijá-la muito, num longo agradecimento! A música ressoava, ela ouvia gritos confusos; nunca o *maillot* e aquela impudica exposição do seu corpo lhe custaram tanto a suportar! Sentia uma vergonha horrível! a família multiplicava-se, via o pai e via a mãe em todas as cadeiras, esbarrava de contínuo com a vista na mesma touca de rendas, no mesmo par de óculos, no mesmo sorriso de alma satisfeita.

Wanda pulava os arcos, saltava as barreiras, caía do animal, tornava a erguer-se, e, ofegante, doente, alucinada, calculando mal as distâncias, deixando de contar o passo, foi desagradável ao público e saiu do picadeiro no meio de um silêncio gélido!

Lá dentro o marido empurrou-a e chamou-a de — lorpa! Ela parecia insensível; e, como nesse momento concebesse uma ideia risonha, chegou mesmo a sorrir.

Os pais viviam, estavam satisfeitos, gordos, cercados de carinhos...: no mesmo lar tranquilo, resignados com a perda da sua única filha, rezando por ela numa lembrança resignada... Doía-lhe aquela resignação, aquele doce esquecimento... Ser chorado eternamente parecia-lhe então a maior das felicidades! Entretanto, a sua razão, ou antes a sua extrema bondade repetia-lhe no íntimo: — é melhor assim!

Na segunda parte do espetáculo Wanda entrava de novo, era suspensa por um acrobata, que, debruçado do mais alto trapézio, segurava-a com os dentes pela cinta.

Wanda apareceu risonha. Os pais conversavam rindo; ela beijou-os com um olhar, num transbordamento de ternura, sentindo junto à carne quente do peito a frialdade do aço de uma navalha. Tencionava matar-se lá em cima, quando o acrobata a fizesse girar, vertiginosamente! E, enquanto subia devagar, enroscada na corda, a fazer posições, ia vendo os seus adorados velhos, vendo-os com infinita saudade de quem se despede para sempre!

—

Dias depois a companhia seguia para outra terra.

Wanda ia na *troupe*.

No momento de cortar a cinta e precipitar-se no circo, teve piedade dos pais, e transferiu a sua morte para onde não tivesse de afligir ninguém...

## NARRAÇÃO DO ESPÍRITO

Mas eu já vi esta sala!

Não há dúvida! vi-a!

Extraordinário! Até a gente... sim, esta gente não me é desconhecida... são evidentemente os mesmos personagens, as mesmas atitudes e até os mesmos estofos... mas onde vi eu isto?!

Era a primeira vez que Luiz Rodolpho entrava em casa do comendador Soares; entretanto parecia-lhe ter já respirado aquela atmosfera sobrecarregada.

De cada ondulação dos leques das senhoras vinham lufadas quentes, grossas de essências diversas, bater-lhe na cara.

Era noite de festa, tinha ido contrariado, por obediência a um convite importuno por insistente. Não dançava, não jogava, aborreciam-no os bailes; contudo, este agora fazia-o cismar.

Tinha reminiscências daquilo tudo; não podia fixar a época; parecia-lhe, entretanto, perdida em dias antigos, muito antigos, dos quais não ficara senão a lembrança, até então morta, despertada agora, daqueles espelhos, daquelas paredes e daquela gente. Nem tudo, porém, vibrava nele com a mesma intensidade.

Algumas caras eram-lhe indiferentes, e uma saleta ao lado, por onde tinha passado, absolutamente estranha. O que o impressionou mais do que tudo, o que lhe saltou aos olhos como uma cena já decorrida, foi o canto esquerdo da sala ao fundo. Quanto mais o observava, mais o reconhecia. Ali, junto a um biombo cor de pérola, baixo, todo pintado de aves e de flores, estava, de costa para ele, uma mulher alta, decotada, com a grande cauda do vestido de seda estendida sobre a alcatifa em ondulações refrangentes, tinha o cabelo preso no alto, a nuca branca e roliça; uma das mãos, erguida, pousava sobre a moldura do biombo, — outra movia vagarosamente um leque de plumas brancas.

A seu lado, uma cesta dourada cheia de rosas, e um rapaz louro, tipo inglesado que parecia falar-lhe por monossílabos; na frente, atrás do biombo, a testa enrugada de um homem de cabelos grisalhos com que ela parecia falar também.

Luiz Rodolpho desviou o olhar, pensativo. Onde teria visto aquilo? Reparou em uma senhora idosa, de bandós brancos, gorda e risonha, que pousava nele o seu olhar azul, maternal e doce. Sentiu então um abalo indescritível! teve quase a certeza que já houvera beijado a mão dessa senhora, que já sentira pousada no seu ombro aquela cabeça nevada, que

ele mesmo já tinha adormecido pequenino e inocente sob a inefável brandura daquele olhar honesto! Passou em revista, mentalmente, toda a sua vida. A mãe, as avós e a tia eram bem diferentes! Todas magras, umas histéricas e outra tísica... Com quem seria a semelhança?

Pensava nisso quando um amigo lhe bateu no ombro. Levantou-se, tomou-lhe do braço e saíram; foram ao terraço, estreito e longo, onde uns grandes globos opacos difundiam uma luz veludosa, cor de leite.

Ah! também ele reconhecia aquele terraço, aqueles globos, aquela noite escura, aquele aroma de jardim bem cultivado e as próprias flores amarelas, que subiam muito abertas pelas colunatas de ferro bronzeadas. E quando o amigo falou, pareceu-lhe já ter ouvido as frases que ele dizia umas após outras...

De repente, soltando a sua verbosidade nervosa que já não conseguia reprimir, contou ao outro as suas impressões, foi tocar nos objetos, esmagou uma flor entre os dedos longos e secos que rangeram no atrito e sentou-se depois em um banco, com as pernas magras afastadas, inclinado para a frente, a balançar entre os joelhos o claqué forrado de branco.

— És espiritista? perguntou-lhe o outro.

— Não. Mas o que me está acontecendo, nunca te aconteceu, a ti?

— Já; e creio mesmo que acontece a toda a gente; somente em um grau muito menos intenso. Por exemplo: há sonhos que me parece ter já sonhado muitíssimas vezes, sem a menor alteração. Frase por frase, ponto por ponto, é a mesma cousa!...

— Isso é fácil de suceder. Mas o meu caso é outro. Acode-me claramente a reminiscência de uma outra vida.

Homem, essa história faz-me lembrar uma que se deu há dias e que eu não repito com medo de tua fraqueza!

Luiz Rodolpho obrigou o amigo à narração.

Principiaram a bater o ladrilho do terraço em repetidos passeios.

A aragem balouçava as flores cor de ouro da trepadeira, e da sala vinha, em um amortecimento de suspiro, o som da música.

Do outro, coçando o largo queixo bem escanhado, começou:

— Uma noite, em casa do Navarro, fizemos, para nos entreter, uma sessão de espiritismo.

O médium foi ele e imagina tu o que lhe deu na veneta! perguntar ao primeiro espírito invocado quantas vezes se encarnara e em qual das vidas mais lhe sorrira a felicidade! Como sabes, o Navarro tem as suas pretensões a poeta, filósofo e nem sei mais a que, de modo que o demo do espírito fez ali uma preleção nebulosa, crivada de conceitos, pessimista algumas

vezes, outras deliciosa, mas sempre incompreensível, porque a ideia fundamental aparecia e desaparecia, retrátil como a unha do gato, em que se não pode tocar!

De repente, as cousas mudaram. O espírito entrou a falar numa linguagem chã.

Disse:

“— A minha primeira encarnação foi em uma criança loira que morreu aos 10 anos. A infeliz era linda, inocente e muda! eu estava constrangido, apertado e triste como uma avezinha em uma gaiola estreita! A sua morte foi a minha libertação. Após o seu último suspiro parei saudoso sobre o seu corpo branco, e depois subi. Encarnei-me logo em uma outra criança, filha de gente rústica. Não me souberam dirigir; a criança não era como a primeira, débil e muda, o corpo vigoroso dava-me campo para maquinar ideias que a sua faculdade de falar expunha. Mal educado, eu tornei daquela criança um homem mau; cheguei a todas as perversidades, até ao crime; sofri torturas, fi-lo padecer, subir à forca onde o dependuraram, sentindo-me livre, não parei sobre o seu corpo, como a pomba da esperança; fugi aterrorizado como um corvo ao sentir trovoadas!

Encarnei-me então no filho de um rei; fui ambicioso de todas as glórias, amei-me em um egoísmo feroz, alegrou-me a morte de meu pai, o trono foi o meu amor mais doido, rebelei-me contra a morte, lutei com ela até que fui vencido! e adejei em torno do cadáver do rei, em torno da sua coroa de ouro, em torno do seu catafalco, fugindo enfurecido ao ver o príncipe apoderar-se dos orgulhados títulos do pai que tanto me tinham.

Encarnei-me depois sucessivamente em uma mulher voluptuosa, mais loira e mais pecadora do que a Madalena em um judeu usurário; em uma virgem honesta e delicada, sensível a ponto de morrer de amor; em um ladrão de estrada; em uma religiosa dedicada e crente; em um sábio de que a humanidade venera e adora o nome; em um poeta; e em um *clown*!

De cada vez que me liberto de um corpo, sinto a consoladora esperança de ficar perdido pelo espaço, na região cândida do ar da luz, e de cada vez que volto para um corpo, vou com a rebeldia dos que já conhecem o mal que os forçam.

Então odeio o leite que bebo, a mãe que me aquece, e o pai que me anima! mas a pouco e pouco, porém, tudo se desvanece, esqueço as outras vidas, os outros personagens, as outras terras, o outro amor, o leite que bebo, a mãe que me abraça, o pai que me beija! Só depois da morte me recordo nitidamente de todos os seres a que dei vida, mas desde que me encarne tudo isso passa, como uma luz que se apaga!”

— Mas diga-me! em qual dessas vidas houve mais felicidade? Qual entre todas essas paixões proporciona mais o gozo? perguntou com tenacidade Navarro.

Todas as paixões proporcionam gozo e todos sofrimentos. A felicidade é uma palavra... nada mais que uma palavra?

— Mais...

— É tarde; adeus!

Luiz Rodolpho saiu impressionado.

Desde então começou a ler os livros dos espíritas e a assistir às sessões, até que um dia o levaram para o hospício.

E ele lá está a fazer preleções aos doidos com grandes esgares e momices!

## O FRASCO DE LILÁS

A ADELINA VIEIRA

Na minha salinha onde o sol bate, valente e desapiedadamente, deu-se há pouco um caso que me enlanguesce e me povoa a mente de sonhos...

O meu netinho mais novo, uma rosa feita criança, entornou-me aqui sobre a alcatifa e sobre o meu vestido de caxemira preta um pequenino frasco de essência de lilás branco...

Gira ainda em meus dedos de velha nervosa e doente esse vidrinho branco e chato, em cujo rótulo se lê sobre e sob um raminho de lilases:

*Essence de Lilas Blanc, 29 Boulevard des Italiens, Paris.*

O fabricante poderia acrescentar:

— *Parfum des rêves!*

Realmente, desde que se derramou por sobre mim esse dedal de água cristalina, foi como se um mundo de imagens e devaneios graciosos, grotescos, lindos ou extravagantes, rolasse como fumo pela minha pobre cabeça até então vazia, calma, fria; agora repleta, ardente, entusiasmada!

Em que pensava? nem sei! Em que escaninho do cérebro se meteria esse pensamento, que o não encontro?! Ai! o traiçoeiro lilás branco levou-o nas suas asas amorosas, que me andam aqui a bater nos ouvidos outras canções...

É de balde que eu lhe digo:

“— Vai-te! perturbas-me! vai-te! entonteces-me! Vai-te! Vai-te!” E sacudo o meu vestido de lã, e mando abafar a alcatifa a meus pés, com uma pele de tigre. Mas o lilás branco lá vem, passa a cobertura, espalha-se no ar, já não está só no chão, nem só no meu vestido, está em tudo, em tudo!

Toco nos objetos e retiro os dedos impregnados do lilás; quanto mais me esforço por sair ou para dissipar em torno a mim esse aroma que me mata, que me tortura, mais ele se expande, pondo miragens diante dos meus olhos; figuras que vão e figuras que vêm; risos no ar, querubins rechonchudos, com asinhas de fogo e olhos cor do céu...

Numa embriaguez de aroma, sinto que me transtorno, tenho medo e falo ao lilás:

— Deixa-me, afasta dos meus pensamentos essas harpas de ouro infestadas de flores... vai para os aposentos das moças, para a casa da gente preguiçosa... deixa-me quieta, encerrada na minha velhice, enregelada e passiva!



E o lilás por única resposta apresenta-me grupos de mulheres vaporosas, que se espreguiçam e cantam quase em murmúrio!

Desfalesço na minha poltrona antiga de couro lourado, quero escrever e paro, quero trabalhar e sonho!

Já não sou a velha doente, vestida de preto, um pouco cética à força de sofrer, um pouco altiva à força de se comparar instintivamente às pessoas que a rodeiam, moralmente mais fracas...

Já não sou a mulher rígida e severa, para quem a mocidade não deixou saudades, nem remorsos, pois que dores e alegrias sofreu e gozou sempre com estoicismo!

Sou outra! outra! latejam-me as fontes, este meu pobre coração que batia há tanto tempo como um relógio cansado, avigora-se, pulsa com mais força, atrai e repele o sangue que me percorre as veias como se de súbito se tivessem removido obstáculos, que o privassem de circular livremente por todo meu corpo!

O meu corpo já não treme do cansaço triste dos anos, treme do entusiasmo dos moços! Aclarou-se-me a vista, abranjo com o olhar tudo! Não é só o pequeno recinto do meu gabinete que eu vejo, não são só estas paredes carregadas de quadros, estas mesas cheias de *bibelots*, esta janela quadrada, ofuscante de luz abrasadora! Tudo diante de mim tem outro aspecto, as estatuetas riem-se, têm movimentos voluptuosos, torcendo os corpos nus! Vejo parques, vejo mesas de festins a que nunca assisti.

As minhas mãos desenrugadas batem palmas, e eu, que há largos anos não conseguia dar um passo sem o arrimo dos filhos, salto ligeira e empunho, cantando, uma taça de vinho...

Mas que vinho! é ouro diluído; brilha, mas queima-me as entranhas! E a taça gira entre os meus dedos nuns movimentos arredondados e airosos!

Em frente de mim há um espelho... ui! nunca fui tão formosa!

Seria este calor de chamas, que me iluminou assim os cabelos? eles já não estão brancos, corredios e curtos... caem-me até aos pés, ondeantes, cor de cobre queimado! e os meus lábios desfranzem-se, sorriem, e tenho dentes brancos, iguais, esmaltados, como nunca tive! e a pele dos meus braços nus e acetinados, cor da neve, rosada e úmida!

Sinto-me leve, palpitante, rio, canto, choro, quebro a indiferença da minha velhice, sou outra!

Há tapetes persas a meus pés, onde mulheres ardentes, como a flor do cardo, dançam em meneios vagarosos. Ouço música... e vibrante, e contente encho-me de mocidade. Já não tenho a pele fria e seca, unida aos ossos... tenho carne; o suor vem em camarinhas grossas, trotando o meu seio... e ei-a! às canções do amor!

Deixem-me sonhar assim, na minha saleta ardente, queimada de sol, onde o vidrinho de lilás branco deu vida, vida às estátuas, aos quadros e a mim!

## A CARTA DO MORTO

A Sra. Rodrigues atravessava a sala em direção ao piano, quando ouviu um tiro no escritório do esposo; voltou-se de um salto e correu, indo esbarrar na porta fechada do gabinete.

— Rodrigues! Rodrigues! gritava ela sufocada, quebrando as unhas na fechadura da porta, onde batia, ora com a cabeça, ora com o ombros, ora com todo o corpo, num desespero horrível.

Lá de dentro nem uma voz! Os gritos dela abafavam o rumor surdo que por ventura houvesse de um último gemido. A bulha atraiu os criados; a Sra. Rodrigues, já rouca, com os olhos esbugalhados, caíra de joelhos, pedindo-lhes que salvassem o marido. Os fâmulos entreolhavam-se, atônitos, consultando-se, até que um deles, mais ousado, fez saltar a fechadura da porta, que se abriu de par em par.

Então a Sra. Rodrigues entrou de rastos como um réptil.

O marido estava no chão sobre a alcatifa verde, onde o sangue se alastrava com uma cor enegrecida; ela arrastou-se, olhando para ele e murmurando aos outros:

— Vão chamar um médico! depressa! Vão chamar um médico!

Era inútil; o homem estava morto. As autoridades policiais lá a foram encontrar ainda, sentada no tapete, ao lado do cadáver, chorando como uma doida. Só muitas horas depois conseguiu ler a carta que o marido lhe deixara, e em que ele explicava o suicídio como uma salvação para a sua honra. Como legasse fortuna, o caso foi misterioso para toda a gente, menos para a viúva, a quem ele tudo confessava na carta; essa foi amarga para a infeliz. O marido matava-se para fugir a uma paixão funesta. Havia muitos anos que os seus cuidados não eram a esposa e a filha, porque tinham uma filha.

Todo o seu amor voara para a cabeça ingênua de uma sobrinha, sua tutelada, companheira inseparável da família, que vivia sob o mesmo teto e chamava-o muitas vezes de pai. Ela, porém, ignorava tudo.

A viúva escondeu a carta no seio e mandou chamar a sobrinha; a moça chorava abraçada à filha do morto; a tia afastou-a da outra num movimento brusco, puxou-a para junto de uma janela, expôs-lhe o rosto à luz, e ficou-se a olhá-la numa fixidez demorada. No olhar azul e transparente da moça, a lágrima nadava serena, numa tristeza que não traía desespero, nem paixão, nem mesmo amor; era a lágrima límpida, como as que choram os amigos e os gratos; nada mais.

A viúva Rodrigues beijou-a nos olhos, e disse-lhe com a voz cansada:

— Vai consolar minha filha! amavas muito teu tio, não é verdade?

— Muito! respondeu inocentemente a moça.

Desde esse dia a viúva Rodrigues concentrou-se no seu desgosto, e quando falava do marido era com uma veneração extraordinária. Os cabelos embranqueceram-lhe, as olheiras aprofundaram-se e ela voltou-se toda para o amor da filha. Essa, ao menos, não lhe traria desilusões no afeto; se o amor do marido lhe tinha faltado, o amor da filha resistiria sempre! A sobrinha casou-se, e anos depois chegou a vez também de se casar a filha; na manhã do noivado a viúva Rodrigues entrou-lhe no quarto. A moça, ainda de *peignoir*, escrevia a uma amiga o último adeus de solteira. A mãe beijou-a nas tranças, na testa e nas faces, e fê-la ajoelhar-se ao pé de si, ao lado do leito onde se estendia em ondas de cetim e rendas brancas o vestido da noiva. O quarto, fechado e silencioso, tinha o aroma doce de um ramo de flores frescas, que sorria através das cortinas de filó do toucador.

Antes de principiar a dizer as cousas que trazia no sentido, a viúva Rodrigues repetia os beijos à filha, sorrindo-lhe com uma tristeza indefinível. Por fim, rompeu em conselhos, repisou os seus futuros deveres de esposa, disse-lhe, entre abraços e olhares caridosos, que fosse submissa, meiga, prudente e sincera; que não ocultasse nenhum dos seus atos ao marido, pois que a mentira suja mais a língua da mulher do que uma placa de lodo infecto e negro pode sujar a asa cândida de uma pombinha branca.

Fez-lhe notar que a felicidade da mulher no mundo firma-se principalmente, unicamente, nisto: honestidade, pureza de consciência. Se o marido porventura lhe fosse um dia infiel, ajuntava, ela que tivesse para com ele toda a altivez de uma mulher de brio, mas que se não vingasse, nem sequer o ameaçasse de se vingar da mesma forma. Todos os vícios, todas as faltas que são num homem censuráveis, são numa mulher aviltantes e ignominiosas!

A filha ouvia-a de joelhos, serena, com a cabeça loura inclinada sobre o ombro, os olhos umedecidos, e as mãos postas como para a oração.

Horas depois, a noiva entrava na capela e a viúva acompanhava-a serenamente.

—

Passaram-se anos. O genro da Sra. Rodrigues era um rapaz distinto, marido delicado, mas envolvido sempre em trabalhos que o absorviam dias inteiros no escritório ou em viagens. O seu *ménage* era frio, faltava a garrulice das crianças; a mulher era estéril e fraca. A viúva Rodrigues, que os acompanhava sempre, caminhava a largos passos na sua terrível

doença de coração, e havia horas em casa em que o voar das moscas era a única bulha perceptível. Uma monotonia. De repente quebrou-se o gelo, entrou a frequentar a casa um Dr. Figueiredo, rapaz rico e janota, que usava de algumas prendas de salão, tocar piano, dizer disfarçadamente mal da burguesia e referir-se a amigos titulares... Às vezes, quando a casa estava mais silenciosa, ele entrava; e era logo um soar de vozes alegres, as criadas iluminavam as salas, tiravam dos aparadores os melhores cristais para servirem ao Sr. doutor o melhor vinho ou os mais finos *bonbons*. Era a ordem; a dona da casa cobria-se de perfumes e ia falar-lhe rescendente de *senteurs du soir*, muito nervosa e branca.

As visitas, que a princípio eram raras, tornaram-se frequentes, e no cerebrozinho tonto da moça já não havia lugar senão para um pensamento: ele! Logo na primeira vez estabeleceu a comparação entre o doutor e o marido, com a triste conclusão da inferioridade do segundo. O doutor vestia-se melhor, era mais alto, mais correto; sabia trazer no braço o sobretudo forrado de seda, usar violetas na *boutonnière*, tratar da pele, e ter um perfume seu! O marido falava em negócios, o doutor falava no lírico; o marido tinha a barba grisalha e os olhos pequenos, o doutor tratava esmeradamente da sua barba loura o tinha nos olhos de míope um cansaço lânguido que ela achava bonito! Em conclusão: deixou-se seduzir parvamente, bestialmente, sem relutância, sem esforço moral, sem um vislumbre ao menos de dignidade!

Trocavam-se cartas, mesmo diante do marido, que, na sua boa-fé, não percebia nada! E ela branca, débil, com o seu ingênuo de loura delicada, assistia sem pejo aos apertos de mão trocados entre ambos, e às suas frases, em que amizade era a palavra corrente!

Um dia o marido apercebeu-se para uma viagem; deveria partir às quatro horas da tarde, despediu-se da esposa com tristeza mal disfarçada e saiu.

Ela, vendo-se só, correu à secretária; havia tanto tempo que o Dr. Figueiredo solicitava uma entrevista demorada, no isolamento da sua saleta! A ocasião era propícia, escreveu. O doutor veio logo, com ar alegre e inquieto, por aquele chamado súbito. Ela falou-lhe logo no patamar da escada, à meia voz, pedindo-lhe reservas, para que a mãe não o sentisse! A mãe! às vezes desejava, embora com uma pontinha de remorso, que a mãe fosse passar um tempo fora... longe da cidade... E vinham-lhe à lembrança os conselhos da manhã do noivado! Da escada passaram para a sala, da sala para a saleta, onde poderiam conversar mais discretamente. Tudo silencioso!

Ramos de rosas amarelas ornavam as jardineiras transbordantes, e o aroma concentrado abafava o pouco ar do aposento.

Falavam de amor, de costas para a porta, embevecidos e felizes. Ele curvado para a moça, beijando-a nos lábios.

Súbito ela deu um grito horrível, de medo, apontando o *psyché* em frente. No fundo cristalino do espelho, atrás deles, pálido e medonho de raiva, desenhava-se inteiro o vulto do marido. O amante recuou espavorido, sentindo cair sobre si a mão de ferro do outro. A moça encolheu-se, num canto, chorando alto, a tremer toda! Entretanto, o Dr. Figueiredo era subjugado e gemia sob os joelhos do marido.

A cena durou minutos; era um ranger de dentes, um suspirar de agonia, um delirar de raiva, de medo e de remorso, que se levantava, e que ia numa onda confusa pela casa inteira!

Aquele murmúrio estranho fez estremecer a Sra. Rodrigues. Levantou-se da sua poltrona, deixou o quarto e foi à saleta. O genro já aí não estava; procurava estrangular no corredor o rival, que lhe escorregava das mãos, como uma enguia, a buscar a porta. Num relance viúva compreendeu tudo. A filha, agachada ao pé do divã, levantou para ela as mãos suplicantes. A velha correu o reposteiro, fechou a porta por dentro e foi direito à moça. Pediu-lhe a confissão de tudo; ela contou-lhe a verdade, fazendo-se, ora vermelha, ora lívida. A mãe sumia entre os cabelos brancos os dedos engelhados, e o seu corpo majestoso dobrava-se sobre os joelhos, ao mesmo tempo que uma onda de sangue subia-lhe ao rosto, havia tanto tempo macilento e frio. Concluída a narração, a viúva Rodrigues tirou do seio um papel já amarelecido, e, pela primeira vez em sua vida, leu à filha a última carta do esposo. A moça tiritava; batiam-lhe os dentes como num acesso de febre. Acabada a leitura, a mãe perguntou-lhe:

— Percebeste bem?

— Percebi...

A viúva levantou-se, foi a uma mesa, abriu uma gaveta, tirou da gaveta um cofre e do cofre um revólver; e, voltando-se, entregou-o à filha, dizendo-lhe:

— Foi com esta arma que teu pai se matou para salvar a sua honra! Aqui a tens!

A moça, horrorizada, caiu de bruços, esgarçando com as unhas o tapete do chão. A Sra. Rodrigues pousou o revólver à pequena distância da filha e saiu.

Que misterioso momento! Adorava a filha e apontava-lhe o suicídio, deixando-a sozinha em frente da morte!

O genro, encostado ao umbral, ouvira tudo. A viúva vinha lívida, cambaleante; amparou-a nos braços, ela caiu neles suplicando o perdão para a culpada, num indescritível soluço de agonia maternal!

Foi a sua última palavra; o corpo amoleceu, e os braços e a cabeça penderam-lhe para a frente. Estava morta.

O genro estendeu-a no sofá, beijou-a piedosamente na testa e entrou depois na saleta.

A mulher mordida os dedos, olhando a tremer para o revólver, sem coragem de estender a mão, recuando de rastos. O marido levou-a com violência até à sala e, apontando-lhe o cadáver da mãe, disse-lhe no mais tremendo dos castigos:

— Olha! mataste-a!

Mas o perdão suplicado pela finada foi concedido. A noite caiu e eles dois sozinhos velaram o corpo; ele chorando, ela transida de saudade, de dor e de remorso!

## LÁGRIMAS TARDIAS

Há cousas pequeninas que nos fazem chorar; há dores enormes que nos deixam aparentemente insensíveis!

De onde vem esse sopro torturante que ora nos seca os olhos, da dor que vem de dentro, o ora nos molha os olhos com a dor que vem de fora, que é, por assim dizer, a dor alheia?

Um quadro de miséria apenas entrevisto, um olhar de medo, uma figura trêmula atravessando a rua buliçosa, são muitas vezes para nós uma agonia ou um susto! Por quê? Vão lá saber por quê! Mistérios do coração...

Ainda não há muitos dias que um grupo de pessoas assistiu na rua a um desses *casos inexplicáveis*.

Um sujeito trajado de luto, burguês pacato e polido, descia a calçada batendo compassadamente com a bengala nas pedras, quando um velhote risonho, vendedor de frutas, aproximou-se dele, e, com um cumprimento um tanto familiar, ofereceu-lhe uvas. O burguês estacou na calçada, olhou para o velho, olhou para as frutas, e eis que lhe saltaram as lágrimas dos olhos! Enfim, a comoção do homem foi tamanha, que se recolheu na primeira casa que viu aberta, e daí chamou um carro que o levou à casa.

Entretanto, faziam-se comentários mais ou menos cômicos, e a molecagem rodeava o homem das frutas, atormentando-o com perguntas, até que este, cansado de os aturar, espalhou pedradas para a esquerda e para a direita, dispersando o rancho.

Choviam palavras ao mesmo tempo que as pedras; os rapazes riam, fugindo, para voltar a provocar o velhote com chufas e dichotes:

— *É! carcamano!*

O velho pousara a cesta das uvas no chão, defendendo-se como podia; por fim, desanimado, retomou a cesta e lá se foi rua acima, batendo com os sapatos acalcanhados e rotos nas pedras desiguais da calçada, a gritar com voz aflautada e ondulante:

— Vai uva fresca!

Agora dirão: por que chorou o burguês pacato e polido em frente às uvas?

Porque essa fruta tinha sido a única gulodice da sua pobre mulher, morta havia dias. E, cousa singular, depois que ela morrera, era a primeira vez que ele chorava!

A história do seu casamento tinha sido assim:



Ele, Luiz Botelho, casara-se muito novo com uma moça gentil e acostumada a um certo luxo e conforto. No fim de um ano de lua de mel, verificou ter gasto toda a sua pequena fortuna e procurou um emprego. Não tinha habilitações nem caráter para o trabalho: Tivera a educação inútil dos rapazes ricos. Assim rolou de casa de comércio em casa de comércio, de secretaria em secretaria, demorando-se pouco em cada lugar. Os primeiros empregos ainda rendiam alguma coisa, e lhe permitiam dar uma criada à esposa; contudo, o dinheiro saía-lhe das mãos tão restrito, que a infeliz via-se obrigada a fazer atrozes economias. Vendeu jóias, vestidos bons, roupas brancas; alimentava-se mal, e percebia ainda em cima que o marido se ia enfadando dela! Ele comia fora, entrava em certas casas de luxo, e ao voltar, vendo a esposa de vestido de chita, faces desbotadas e olhos melancólicos, sentia tédio, que não podia esconder.

As roupas de algodão áspero, em vez do linho macio e da seda farfalhante, deprimiam a seu ver degradadamente uma mulher!

Assim viveram anos. Depois tudo foi de mal a pior. Ele desempregou-se; levava a vida ociosamente e comia de favor na casa de comércio de um antigo patrão... A mulher, amofinada e doente, cosia para negras, e tratava da roupa do marido com esmero, para que ele saísse sempre limpo e correto.

Mas chegou um dia em que o Botelho achou-se cansado daquela vida de boêmio, cheia de necessidades. Já havia muito que a sociedade que ele frequentava lhe deixava perceber o seu desagrado. A pouco e pouco sentiu todos os vexames. Notou com amargura os sorrisinhos que acompanhavam os empréstimos de dinheiro que lhe faziam. Um último golpe acabou de o decidir a mudar de rumo.

Uma tarde entrava no armazém do ex-patrão para jantar, quando ouviu clara, distintamente, um caixeiro dizer a outro:

— Cá temos o *filante*...

Uma enfiada de risos mal disfarçados esvoaçou sobre o balcão.

Botelho, pálido, avançou para o caixeiro pedindo satisfações... Os outros empregados sorriam sempre, e um deles disse ao colega:

— Agora, arranja-te!

Botelho, cego de raiva, ia deitar a mão ao rapaz, quando este, desembaraçando-se, disse:

— Olhe que não fui eu que o batizei! quando entrei pra a casa já todos o chamavam assim!

— Filante... filante! repetia trêmulo o Botelho.

Subitamente a bulha cessou no armazém. O patrão tinha entrado; os caixeiros encolheram-se calados; só o Botelho esbracejava furiosamente. O dono da casa chamou-o para o interior. Aí, dentro do escritório de madeira gradeada, ele aconselhou ao Botelho longamente a que voltasse ao trabalho e à família, acabando por prometer arranjar-lhe com um amigo seu, influência política, um bom emprego público...

— E agora, tome estes vinte mil réis e vá jantar com sua senhora... concluiu ele.

Botelho saiu humilhado e tonto. Quando entrou em casa, teve desejo de pedir perdão à mulher.

Ela cosia a um canto, com a cabeça pendida, o rosto esverdeado, tinto só nas faces por duas rosetas violáceas, os olhos lacrimosos, os cabelos desprendidos sobre um casaco sujo. Voava na atmosfera um cheiro de febre, e os retalhos de chitas variegadas dos vestidos das negras atapetavam o soalho denegrado.

Botelho relatou então à mulher a promessa que tivera do amigo. Quando ele tivesse o emprego, não consentiria que ela se matasse assim...

Ela sorriu esperançada. O que lhe custava mais era ouvir as descomposturas das negras, confessou. Esforçava-se por coser bem, mas faltava-lhe o jeito, o tempo e já a paciência, e então as freguesas implacáveis vinham fazer recriminações, aos berros!

Desde então transformou-se o *ménage*! O Botelho tornou-se assíduo, ajudava mesmo a mulher, a ocultar dos vizinhos, a mover a pesada máquina de costura.

Só então notou que era excessiva a magreza da infeliz, que ela tinha as mãos ardentes, os beijos queimados, as olheiras negras!

Enquanto esperava pela prometida nomeação, arranjou afinal a escrita de uma venda, trabalho pequeno e mal pago, e então, para festejar esse acontecimento, levou à mulher umas uvas, compradas a um velhote italiano e alegre.

Quando entrou em casa, a esposa, dobrada em arco, pospontava um colete; ele beijou-a na testa, e como se presenteasse a uma criança, ofereceu-lhe, rindo, um cacho de uvas.

Ah! que alegria! a mulher levantou as mãos magríssimas e pálidas, e, na avidez febril por tudo quanto era sumarento e fresco, devorou as uvas. Ele assistia admirado àquela cena, dando-se os parabéns pela lembrança. Desde então ficou freguês do italiano das frutas. Tinha dó da mulher, amava-a agora, sentia por ela a amizade, a gratidão, o interesse que tanto tempo lhe retirara! Era um reviramento do seu coração, cansado das desilusões lá de fora! Todavia, era forçoso deixá-la trabalhar, visto não ter sido nomeado para o prometido emprego. Todos os dias, quando entrava, a esposa perguntava-lhe com interesse:

— E então?

Ele levantava os ombros num gesto significativo de desânimo; ela baixava os olhos, e depois de um momento de silêncio, em que sufocava o seu desapontamento, murmurava com sua voz rouca, de tísica:

— É preciso ter paciência... veremos amanhã!

Assim foram, até que uma vez o Botelho achou a mulher de cama. Ardia em febre e movia os lábios secos, pedia água.

Esteve três dias na agonia. Só então, vendo-se sozinha naquela triste casa, foi que o Botelho percebeu quantos e quantos sacrifícios tinha feito por ele aquela pobre enferma. Falta de roupas, falta de alimento, tudo tinha sido disfarçado à custa de um esforço sobre-humano!

Enfim, chegou a hora do descanso, a morte veio dar àquele pobre corpo a sua pavorosa serenidade.

O Botelho acabava de vestir a finada, quando sentiu bater à porta: era um enviado do governo que levava a sua nomeação.

Abriu-a e leu-a à luz das velas de cera que iluminavam a defunta. Ironia da sorte! pensou ele sem lágrimas, lembrando as palavras pacientes da doente “— *Veremos amanhã!*”

E não chorou! sentou-se meditando na triste vida da esposa, e por fim concluiu, como para consolar-se da pobreza e trabalho que lhe dera sempre: “Foi mais feliz do que muitas outras...”

No dia seguinte ao do enterro, o Botelho mudou-se; tomou conta do emprego sem parecer muito acabrunhado, até que, alguns dias depois, descia uma calçada, quando...

Mas já sabeis: encontrou o velhote das uvas — e desatou a chorar!

## DUAS ALMAS

### I

Na penumbra da igreja, entre as dobras de veludo do seu longo vestido, a velha marquesa reza de joelhos, rosto sumido entre as mãos pálidas, frouxos reflexos da lâmpada acarinhando-lhe os cabelos brancos.

Reza a marquesa:

— Senhor! Deus clemente, pai de todas as agonias e de todas as consolações, ensinai-me a rezar! ensinai-me a amar-vos, restitui-me a fé! O que me arrancaria do coração aquele sopro da divina graça que me fazia adormecer confiante no céu, quando eu era moça e não tinha ainda gozado o tormento da vida, sofrido o tormento do amor, deleitado-me nas dores da maternidade?! Ó! quando eu tinha fé, a vida era um encanto! Sonhava então com as maiores doçuras e confiava em um futuro de rosas e de estrelas!

Hoje, ai de mim! vivo só para o pavor da treva e da morte! Sim, Deus do céu, eu tenho miserável medo de ir para junto dos meus mortos! Isto dá-me remorsos e uma tristeza medonha! Os braços do meu marido, que tão doces me eram nos seus amplexos de paixão amorosa, aterram-me agora, quando os pressinto a chamarem por mim da sepultura. A boca de minha filha tão formosa, pequena e perfumada, que era mais linda do que uma linda rosa, toda me faz tremer arrepiada quando imagino que há de querer beijar-me depois de tão longo período de silêncio e de aniquilamento...

Nem as mãos brancas de minha mãe que tanto me abençoaram e acenam-me chamando-me, nem os bons olhos de meu pai, que de lá, da outra vida, me solicitam, tiram-me este susto, abafam-me estes gemidos, nem arrancam de minha alma o grito glorioso da fé! Mas, loucura! que poderá existir deles? Ossos na terra, e lá?... um vulto intangível?... nada?

Senhor! perdão! renovai as minhas ideias antes que chegue a hora suprema para este pobre corpo envelhecido. Sede para mim o que sois para a mais mesquinha planta, depois de tão duro inverno, abre para minha alma um sorriso de primavera, uma estação de esperanças e de alegrias!

Que vos custará isso, Senhor, a vós que tudo podeis? O pensamento humano será tão forte que o não possais transformar com um simples e levíssimo sopro? Será tão pesado o fardo que me esmaga que o não possais erguer com um olhar apenas? Por que me aflige assim a dor de ter vivido? Acudi-me, Senhor!

Quando eu passo, dizem os outros: “— Lá vai a velha marquesa que tem pedras preciosas e ouro às mãos cheias; possui palácios riquíssimos repletos de coisas suntuosas, tem criadagem submissa, mesa opípara, carros flexíveis, leite macio, flores raras, animais de raça, todos os requintes e confortos da vida. Aquela não conheceu nunca o pão negro e duro em que quebramos os dentes, o trabalho grosseiro em que pisamos o braço, as lutas da inteligência com que procuramos abrir caminho, nem os desalentos com que pensamos no porvir!”

E sinto-lhes a inveja em torno a mim; sinto-a nas minhas roupas, nas minhas equipagens, na minha própria casa, no alimento que tomo, no ar que respiro!

No entanto, gente ingrata, eles não sentem essa dor inconcebível de ver a morte já perto e não querer morrer; de sentir chegar o último momento e não esperar ver nunca o céu, nem partilhar de eternos deleites! Eles não terão horror à sua campa rasa, como eu tenho ao meu esplêndido mausoléu de mármore, que já vi, que eu mesma rodeei de flores, com a alma transida e queixosa... enfim, o pensamento deles deslizará pela religião como um cisne na água, docemente, enquanto eu mergulho o meu no mar insondável e terrível da dúvida! Ser velha e não ter fé é o pior dos suplícios; mostrai-me o caminho do céu, agasalhai a minh'alma friorenta, lavai-me dos pecados, Senhor, Deus de misericórdia, tende pena de mim! tende pena de mim!

A marquesa persignou-se, rezou um Padre Nosso e ergueu-se arrastando nas pedras da nave os seus veludos caros.

A noite ia caindo, e o seu olhar amortecido divisou na penumbra da igreja, como que uma forma diáfana, pálida e indecisa, com asas de luar e vestes candidíssimas, que lhe apontava a porta com um gesto triste e desconsolado de quem dissesse: — Em vão procurarás aquilo que perdeste!

## II

*¡Dichoso ser! ¡Muere con el consuelo de pensar que morir es ir al cielo!*

CAMPOAMOR

Por detrás das sedas roçagantes da velha marquesa, lá para os fundos da igreja, entre os farrapos do seu vestido de chita, reza de mãos postas uma mulher magríssima, erguendo para o magoado Cristo um olhar fervente e extasiado:

— Senhor! Sede bendito lá nas alturas! dou-vos todas as graças do meu coração! Absolvei-me das minhas culpas, quero entrar pura no vosso reino, para que os anjos me

vistam de branco, me engrinaldem de rosas, e me ensinem a cantar vossos louvores! Abre as portas do céu a quem na terra viveu sempre triste. Bem o sabeis, confidente da minha alma, nunca fui amada, nenhum beijo perfumou meus lábios, nenhum braço me protegeu nestes caminhos da miséria, por onde tenho andado. Nasci para ter fome, para servir aos outros e ser batida e humilhada... Bendigo as dores que sofri, porque elas abrirão vosso divino seio, e agora, que o sangue me sufoca e a febre não me deixa, toda me suspendo na fé e na oração aliviada e esperançosa. Mandai-me a morte, a morte consoladora, que tanto me tarda, dizei-lhe, Senhor! Que me leve depressa para Vós!

A pobre persignou-se, e ao erguer-se cambaleante, sentiu uma voz dizer-lhe, num murmúrio:

— Irás para o céu, irás para o céu!

## A POBRE PASTORA

### CONTO INGÊNUO

Eu, pobre pastora, entrei para a minha cabana com as lágrimas nos olhos, maldizendo a miséria em que vivo neste solitário morro.

Aí estava o mês de Maria, e todas as minhas conhecidas lá da vila tinham feito vestidos brancos e ensaiado um coro bonito em que se falava de estrelas, com rezas que o senhor vigário lhes ensinara. Só eu, descalça, sem um vintém na sacola, sem uma única saia que não tivesse remendos, não me poderia apresentar na igreja, ao pé das outras, e andava como uma filha enjeitada pelo morro, atrás da carneirada bravia, com uma dor no coração, que só Deus sabe!

De mais a mais, o Chico, aquele que diz que há de ser meu marido, há um tempão que não aparecia e eu, cuidadosa, perguntava a toda a gente se sabia dele; uns diziam que sim, outros que não; sorriam uns, outros encolhiam os ombros e eu pensava, conforme a compostura de cada um: “Chico casa-se, agora pelo mês de maio, com alguma daquelas moças de vestido branco e sapatinhos baixos”; ou então: “Chico morreu”... e com as lágrimas nos olhos voltava para a minha cabana, quando, à tarde, recolhia ao redil da fazenda a carneirada bravia que tanta lida me dava!

No último dia de abril, o sino da matriz repicava, repicava anunciando a festa para o dia seguinte. Lá de cima do morro eu vi o bando das moças e moços no adro da igreja, carregando flores, ajudando o velho vigário a enfeitá-la...

Por que não poderia eu também levar flores à Nossa Senhora?

Não, eu não iria lá embaixo mostrar às antigas companheiras a minha pobreza... mas veio-me um pensamento que logo executei.

Desci a uma grotta onde sei que há muito cambará branco, colhi feixes de flores e fiz dentro da minha cabana um oratório sem imagens, mas tão fresco, tão lindo e perfumado que o pensamento da gente se erguia ao céu, só de vê-lo. Diante daquelas flores, ajoelhei-me e cantei.

O timbre da minha voz é claro e doce, e as palavras saíam também cheias de unção religiosa!

Quando fui deitar-me, ia mais consolada e depressa adormeci. Cousa estranha: sonhei!

Eu era uma rainha poderosa. Crescera; os meus cabelos louros caíam em ondas até aos pés, por sobre um manto de veludo constelado de pedrarias.

O meu vestido de seda suntuosa arrastava-se com rugidos sobre os mármore róseos de um palácio riquíssimo. Na cabeça eu sustentava o peso de um diadema de brilhantes, e os meus dedos, carregados de anéis luminosos, pendiam sobre o tecido macio da saia. Tinha pulseiras de ouro nos braços, toda eu reluzia de metais e aparecia entre a faiscante cintilação das esmeraldas, dos brilhantes e dos rubis. Vi-me num espelho; e, com medo de cegar, fechei os olhos! Formosa e rainha! Que esplendor!

Vieram pajens, levaram-me para um trono forrado de tapetes e de brocados.

Fiquei ali, como uma estátua, impassível. Bem o sentia, os olhos de toda a gente estavam fixos em mim! No desejo de agradar-me, todos os homens vinham, curvados, quase de joelhos, beijar-me a ponta das unhas, com uma expressão servil que a casaca tornava ridícula e revoltante. E cada um daqueles beijos era como um fio de baba que se lhes tivesse descolado dos lábios e viesse coleante passar, através da minha pele branca e perfumada, o seu vírus de mentira e de lisonja para o meu coração surpreso!

As mulheres atropelavam-se para chegar-se a mim e olhavam mais para as minhas jóias do que para os meus olhos. Inveja, como és feia, como demudas o rosto mais simpático, como enturvas o olhar mais límpido!

Comecei a ter medo de que aqueles sentimentos fossem inventados pela minha imaginação. Estaria eu fazendo uma injustiça aos meus súditos?! Falei com ironia amarga e eles sorriram com doçura; disse, nas minhas frases sóbrias e curtas, palavras em que a mentira transparecesse nua, bem nua! Eles fingiram-se crédulos com a naturalidade mais simples de todo o mundo e aceitaram todas as mentiras! E, à proporção que essas cousas se davam, fui-me enchendo de amargura!

Todos os homens diziam amar-me, cantavam-me odes que não me passavam do ouvido. Qual deles me amaria, se, em vez de rainha suntuosa, eu fosse cabreira humilde, e, em vez de sedas e de veludos, envolvesse o meu corpo branco em lãs grosseiras e ásperos algodões?

O peso dos meus brilhantes, dos meus rubis e do meu ouro parecia-me agora insuportável!

Os meus tesouros, o trono... eis de onde me vinha o prestígio! Eu era moça, queria ser amada e amar, sentir o doce e primeiro beijo do amor pousar-me nos lábios sequiosos e ardentes; entretanto, continuava impassível, passeando o olhar frio e duro pelos dorsos de toda aquela gente aglomerada a meus pés...

Subitamente, uma voz muito amada sou meus ouvidos. Acordei e sorri. Pelos rasgões do teto de sapé da minha casa, o sol passava em físgas de ouro.



Cantavam patativas na paineira, e, de fora da porta, Chico dizia com alegria e ternura:

— Meu amor! — meu amor, acorda!

Sentei-me com sobressalto, vesti-me à pressa e, indo persignar-me no meu oratório...  
ó! milagre! — vi sorrir-me dentre as grinaldas do camarã a imagem de Maria, que logo se dissipou em um raio de luz.

Abri então a porta e caí, risonha e feliz, nos braços daquele que há de ser meu marido!

## A CASA DELA

### I

#### PÁGINAS DE UMA CARTEIRA

Muito sol na fachada branca, alta e esguia. No balcão de grades verdes um vaso novo, e nele um cravo vermelho se balançava em ondulações quase imperceptíveis, ereto na sua haste delgada.

“Dir-se-ia uma casa de Espanha, com o seu telhado estendido e embaixo o portão largo dando para a rua estreita e para o pátio interior, calçado de grandes pedras denegridas.

Passam vários tipos na rua solitária. Soa a trombeta de um tintureiro, trota um cavalo, assobia um garoto, um latoeiro bate suas folhas reluzentes, estalam chicotes de carroceiros brutos, — e nenhuma cabeça curiosa assoma à janela, onde um cravo vermelho ergue o seu cálice vitorioso!

O aspecto exterior de uma casa não vos sugeriu nunca a ideia de seres que com ela condigam?

Olhai bem, quero fazer-me entendido! Descubro por acaso, numa rua de bairro que raramente frequento, um prédio de feição diversa dos outros, vejo-o às vezes de relance, os passos levam-me para diante, mas o pensamento lá fica penetrando pelas janelas fechadas, a descobrir cenas e segredos singulares.

Desta vez os meus passos não me levaram para diante; fiquei pasmado para a alta fachada, muito branca e esguia. Atrás daquele balcão verde, pintado de novo, fresco, florido, atrás daquelas paredes caiadas, de estilo casto e antigo, rezaria em rosários cor de leite uma mulher delicada, que só à noite, posta a mantilha branca sobre os cabelos negros, viria ao seu alto balcão ver no céu a lua e na rua o namorado...

Em vão fixo a esguia casa branca. O cravo vermelho acena-me: — tens razão... ela é bonita, ela é moça, ela é casta, mas vai-te embora, louco; vai-te embora!

Então sigo, pensando;

Mulheres que encontro, como quem esbarro a cada passo, mulheres lindas ou feias, más ou boas, que os meus olhos veem, por que não me trazeis ao coração e à mente o encanto esquisito, novo, que essas casas me trazem, essas que invento através do incógnito de paredes mudas, pelos bairros antigos da cidade?”

## II

### SIMPATIA D'ALMAS

“Sempre que vejo uma velha carregando um ramallete de flores, sinto-me atraído para a sua alma.

D. Catharina é uma velha, é talvez feia, mas tem o encanto de muito amar e de bem cultivar as flores. É por isso que eu, jovem e estouvado, segundo dizem e creio, gosto tanto dela! Amo, na sua alma antiga, aquele sentimento delicado e novo.

Cada vez que D. Catharina me traz o seu raminho de violetas, passando-o através do gradil do seu jardim para o meu, sorrio-lhe como um namorado, olhando-lhe para os olhos azuis, onde há um restinho de céu da sua mocidade.

As mãozinhas dela, franzidas e trêmulas, têm carícias para os lírios delicados e não são capazes de desfolhar um simples malmequer.

Ridiculizam a velhice de D. Catharina e o nosso namoro os que a não conhecem e não imaginam que ela ainda encontraria lágrimas no seu ressequido coração de setenta e cinco anos, se alguém lhe fizesse mal ao jardim.

Eu defendo-a, e até já lhe prometi, a instâncias suas, que lhe hei de plantar na sepultura flores como as dos túmulos dos inocentes — jasmims e rosas.

Depois desta promessa D. Catharina vive radiante e é com ternura de uma namorada de quinze anos que ela fixa em mim os seus doces olhos azuis... por isso os outros se riem, mas eu, que os entendo... adoro a velhice de D. Catharina!”

## SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição traz contos provenientes de periódicos do fim do século XIX, do Brasil e de Portugal, publicados entre 1885 e 1898, que estão disponíveis no sítio eletrônico da Hemeroteca Nacional Digital, acervo pertencente à Biblioteca Nacional do Brasil.

Utilizaram-se as seguintes edições de base:

- a) LOPES, Julia. *Iluminuras - As lagrimas. A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, 28 fev. 1885, p. 4;
- b) LOPES, Julia. *Iluminuras - Os pombos. A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, 14 mar. 1885, p. 2;
- c) LOPES, Julia. *Iluminuras - Mutações. A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, 21 mar. 1885, p. 4;
- d) LOPES, Julia. *Iluminura - Uma ruina. A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 25, 20 jun. 1885, p. 3;
- e) LOPES, Julia. *Iluminuras - Adeus! A Semana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 37, 12 set. 1885, p. 6-7;
- f) D'ALMEIDA, Julia Lopes. *O presente de nupcias. Correio da Manhã*, Lisboa, ano 5, n. 998, 5 mar. 1888, Suplemento literário, p. 2;
- g) ALMEIDA, Julia Lopes de. *Na floresta. O Paiz*, Maranhão [Sem cidade], ano 27, n. 131, 11 jun. 1889, p. 2;
- h) ALMEIDA, Julia Lopes de. *A filha do calceteiro. A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 42, 14 dez. 1889, p. 5-6;  
  
D'ALMEIDA, Julia Lopes. *A filha do calceteiro. A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 43, 21 dez. 1889, p. 4-5;
- i) ALMEIDA, Julia Lopes de. *O beijo. A Família*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 44, 31 dez. 1889, p. 4-5;
- j) ALMEIDA, Julia Lopes de. *Os escravos. A Família*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 46, 23 jan. 1890, p. 3;
- k) ALMEIDA, Julia Lopes de. *Santa! Correio da Manhã*, Lisboa, ano 7, n. 1771, 23 ago. 1890, Suplemento literário, p. 2;
- l) ALMEIDA, Julia Lopes de. *Narração do espirito. Pacotilha*, Maranhão [Sem cidade], ano 11, n. 64, 7 mar. 1891, p. 3;
- m) ALMEIDA, Julia Lopes de. *O frasco de lilaz. Jornal do Recife*, Recife, ano 34, n. 65, 21 mar. 1891, p. 2;

- n) ALMEIDA, Julia Lopes de. A carta do morto. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 256, 13 set. 1891, p. 2;
- o) ALMEIDA, Julia Lopes de. Lagrimas tardias. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 61, 21 mar. 1892, p. 1;
- p) ALMEIDA, Julia Lopes de. Duas almas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 4039, 23 out. 1895, p. 1;
- q) ALMEIDA, Julia Lopes de. A pobre pastora. *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 204, 2 ago. 1897, p. 1;
- r) ALMEIDA, Julia Lopes de. A casa d'ella. *Almanak da Gazeta de Noticias para 1898*, Rio de Janeiro, ano 19, 1898, p. 227-230.

Por esta ser uma edição atualizada, conservou-se ao máximo a escrita original de Júlia Lopes de Almeida. Contudo, a ortografia e a acentuação foram atualizadas. Seguiu-se o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

O uso de letras maiúsculas e minúsculas foi mantido, a partir da forma utilizada pela escritora, incluindo o emprego de minúsculas no início de frases, o que denota uma pausa menor após a pontuação.

A pontuação permaneceu, em grande parte, como aparece nos originais, entretanto, algumas mudanças foram feitas, desde que não causassem modificações no estilo da autora, a fim de garantir maior clareza aos leitores contemporâneos.

As considerações do narrador acerca de sentimentos, falas ou ações de personagens, no discurso, incluindo os verbos dicendi, continuaram integradas ao texto, sendo separadas normalmente por vírgulas pela prosadora, por ser uma convenção da época, ao contrário dos dias atuais, em que frequentemente se separam do restante do texto por meio de travessões.

Caso seja de interesse dos leitores, é possível consultar as ocasionais alterações feitas na pontuação e em algumas formas de palavras no aparato de variantes.

## APARATO DE VARIANTES

### “As lágrimas”

(T. A. 2023, p. 3, l. 1)<sup>59</sup> AS LÁGRIMAS] (T. B. 1885, p. 4, l. 1):<sup>60</sup> Illuminuras/As lagrimas;

(T. A. 2023, p. 3, l. 12) — Não (...)] (T. B. 1885, p. 4, l. 20): Não (...).

### “Os pombos”

(T. A. 2023, p. 4, l. 1) OS POMBOS] (T. B. 1885, p. 2, l. 1): Illuminuras/Os pombos.

### “Mutações”

(T. A. 2023, p. 5, l. 1) MUTAÇÕES] (T. B. 1885, p. 4, l. 1): Illuminuras/Mutações;

### “Sensitiva”

(T. A. 2023, p. 6, l. 1) SENSITIVA] (T. B. 1885, p. 6, l. 1): Illuminuras/Sensitiva;

(T. A. 2023, p. 6, l. 10) Uma mulher bonita que ali estava quis cortar a haste (...)] (T. B. 1885, p. 6, l. 19-20): Uma mulher bonita que alli estava, quiz cortar a haste (...).

### “Uma ruína”

(T. A. 2023, p. 7, l. 1) UMA RUÍNA] (T. B. 1885, p. 3, l. 1): Illuminura/Uma ruina;

### “Adeus!”

(T. A. 2023, p. 8, l. 1) ADEUS!] (T. B. 1885, p. 6, l. 1): Illuminuras/Adeus!;

---

<sup>59</sup> A sigla refere-se a: T. A [ano] (texto atualizado e ano de publicação); p. (número(s) da(s) página(s)); e l. (número(s) da(s) linha(s)).

<sup>60</sup> A sigla refere-se a: T. B [ano] (texto de base e ano de publicação); p. (número(s) da(s) página(s)); e l. (número(s) da(s) linha(s)).

(T. A. 2023, p. 8, l. 8-9) — A Esperança, levantando o voo, partiu, e a Saudade com os olhos rasos d’água pôs-se a acenar-lhe para que voltasse (...)] (T. B. 1885, p. 7, l. 16-17): — A Esperança levantando o voo, partiu e a Saudade com os olhos rasos d’água poz-se a acenar-lhe para que voltasse (...).

“O presente de núpcias”

(T. A. 2023, p. 9, l. 6) barbeado] (T. B. 1888, p. 2, l. 8): barboado;

(T. A. 2023, p. 9, l. 18) — Uma quê?] (T. B. 1888, p. 2, l. 28): — Uma que?;

(T. A. 2023, p. 9, l. 19) hei de] (T. B. 1888, p. 2, l. 30): heide;

(T. A. 2023, p. 9, l. 20) hei de] (T. B. 1888, p. 2, l. 31): heide;

(T. A. 2023, p. 9, l. 25) Resolvida a questão, falaram (...)] (T. B. 1888, p. 2, l. 41): Resolvida a questão falaram (...).

“Na floresta”

(T. A. 2023, p. 11, l. 5) répteis] (T. B. 1889, p. 2, l. 9): reptis.

“A filha do calceteiro”

(T. A. 2023, p. 12, l. 24-25) deixou pender o beijo grosso e queimado, mostrando os dentes inferiores, fortes, escuros e descarnados, numa expressão admirativa, de pasmo.] (T. B. 1889, p. 5, l. 51-54): deixou pender o beijo grosso e queimado, mostrando os dentes inferiores, fortes, escuros e descarnados, uma expressão admirativa, de pasmo.;

(T. A. 2023, p. 13, l. 9) “— Eu (...)] (T. B. 1889, p. 6, l. 86): — « Eu (...);

(T. A. 2023, p. 13, l. 44) pior] (T. B. 1889, p. 6, l. 93): peior;

(T. A. 2023, p. 13, l. 53) ‘— toma, minha filha!’] (T. B. 1889, p. 6, l. 114-115): «toma minha filha! »;

(T. A. 2023, p. 13, l. 54) ‘— minha filha!’] (T. B. 1889, p. 6, l. 117): «minha filha! »;

(T. A. 2023, p. 13, l. 64) Ó! filha, pelo que eu tenho sofrido, perdoa-me!] (T. B. 1889, p. 4, l. 10-11): Oh! filha pelo que eu tenho soffrido, perdôa-me!;

(T. A. 2023, p. 13, l. 66) (...) a tua felicidade!”] (T. B. 1889, p. 4, l. 15): (...) a tua felicidade! »;

(T. A. 2023, p. 14, l. 83-84) você, se não pode trabalhar, não venha cá! Empurra todo o serviço *pra* gente e fica muito descansado!] (T. B. 1889, p. 4, l. 51-53): você se não póde trabalhar não venha cá! Empurra todo o serviço *pr’a* gente e fica muio descansado!;

(T. A. 2023, p. 15, l. 101) — Calem-se!] (T. B. 1889, p. 5, l. 89): Calem se!

#### “O beijo”

(T. A. 2023, p. 16, l. 3) Dizia em moço o Sr. Souza que mesmo entre os casados a discussão é útil] (T. B. 1889, p. 4, l. 3-4): Dizia em moço o Sr. Souza que, mesmo entre os casados, a discussão é util;

(T. A. 2023, p. 16, l. 8-9) nunca desses, às vezes tremendos, choques de contradições surgiam a branca e pura luz da verdade!] (T. B. 1889, p. 4, l. 14-16): nunca desses, ás vezes tremendos, choques de contradicções, surgiam a branca e pura luz da verdade!

(T. A. 2023, p. 16, l. 13) — Ora, deixa-te (...)] (T. B. 1889, p. 4, l. 23): — Ora deixa-te (...);

(T. A. 2023, p. 16, l. 16) Vamos para a sala, acender o gás, que tenho o que fazer.] (T. B. 1889, p. 4, l. 28-29): Vamos para a sala, acender o gaz que tenho que fazer.;

(T. A. 2023, p. 16, l. 18) Ó, Maria, fecha esta janela!] (T. B. 1889, p. 4, l. 32): O’ Maria fecha esta janella!;



(T. A. 2023, p. 16, l. 23) mas deixa fechar a janela, que me constipo.] (T. B. 1889, p. 4, l. 39-40) mas deixa fechar a janella que me constipo.;

(T. A. 2023, p. 16, l. 31) Ó, senhora que teima.] (T. B. 1889, p. 4, l. 54): O' senhora, que teima.;

(T. A. 2023, p. 16, l. 33) ora, essa não é má. Então por que é que não deixas a janela aberta?]  
(T. B. 1889, p. 4, l. 56-57): ora essa não é má. Então porque é que não deixas a janella aberta?;

(T. A. 2023, p. 17, l. 35-36) Rapariga, continuou ele, voltando-se para a criada, (...).] (T. B. 1889, p. 5, l. 60-61): Rapariga, continuou elle voltando-se para a criada, (...);

(T. A. 2023, p. 17, l. 40) (...) que pode fazer mal à minha avó (...).] (T. B. 1889, p. 5, l. 68-69): (...) que póde fazer mal a minha avó (...).;

(T. A. 2023, p. 17, l. 54) candeeiro] (T. B. 1889, p. 5, l. 93): candieiro;

(T. A. 2023, p. 17, l. 59) Ó, filha] (T. B. 1889, p. 5, l. 98): O' filha;

(T. A. 2023, p. 17, l. 60) então essa rabugice, que é?] (T. B. 1889, p. 5, l. 101-102): então essa rabugice que é?;

(T. A. 2023, p. 17, l. 61) Ora, que tolice (...).] (T. B. 1889, p. 5, l. 103): Ora que tolice (...).

(T. A. 2023, p. 17, l. 62) não falemos mais nisso, que podes ter um chilique... (T. B. 1889, p. 5, l. 105-106): não falemos mais nisso que pódes ter um chilique...;

(T. A. 2023, p. 18, l. 72) “dize tu, direi eu” ] (T. B. 1889, p. 5, l. 125): « dize tu, direi eu »;

(T. A. 2023, p. 18, l. 77) tomou a bênção] (T. B. 1889, p. 5, l. 133): tomou abenção;

(T. A. 2023, p. 18, l. 83) Por isso os velhos, compreendendo a graciosa tática da neta, disseram (...)!] (T. B. 1889, p. 5, l. 142-143): Por isso os velhos compreendendo a graciosa tática da neta, disseram (...)!;

(T. A. 2023, p. 18, l. 85) ela, que encontrara entre portas o afilhado, disse-lhe (...) (T. B. 1889, p. 5, l. 145-146): ela que encontrara entre portas o afilhado, disse-lhe (...).

“Os escravos”

(T. A. 2023, p. 19, l. 24) iluminados] (T. B. 1890, p. 3, l. 51): iluminadas;

(T. A. 2023, p. 19, l. 27) executando] (T. B. 1890, p. 3, l. 60): excutando;

(T. A. 2023, p. 20, l. 34) (...) pensava eu, contemplando esses vultos (...) (T. B. 1890, p. 3, l. 76-77): (...) pensava eu contemplando esses vultos (...).

“Santa!”

(T. A. 2023, p. 21, l. 5) — Vamos!] (T. B. 1890, p. 2, l. 4): Vamos!;

(T. A. 2023, p. 21, l. 18) (...) dizia-lhe o marido, beliscando-lhe os braços;] (T. B. 1890, p. 2, l. 34-35) dizia-lhe o marido beliscando-lhe os braços;

(T. A. 2023, p. 22, l. 53) — Em quê?] (T. B. 1890, p. 2, l. 112): — Em que?;

(T. A. 2023, p. 23, l. 97) *écuyère*] (T. B. 1890, p. 2, l. 206): *ecuyére*;

(T. A. 2023, p. 24, l. 125) Wanda, torcendo-se no banco, enfiou a cabeça pela janelinha (...) (T. B. 1890, p. 2, l. 268-269): Wanda torcendo-se no banco, enfiou a cabeça pela janellinha (...);

(T. A. 2023, p. 25, l. 136-137) Ainda outro dia me disse a velhota: “— só não é feliz quem não quer ser!”] (T. B. 1890, p. 2, l. 293-295): Ainda outro dia me disse a velhota: só não é feliz quem não quer ser!;

(T. A. 2023, p. 25, l. 163) Ela parecia insensível; e, como nesse momento concebesse uma ideia risonha, chegou mesmo a sorrir.] (T. B. 1890, p. 2, l. 356-359) Ella parecia insensível: e, como n'esse momento concebesse uma idéa risonha, chegou mesmo a sorrir.;

(T. A. 2023, p. 25, l. 167) Doía-lhe] (T. B. 1890, p. 2, l. 365): Doia-lha.

#### “Narração do espírito”

(T. A. 2023, p. 27, l. 21) sala ao fundo] (T. B. 1891, p. 3, l. 42): sala ao funde;

(T. A. 2023, p. 28, l. 42) o amigo] (T. B. 1891, p. 3, l. 98): o amiga;

(T. A. 2023, p. 28, l. 43) ele] (T. B. 1891, p. 3, l. 99): ella;

(T. A. 2023, p. 28, l. 52) Frase por frase, ponto por ponto, é a mesma cousa!] (T. B. 1891, p. 3, l. 121-123): Frase por frase, ponto por ponto é a mesma cousa!;

(T. A. 2023, p. 29, l. 72) “— A minha (...)”] (T. B. 1891, p. 3, l. 166): — A minha (...);

(T. A. 2023, p. 29, l. 83) alegrou-me a morte de meu pai] (T. B. 1891, p. 3, l. 195-196): alegrou-me á morte de meu pai;

(T. A. 2023, p. 29, l. 84-85) e adejei em torno do cadáver do rei, em torno da sua coroa de ouro, em torno do seu catafalco, (...) ] (T. B. 1891, p. 3, l. 199-201): e adejei em torno do cadaver do rei em torno da sua coroa de ouro, em torno do seu catafalco, (...);

(T. A. 2023, p. 29, l. 88-91) em uma virgem honesta e delicada, sensível a ponto de morrer de amor; em um ladrão de estrada; em uma religiosa dedicada e crente; em um sábio de que a humanidade venera e adora o nome; em um poeta; e em um *clown*! (T. B. 1891, p. 3, l. 209-215): em uma virgem honesta e delicada sensível a ponto de morrer de amor; em um ladrão de estrada em uma religiosa dedicada e crente, em um sabio de que a humanidade venera e adora o nome, em um poeta e em um *clown*!

(T. A. 2023, p. 29, l. 96-97) os outros personagens, as outras terras, o outro amor, (...)] (T. B. 1891, p. 3, l. 227-229): os outros personagens, as outras terras o outro amor, (...);

(T. A. 2023, p. 29, l. 97) a mãe que me abraça] (T. B. 1891, p. 3, l. 229-230): a mãe quem abraça;

(T. A. 2023, p. 29, l. 99) (...) apaga!”] (T. B. 1891, p. 3, l. 235): (...) apaga!;

(T. A. 2023, p. 30, l. 107) assistir às sessões] (T. B. 1891, p. 3, l. 351): assistir as sessões;

#### “O frasco de lilás”

(T. A. 2023, p. 31, l. 13) *rêves*] (T. B. 1891, p. 2, l. 21): *reves*;

(T. A. 2023, p. 31, l. 14-16) Realmente, desde que se derramou por sobre mim esse dedal de água cristalina, foi como se um mundo de imagens e devaneios graciosos, grotescos, lindos ou extravagantes, rolasse como fumo pela minha pobre cabeça até então vazia (...)! (T. B. 1891, p. 2, l. 21-27): Realmente desde que se derramou por sobre mim esse dedal de agua crystalina, foi como se um mundo de imagens e devaneios graciosos, grotescos, lindos ou extravagantes rolasse como fumo, pela minha pobre cabeça até então vasia (...)!;

(T. A. 2023, p. 31, l. 21-22) (...) eu lhe digo: “— Vai-te! perturbas-me! vai-te! entonteces-me! Vai-te! Vai-te!” (T. B. 1891, p. 2, l. 35-37): (...) eu lhe digo: — «Vai-te! perturbas-me! vai-te! entonteces-me! Vaite! Vaite! »;

(T. A. 2023, p. 31, l. 29) rechonchudos] (T. B. 1891, p. 2, l. 49): rochonchudos;

(T. A. 2023, p. 32, l. 39) (...) se comparar instintivamente às pessoas que a rodeiam (...)] (T. B. 1891, p. 2, l. 67-68): (...) se comparar instintivamente as pessoas que a rodeiam (...);

#### “A carta do morto”

(T. A. 2023, p. 34, l. 27) Ela, porém, ignorava tudo.] (T. B. 1891, p. 2, l. 53): Ella porém ignorava tudo.;

(T. A. 2023, p. 35, l. 48) Por fim, (...).] (T. B. 1891, p. 2, l. 98): Por fim (...).;

(T. A. 2023, p. 35, l. 50) que não ocultasse nenhum dos seus atos ao marido, pois que a mentira suja mais a língua da mulher do que uma placa de lodo infecto e negro pode sujar a asa cândida de uma pombinha branca.] (T. B. 1891, p. 2, l. 102-107): que não occultasse, nenhum dos seus actos ao marido, pois que a mentira suja mais a lingua da mulher, do que uma placa de lodo infecto e negro póde sujar a aza candida de uma pombinha branca.;

(T. A. 2023, p. 35, l. 66) *ménage*] (T. B. 1891, p. 2, l. 132): *menage*;

(T. A. 2023, p. 36, l. 93) à meia voz] (T. B. 1891, p. 2, l. 194): a meia voz;

(T. A. 2023, p. 37, l. 127) (...) pousou o revólver à pequena distância (...).] (T. B. 1891, p. 2, l. 264-265): (...) pousou o revólver a pequena distancia (...).;

#### “Lágrimas tardias”

(T. A. 2023, p. 39, l. 9-10) Por quê? Vão lá saber por quê!] (T. B. 1892, p. 1, l. 15): Por que? Vão lá saber por que!;

(T. A. 2023, p. 40, l. 46) pior] (T. B. 1892, p. 1, l. 91): peior;

(T. A. 2023, p. 40, l. 51) Já havia muito que a sociedade que ele frequentava lhe deixava perceber o seu desagrado.] (T. B. 1892, p. 1, l. 100-102): Já havia muito que a sociedade que elle frequentava, lhe deixava perceber o seu desagrado.;

(T. A. 2023, p. 40, l. 64) pra] (T. B. 1892, p. 1, l. 123): p'r'a;

(T. A. 2023, p. 41, l. 84) *ménage*] (T. B. 1892, p. 1, l. 163): *menage*;

(T. A. 2023, p. 42, l. 115) “— Veremos amanhã!”] (T. B. 1892, p. 1, l. 229-230): — Veremos amanhã!;

(T. A. 2023, p. 42, l. 118-119) “Foi mais feliz do que muitas outras...”] (T. B. 1892, p. 1, l. 234-235): « Foi mais feliz do que muitas outras... »;

“Duas almas”

(T. A. 2023, p. 43, l. 1-3) DUAS ALMAS/I/Na penumbra (...)] (T. B. 1895, p. 1, l. 1-3): Duas almas/Na penumbra (...);

(T. A. 2023, p. 43, l. 16) Sim, Deus do céu, eu tenho miserável medo de ir para junto dos meus mortos!] (T. B. 1895, p. 1, l. 25-27): Sim, Deus do céu, eu tenho miseravel ! medo de ir para junto dos meus mortos!;

(T. A. 2023, p. 44, l. 34; 39) Quando eu passo, dizem os outros: “— Lá (...)!”] (T. B. 1895, p. 1, l. 66; 79): Quando eu passo, dizem os outros: Lá vai (...)!;

(T. A. 2023, p. 44, l. 45) rodeei de flores] (T. B. 1895, p. 1, l. 92-93): rodeei da flores;

(T. A. 2023, p. 44, l. 47-48) Ser velha e não ter fé é o pior dos suplícios;] (T. B. 1895, p. 1, l. 98-99): Ser velha e não ter fé, é o peior dos supplicios;

(T. A. 2023, p. 44, l. 60) *¡Dichoso ser! ¡Muere con el consuelo de pensar que morir es ir al ciclo!*] (T. B. 1895, p. 1, l. 118-119): *Dichoso ser! Muere con el consuelo de pensar que morir es ir al ciclo!*

(T. A. 2023, p. 44, l. 63-64) Por detrás das sedas roçagantes da velha marquesa, lá para os fundos da igreja, entre os farrapos do seu vestido de chita, reza de mãos postas uma mulher magríssima, (...).] (T. B. 1895, p. 1, l. 121-125): Por detrás das sedas roçagantes da velha marquezza, lá para os fundos da igreja entre os farrapos do seu vestido de chita, reza de mãos postas uma mulher magrissima (...).;

(T. A. 2023, p. 44, l. 66) — Senhor!] (T. B. 1895, p. 1, l. 127): « Senhor!;

**Obs.:** Com fins de homogeneização, como a fala da marquezza não estava inserida entre os símbolos “«»”, eles foram removidos da fala posterior da senhora humilde também.

(T. A. 2023, p. 44, l. 74) <tarda>] (T. B. 1895, p. 1, l. 147): t[...]da;

**Obs.:** Foi necessário completar a palavra por conjectura, pois ela estava apagada devido à ação do tempo no jornal.

(T. A. 2023, p. 45, l. 75) (...) Vós!] (T. B. 1895, p. 1, l. 149): (...) Vós! »;

#### “A pobre pastora”

(T. A. 2023, p. 46, l. 16-17) “Chico casa-se, agora pelo mês de maio, com alguma daquelas moças de vestido branco e sapatinhos baixos”; ou então: “Chico morreu”...] (T. B. 1897, p. 1, l. 26-30): «Chico casa-se, agora pelo mez de maio, com alguma d’aquellas moças de vestido branco e sapatinhos baixos»; ou então: «Chico morreu»...;

(T. A. 2023, p. 46, l. 23) (...) levar flores à Nossa Senhora?] (T. B. 1897, p. 1, l. 40-41): (...) levar flores a Nossa Senhora?;

(T. A. 2023, p. 46, l. 30-31) O timbre da minha voz é claro e doce, e as palavras saíam também cheias de unção religiosa!] (T. B. 1897, p. 1, l. 53-55): O timbre da minha voz é claro e doce e as palavras saíam também cheias de unção religiosa!;

(T. A. 2023, p. 47, l. 58-60) Qual deles me amaria, se, em vez de rainha suntuosa, eu fosse cabreira humilde, e, em vez de sedas e de veludos, envolvesse o meu corpo branco em lãs grosseiras e ásperos algodões? (T. B. 1897, p. 1, l. 110-114): Qual d’elles me amaria, se em vez de rainha sumptuosa eu fosse cabreira humilde, e em vez de sedas e de velludos envolvesse o meu corpo branco em lãs grosseiras e asperos algodões?]

(T. A. 2023, p. 48, l. 69) Cantavam patativas na paineira, e, de fora da porta, Chico dizia com alegria e ternura:] (T. B. 1897, p. 1, l. 130-132): Cantavam patativas na paineira e de fóra da porta Chico dizia com alegria e ternura.;

(T. A. 2023, p. 48, l. 72) dentre as grinaldas (T. B. 1897, p. 1, l. 136-137): d’entre ás grinaldas;

“A casa dela”

(T. A. 2023, p. 49, l. 1-5) A CASA DELA/I/PÁGINAS DE UMA CARTEIRA] (T. B. 1898, p. 227, l. 1-3): A casa d’ella/(Paginas de uma carteira);

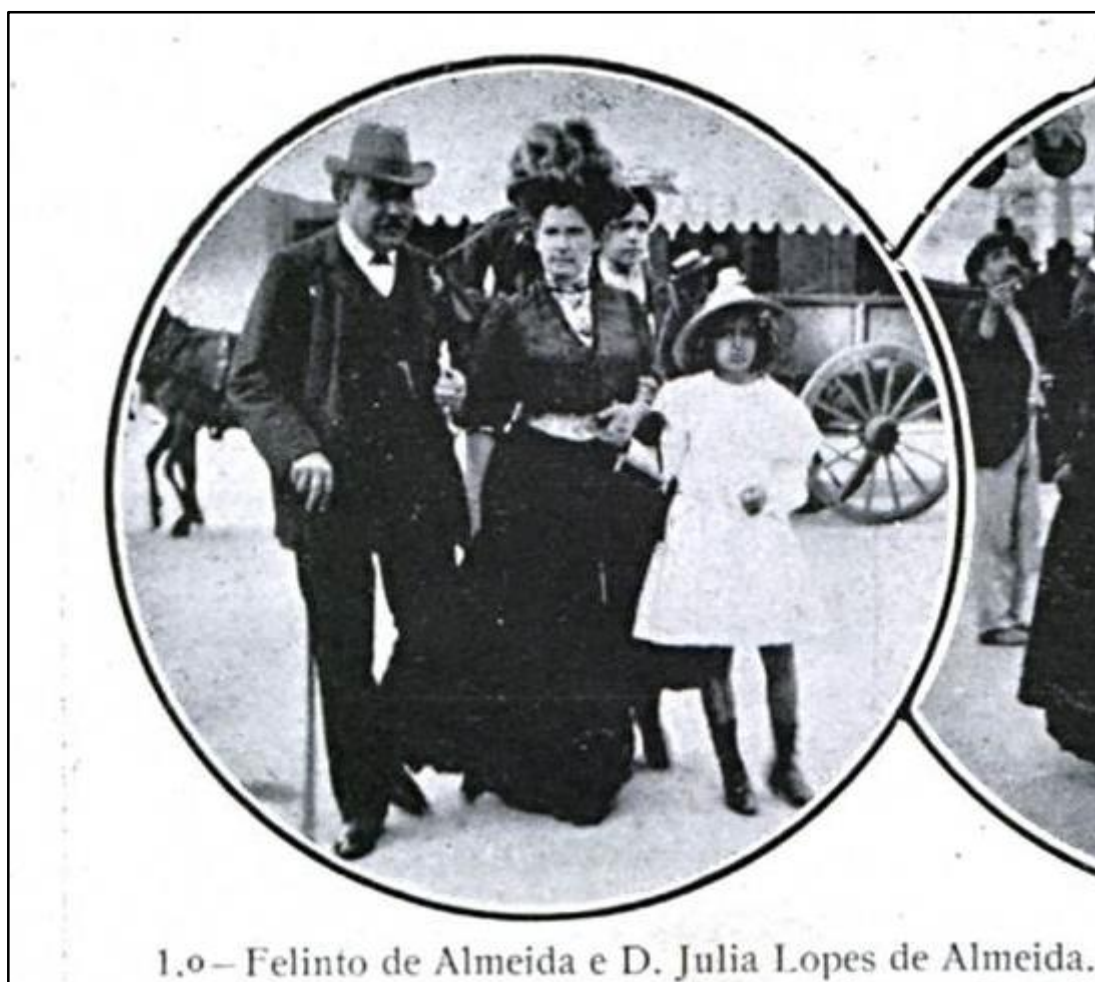
(T. A. 2023, p. 49, l. 10; 33) “Dir-se-ia (...)”] (T. B. 1898, p. 227-228, l. 10; 52): «Dir-se-hia (...)»;

**Obs.:** Quase todos os parágrafos de ambos “Páginas de uma carteira” e “Simpatia d’almas” estão precedidos por “«”, tendo esse símbolo sido finalizado, “»”, ao fim de cada um desses contos. Por fins de homogeneização, foram aplicadas aspas apenas na primeira e última marcação de tais símbolos, e eles foram removidos.

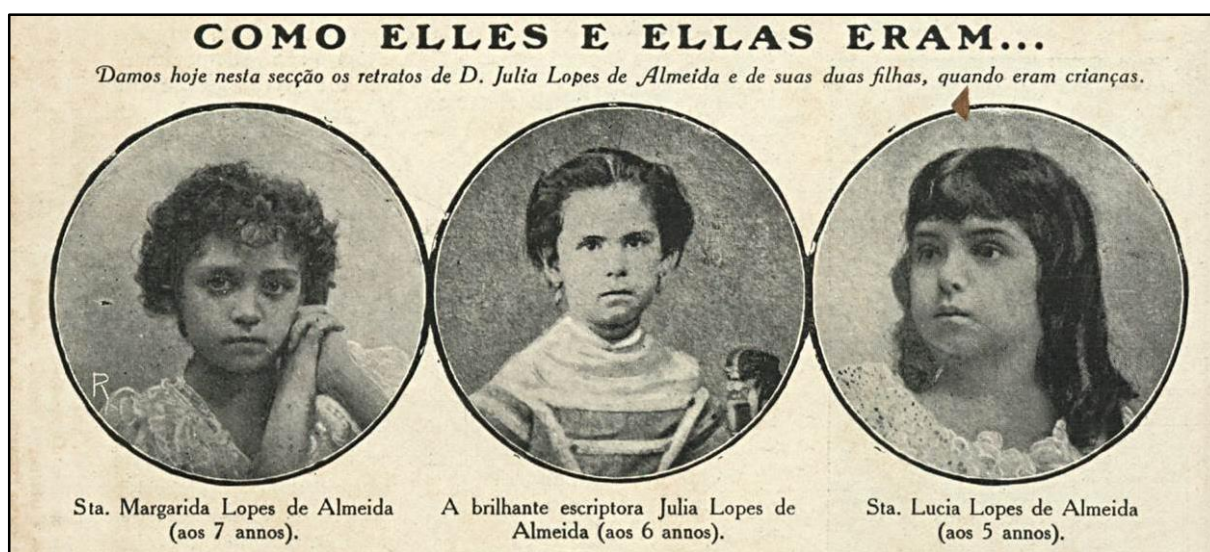


## ANEXOS

## ANEXO A – O CASAL “JULINTO” E UMA DE SUAS FILHAS



Fonte: *Fon Fon* (1908, s. p.). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/1222>. Acesso em: 18 mai. 2022.

**ANEXO B – RETRATOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E SUAS FILHAS**

Fonte: *Fon Fon* (1917, s. p.). Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/27817>. Acesso em: 18 mai. 2022.

ANEXO C – BANQUETE OFERECIDO EM HOMENAGEM À JÚLIA LOPES DE  
ALMEIDA EM PARIS



Aspecto do banquete oferecido á escriptora brasileira D. Julia Lopes de Almeida no Mac-Mahon Palace Hotel em testemunho de sympathia litteraria, pelo *comité* presidido por Mme Jeanne Catulle Mendés e sob o patrocínio de Daniel Lesueur, *vice-présidente da Société des Gens de Lettres, Officier de la Légion d'Honneur*, Condessa de Martel, Alphonse Daudet, Adolphe Brisson, *Chevalier de la Légion d'Honneur*, Georges de Peyrebrune, Séverine, Edmond Rostand, Marcelle Tinayre, Jean Richepin, Jean Bertheroy, Rachilde, Aurel, Gabrielle Réval, Annie de Pène, Myriam Harry, Camille du Gast, Fernand Gregh, Rosita Matza, C. de Broutelles e Berthe Dangennes. A' direita da meza, vêm-se Daniel Lesueur, (a quarta, da esquerda para a direita) D. Julia Lopes de Almeida, (6.º lugar) Mme Jeanne Catulle Mendés, Medeiros e Albuquerque, Séverine, Olavo Bilac e Senador Epitacio Pessoa.

Fonte: *Fon Fon* (1914, s. p.). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/17234>. Acesso em: 18 mai. 2022.



ANEXO D – *SOIRÉE* OFERECIDA EM HOMENAGEM À JÚLIA LOPES DE  
ALMEIDA NO SALÃO DO *JORNAL DO COMÉRCIO*

**Notas Litterarias**

*D. Julia Lopes de Almeida*



A escriptora D.<sup>a</sup> Julia Lopes de Almeida, festejada romancista e chronista, á qual foi offercida uma brilhante *soirée* litteraria por um grupo de admiradores, no dia do seu anniversario natalicio — Aspecto do salão nobre do *Jornal do Commercio* onde realisou-se a festa.

Fonte: *Fon Fon* (1915, s. p.). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/22688>. Acesso em: 18 mai. 2022.

ANEXO E – CONFERÊNCIA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO SALÃO DO  
*JORNAL DO COMÉRCIO*



Fonte: *Fon Fon* (1915, s. p.). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/20399>. Acesso em: 18 mai. 2022.